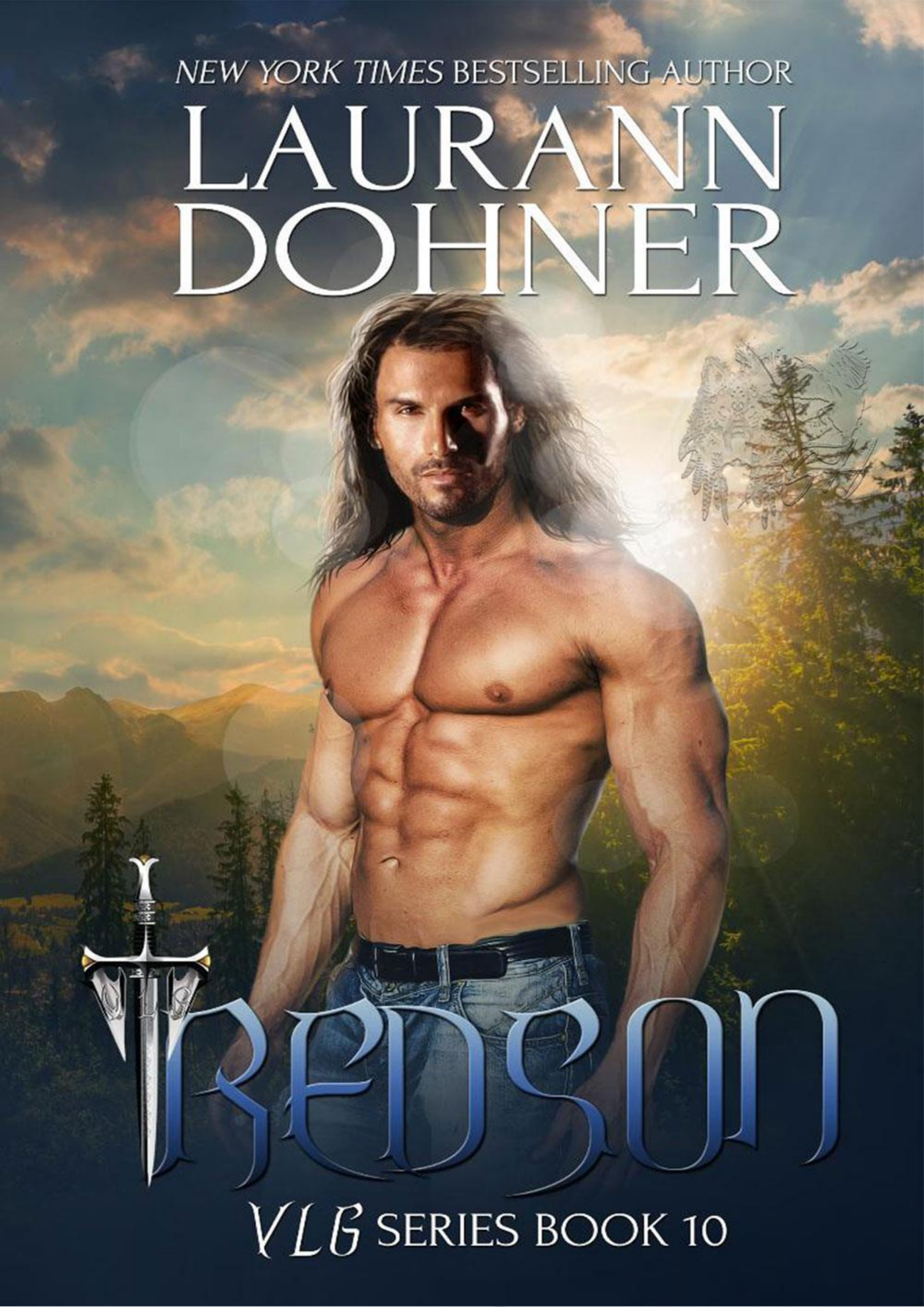

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
LAURANN DOHNER
REESON
VLG SERIES BOOK 10



Aviso 1

Essa tradução foi feita pelo grupo Shifter's Homeland, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book.

O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



Aviso 2

Nunca comente com o autor ou seus conhecidos que leu o livro do mesmo em português, e muito menos envie o arquivo ou cite o nome do grupo que fez a tradução.

Se quer continuar a ter acesso aos livros que não tem nenhuma previsão de lançamento no Brasil, mantenha sua boca e dedos calados.

Respeite o nosso trabalho voluntário e se realmente quiser ajudar o autor, compre um livro dele para contribuir, os autores vivem disso e temos que a fazer nossa parte. Você pode adquirir no formato e-book em vários sites oficiais, assim vai ajudar o grupo e aos nossos amados autores.

Não publique nossas traduções em Sites, Wattpad, Facebook, Blogger ou qualquer lugar público na internet.

Faça sua parte e terá leitura por muito tempo!



Equipe Shifter

TRADUÇÃO MECÂNICA

Mih

TRADUÇÃO

Ivy, Claudia, Calina, Sara, Sonia

REVISÃO INICIAL

Silvia H.

REVISÃO FINAL

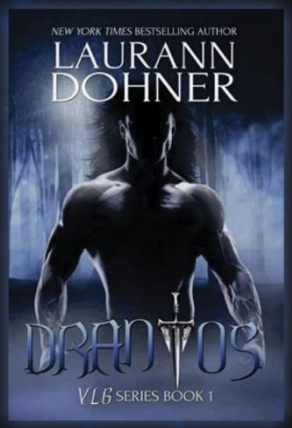
Bec Deveraux Monteiro

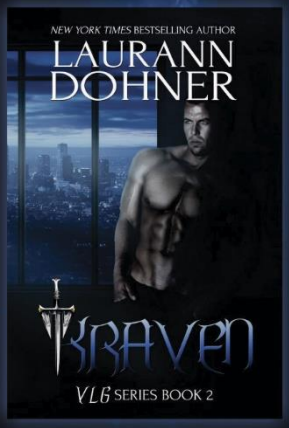
LEITURA FINAL

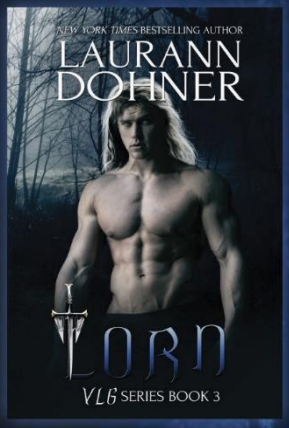
Anton Brac

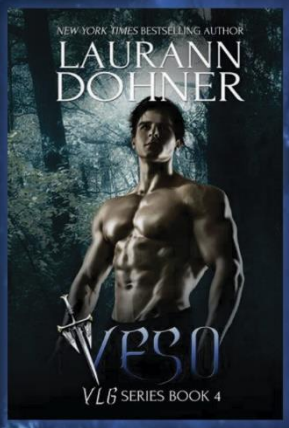
FORMATAÇÃO

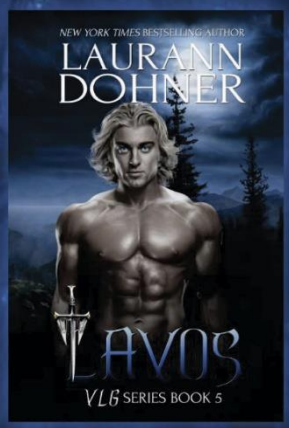
Bec Deveraux Monteiro

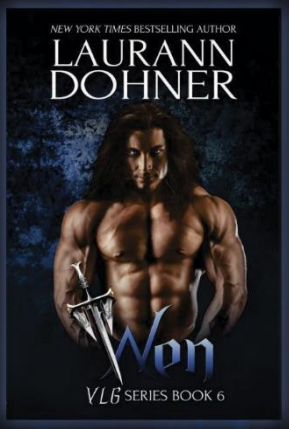




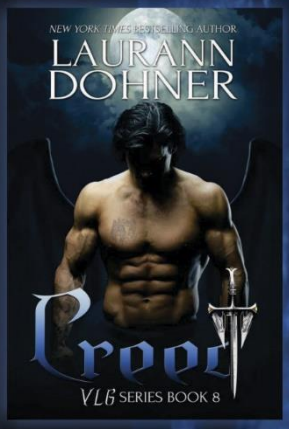


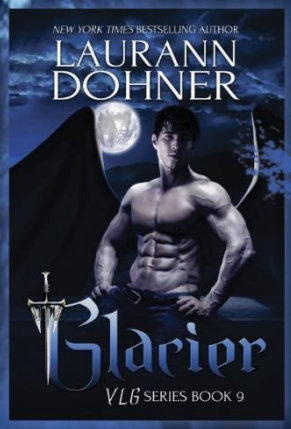






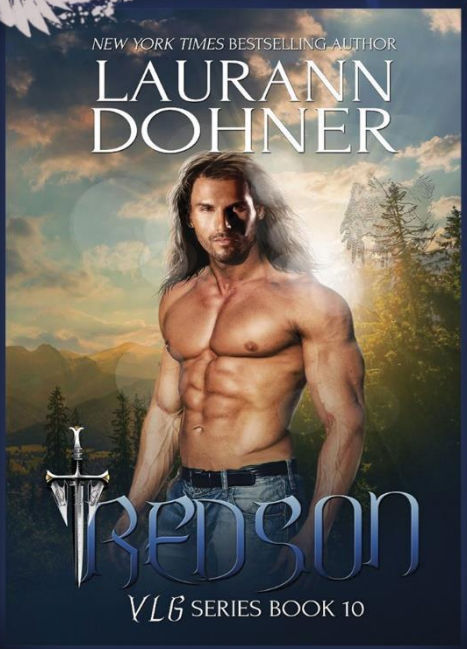






DISTRIBUIDOS

SHIFTERS HOMELAND



SH

Lançamento!

SÉRIE VLG
LAURANN DOHNER

Sumário

Prólogo 8
Capitulo Um 14
Capitulo Dois 33
Capitulo Três 55
Capitulo Quatro 75
Capitulo Cinco 106
Capitulo Seis 126
Capitulo Sete 147
Capitulo Oito 169
Capitulo Nove 188
Capitulo Dez 203
Capitulo Onze 224
Capitulo Doze 239
Capitulo Treze 256
Capitulo Catorze 271
Capitulo Quinze 289
Fim 299



Resgatada quando criança por seu avô, o poderoso Vampiro Malachi, Emma tem fugido por quase quarenta anos de um Vamp determinado a ver ambos mortos. Quando ele procura ajuda dos assassinos do Conselho de Vampiros, eles ficam sem sorte. Forçados a se separarem, Malachi envia Emma para um confiável VampLycan em busca de proteção.

Redson reconhece um problema quando vê e claro, a bela mulher humana procurando abrigo, imediatamente interrompe seus planos futuros. Seu pai fez um juramento por pacto de sangue com o avô dela e Red se compromete de forma honrosa a protegê-la. Ele é surpreendido quando seus instintos demandam muito mais, protegê-la... reivindicá-la... acasalar...

A atração entre eles é explosiva, mas Emma se recusa a considerar o acasalamento enquanto seu avô está em perigo. Ela precisa da ajuda de Red... mas seria ele o salvador de Malachi? Ou seria sua maior ameaça?

Redson — VLG — Livro 10

Lauraann Dohner Copyright © junho 2018

Prólogo

Trinta e seis anos no passado

Emma encarou horrorizada sua vizinhança. Alguém arrastou uma poltrona reclinável para a rua e prendeu fogo. Uma casa no final da rua também tinha chamas subindo das janelas do andar de cima. Um fraco grito soou próximo. Sua mãe xingou baixinho.

Dois homens surgiram do nada. Eles tinham pele pálida e estavam vestidos de preto com bonés combinando. Ambos lembravam Emma de ladrões que viu em filmes na televisão, menos os rostos com máscaras.

Sua mãe saltou entre ela e os homens.

— Por que estão fazendo isso? Não tem permissão para nos atacar! — A voz de sua mãe se elevou em fúria e buscou algo atrás de si, tirando uma longa lâmina que estava presa no cinto de sua saia na altura do cós. — Estamos sob a proteção do Mestre Malachi. Pare isso, Eduardo.

Um dos homens assustadores deu um passo à frente. Emma viu as presas afiadas e o sangue que cobria suas bochechas e lábio inferior. — Nós não recebemos mais ordens dele. Está mais suave.

— Isso está errado! — Gritou a mãe de Emma. — Deixei estas pessoas em paz. Você está tentando chamar atenção de sua espécie? Não pode atacar humanos sem ter consequências. Está matando-os!

— Nossa espécie? Você não é *nada* como eu. Esses humanos estão abrigando alguns bastardos híbridos. Eles merecem a morte! — Ele cuspiu sangue no chão, mas então um sorriso frio curvou seus lábios. — Você me ofende, Kallie. Consigo imaginar por que Malachi quer mantê-la por perto, mas você é uma abominação que não aceitarei mais.

— Acha que ele não o matará por isso?

— Ele me fez. Sou o escolhido! — Eduardo rosnou. — Seu nascimento foi um erro. É a *sua* criança se escondendo atrás de você?

A mãe de Emma balançou a cabeça. — Apenas cuido dela. Pare a matança de meus vizinhos. Eles nem sabe o que nós somos.

— Você deveria saber da historia. — Eduardo desembainhou uma espada. — A vida não é justa e pessoas morrem a todo o momento por tomarem decisões erradas. Eles merecem ser dizimados. Arrancarei sua cabeça e sugarei sua criança até secar.

Um rosnado ecoou pela noite e outro homem assustador avançou. Esse não estava vestido como os outros e não tinha nada para esconder a cabeça. Tinha longos cabelos brancos, usava jeans surrado e um suéter cinza, segurava duas longas espadas em cada mão. Emma o viu antes. Ele às vezes aparecia tarde da noite quando ela deveria estar dormindo. Sua mãe dela o levava para dentro de casa e eles conversavam em sussurros.

— Eduardo! — Sua voz grave e estrondosa soou assustadora. — Eu lhe proíbo de ataca-los. Pare com este absurdo de uma vez!

O que ameaçava sua mãe dela girou para encará-lo. — Eu não o ouço mais. E não confio neles estando tão perto do nosso covil, Malachi. Não me importo com *quem* ela é para você. Eles poderiam nos matar enquanto dormimos!

O homem de cabelos brancos se moveu rapidamente, segurando o outro pela garganta e o jogando para longe. O corpo voou por uns bons cinco metros até que acertou uma árvore. Ele então atacou o segundo homem. Apertou os punhos das espadas em cada mão, passando-as por ele. A segunda espada cortou sua cabeça. Atingiu o chão e rolou. O corpo se transformou em cinzas brancas, sopradas para longe pelo vento suave.

Emma gemeu.

— Corra. — Sibilou suavemente a criatura de cabelos brancos, encarando sua mãe dela. — Não conseguirei segurar todos eles. Estão aliados com outro covil. Pegue a criança e o manterei longe de você.

— Não consegue impedi-los? — Sua mãe abaixou a arma.

— Há muitos deles. Os meus se recusam a receber minhas ordens. Eduardo os deixou paranoicos e se viraram contra nós. Sinto pelo menos duas dúzias de vampiros desconhecidos vindos do outro covil. Esses idiotas começaram o fogo nas ruas nesta direção. Sua única chance é pela floresta. Corra, Kallie. Pegue a criança e vá. — Agonia distorceu suas feições. — Sinto muito. Pensei que isso poderia funcionar. Nunca deveria ter juntado os covis. Acreditei que você

estaria mais segura sob nossa proteção. Ao invés disso, colocou ambas em perigo.

— Estão atrás de mim. — Sua mãe olhou para trás, lagrimas escorrendo por seu rosto. — Eu te amo, Emma. Lembra-se disso, bebê. Faça tudo o que este homem disser. Sempre confie nele. Não é malvado e fará qualquer coisa para protegê-la.

— Kallie. — O homem deu um passo à frente, mas sua mãe se afastou.

— Vou distrai-los e levá-los para longe. Você é rápido o suficiente para despistá-los. Leve-a para segurança. Ela é o que realmente importa. Eu te amo. — Sua mãe correu até o final da rua em direção ao grupo de homens que avistou. — Aqui!

— Não. — Gritou o homem de cabelos brancos. — Não!

Mais dos homens vestidos de preto correram do outro lado para bloquear e cercar sua mãe. O homem loiro girou, correndo como um raio em direção a Emma. Deixou cair suas armas e a ergueu do chão. — Segure-se minha querida. Apoie sua cabeça no meu peito.

Lagrimas cegavam Emma. O estranho homem loiro a segurou firmemente em seus braços e correu como se suas vidas dependessem disso. Ela olhou para o lado mais uma vez, mas ele se movia tão rápido que a fez ficar enjoada.

Os gritos cessaram e a escuridão os envolveu. Às vezes ela o sentia pular, uma sensação de queda, até aterrissarem. Os braços dele amorteciam o pior de tudo.

Pareceu durar para sempre até que pararam. Ele se curvou, colocando-a de pé. Então se sentou colocando-a em seu colo. O som dos seus leves soluços e seu peito pesado lhe dizia que chorava. Ele acariciou suas costas.

— Esta quase amanhecendo e estamos dento de uma caverna. Eles não nos encontrarão. Você está segura, Emma.

— Onde está a mamãe?

Ele fungou. — Ela te ama muito. Quer saber um segredo?

Ela não tinha certeza, pressentindo que era algo para se temer. Sua mãe avisou sobre a pele pálida de homens que poderiam aparecer à noite. Eles eram coisas que poderiam sumir com as pessoas para sempre. Confundia que sua mãe quisesse que ela confiasse em um deles.

— Eu sou seu avô, pequenina. Sua mãe foi... — Ele fungou forte novamente. — Ela *é* minha filha. Talvez tenha fugido deles. Sempre foi uma boa lutadora. Eu a treinei. Irá se encontrar conosco mais tarde. Sabe para onde a levarei. Viajaremos assim que o sol se pôr, para um lugar mais seguro. Nada acontecerá com você. Nunca confie em um caminhante da noite.

Medo percorreu sua espinha. Ela estava cansada, com fome e assustada. — Você é um deles.

Ele acariciou as costas dela novamente e a abraçou mais apertado junto ao seu grande corpo. — Mas sou seu avô. Então sou uma exceção. Morreria por você.

— Eu quero a mamãe.

— Eu sei bebê. — Ele fungou novamente. — Quero minha filha também. Contudo ela é rápida. É uma boa lutadora e precisamos ter fé de que conseguirá escapar.

Emma se aconchegou nele para se manter quente e finalmente dormiu. Sonhou com sua mãe, mas então os homens maus vieram. Acordou com braços fortes ao seu redor.

— Shush, pequenina. Estou aqui. Sempre estarei aqui. — Seu avô, um caminhante da noite, murmuro na escuridão.

Capítulo Um

PRESENTE

— *Emma!*

Ela quase caiu da escada por causa do susto. O pano de limpar pó acertou o chão, esquecendo seus planos dela de limpar as prateleiras. — Caramba, vovô! — Ela virou a cabeça, mas ele não estava no cômodo. Fechou os olhos, limpando sua mente e concentrou seus pensamentos. — *Você gritou*?

— *Nossos inimigos estão próximos. Consigo senti-los.*

Medo a percorreu. — *Não.*

— *Sim. A tecnologia moderna é um pesadelo. Eles estão vindo.*

Ela abriu os olhos e desceu da escada, saindo correndo da biblioteca. — *Onde você está?*

— *No meu quarto. Pegue sua bolsa.*

— *Quão perto eles estão?*

— *Muito perto. Estava distraído e não os notei antes.*

Ela cortou a conexão mental, correndo escada acima. Seu quarto era no primeiro andar à esquerda. Ajoelhou-se, jogando o braço debaixo da cama até

que sua mão encontrou a mochila de emergência. Um gemido escapou quando puxou a coisa pesada para fora e levantou-se, prendendo a alça. O zíper lateral já estava aberto e puxou um revólver.

— Vovô? — Ela usou a voz desta vez, muito cansada para tentar alcançá-lo pelo elo familiar enquanto saia do quarto. — Estou pronta.

Seu avô saiu como um raio do quarto, parecendo com tudo, menos velho com os cabelos brancos até os ombros, quase perfeito, com claros olhos azuis e vestindo uma regata e jeans apertado. Suas amigas sempre davam em cima dele, achando que eram irmãos. Isso nunca deixou de irritá-la.

Precisava admitir que era um homem atraente para quem tinha mais de quatrocentos anos de idade. Aparentaria para sempre ter vinte e poucos anos humanos, já que era um vampiro.

— Onde está sua mochila? — Ela franziu a testa.

— Eu os pressenti tarde demais. Já estão do lado de fora. Você precisa ir. Ficarei até estar seguro para escapar.

— Não! Nós iremos juntos!

A campainha tocou, como se combinado. Emma quase apertou o gatilho de puro terror.

— Calma. — Ele a segurou pelos ombros. — Esconda a mochila na passagem de fuga, sabe o que deve fazer. É minha escrava de sangue até que envie para fora do cômodo. Nós já conversamos sobre isso.

— Eu não posso! — O pânico ressurgiu.

— Eles nos cercaram. — Ele inclinou a cabeça. — Quatro estão na porta, mais seis se aproximando da casa. Sinto-os na colina. Estão também próximos demais das saídas para escaparmos. Mas você é jovem. Consegue fazer isso. Eles sentirão seu cheiro e continuarão procurando pela casa até a encontrarem. Precisa se esconder na frente deles.

— Sou péssima atuando!

— É claro que não. Eu a treinei bem. Você consegue.

Era fácil para ele dizer. Sempre parecia destemido. Pegou a mochila de seu ombro.

— Mas...

— Tarde de mais. Eles estão aqui, estamos cercados. Esconderei a mochila. Espere até amanhecer e fuja, a seguirei assim que for seguro. Não me faça controlar sua mente. Deixou-a doente da ultima vez.

A lembrança da forte enxaqueca e um dia inteiro vomitando acalmou-a um pouco. — Eu consigo fazer isso.

Ele riu. — Essa é minha garota.

A campainha tocou novamente e alguém bateu três vezes.

Ela se aproximou e inclinou a cabeça para o lado. — Faça.

Um sorriso triste surgiu em sua face. —Sinto muito.

— É uma emergência. Essa é a regra. Precisamos fazer parecer realista.

— Merda. — Os caninos dele se alongaram.

Emma tentou relaxar os músculos e apertou os lábios com força. Apenas faria a culpa piorar se fizesse qualquer som. Outra alternativa era ele lamber o pescoço dela até que a saliva na língua entorpecesse a área. Mas não queria que ambos tivessem que sofrer essa humilhação.

As presas de seu avô a machucaram quando a perfuraram. Ele somente a mordeu, não chegou a beber e se afastou imediatamente. Recusou-se a olhar para ela enquanto lambia seu dedo polegar, passando-o na ferida e fechando-a.

— Eles verão isso. Esconda sua mochila. Atenda a porta antes que a quebrem.

A ferida queimava um pouco, mas levaria menos de uma hora para se recuperar completamente. Desceu correndo a escada e empurrou os cabelos para deixar visível a marca. Parou em frente à porta. Uma olhada para cima a assegurou que seu avô não estava mais visível. Lentamente contou até quatro antes de inspirar profundamente.

— Quem é?

— Abra a porta! — Uma voz feminina a surpreendeu.

— Eu não tenho permissão para isso. — Ela deu alguns passos para longe da porta e se moveu para esquerda.

Em segundos alguém chutou a porta forte o suficiente para quebrar as travas e três vampiros entraram. Como se fossem os donos do lugar.

Emma engoliu seu medo ao ver o trio. A mulher era alta e levava a sério o estilo punk gótico. Os dois companheiros masculinos lembravam bandidos de meia idade, com buracos nos jeans e uma camisa de banda de rock brega.

A mulher encarou Emma e olhou sua garganta. Franziu o cenho e curvou os lábios para baixo. O quarto homem que seu avô sentiu provavelmente estava escondido do lado de fora, preparado para atacar se precisassem de ajuda.

— Onde está seu mestre?

— Eu nunca direi! — Emma se afastou mais.

A mulher avançou, mas seu avô limpou a garganta audivelmente, fazendo a Vamp enfurecida parar, fazendo-a sentir uma grande dor e agonia. Esta era uma grande entrada.

— Ousa invadir minha casa? Quem porra você? Fique longe da minha escrava de sangue.

Emma encarou seu avô enquanto ele apertava o corrimão, descendo a escada curva e parecendo a criatura mais assustadora que já viu. Com os caninos estendidos, a expressão cheia de raiva, sua voz baixa tinha um tom que dizia: *você está fodido e estou furioso*, que ele nunca usava com *ela,* mesmo quando fazia algo seriamente errado.

A sensação de ameaça irradiava dele e mesmo Emma não conseguia ignorar. Um arrepio correu sua coluna. Seu avô expressando sua idade e força, não era uma experiência saudável para os humanos que estavam por perto. E deveria causar um efeito pior nos Vampiros, julgando pela forma que os três intrusos se afastaram assustados.

A mulher parecia ser a líder e ela caiu de joelhos primeiro. Curvou a cabeça e os dois bandidos rapidamente a seguiram.

— Sinto muito. — A mulher sussurrou. — Não tínhamos a intenção de desrespeitá-lo.

— Besteira. — Gritou seu avô. — Você entra minha casa sem minha permissão e ameaça minha escrava.

A mulher olhou para cima. — Sou Paula. Sirvo ao Conselho dos Vampiros. — Ela fez uma pausa. — Vocês são desconhecidos para eles e fomos enviados para investigar.

— E quando arrombamento virou lei? — Gritou seu avô. — Eu provavelmente sou mais velho que todos os membros. Logo, querem que os sustente. Meu dinheiro é somente meu.

Paula balançou a cabeça e a manteve abaixada. — Não. Estamos procurando pícaros.

— E eu aparento ser um deles? Acha que invadi está casa e matei os donos? — Ele bufou. — Eu não sou um selvagem que coloca a nossa espécie em risco por romper as leis humanas ou faço com que sejamos investigados assassinatos. *Saiam.*

Ela não cedeu. — Nós procuramos por abrigo. Estamos longe dos covis conhecidos e buscamos abrigo para o dia.

Emma não ousou olhar para seu avô novamente. Manteve o olhar no chão, mas conseguia ver todos de lado. Um escravo de sangue de verdade não sentiria

muita curiosidade. Estavam muito quebrados para pensarem em algo além das exigências de seus mestres.

— Certo. Não quero que você tenha que buscar abrigo com meus vizinhos. Eles têm câmeras de segurança com link na internet com companhias de segurança de olho neles. O risco de serem pegos é muito alto. Mas não permitirei que fodam minha paz. Podem ficar durante o dia, mas então partirão.

Emma percebeu que seu avô estava tentando proteger as pessoas que viviam próximas a eles, implicando que os conhecia bem o suficiente para saber de seus sistemas de segurança. Isso deveria fazer com que os Vampiros não tentassem se alimentar deles. A ameaça dos Vampiros serem filmados em ação garantiria a segurança dos humanos. O Conselho transformaria em pó qualquer Vampiro que aparecesse nos noticiários por ser estupido o suficiente para expor ao mundo a existência deles.

— Mais de nós estão lá fora.

— Estou ciente. — Seu avô cruzou os braços sobre o peito. — Eu os senti vindo quilômetros de distancia. Vocês realmente deveriam trabalhar suas habilidades furtivas se são caçadores de pícaros. Se *fosse* um, teria fugido muito antes de terem chegado à porta. — Ele fez uma pausa. — Podem caçar uma refeição em minha floresta, mas evitem outras propriedades. As câmeras estão realmente em todo lugar. Estou aqui há um ano.

— Caçar? Você diz animais? Não tem sangue ensacado? — A mulher soou irritada.

— Não, eu não tenho. Eu me escondo bem dos humanos. Comprar sangue atrairia muita atenção. E também tenho mais de quatrocentos anos de idade. Sangue ensacado é coisa para vocês crianças modernas.

A mulher e os dois homens se levantaram do chão. Paula virou a cabeça olhando para Emma. Um rosnar baixo soou de um deles.

Ser observada daquela forma a fez se arrepiar, mas se recusou a levantar o olhar. Sabia como um rato deveria se sentir, cercado por três gatos famintos. Concentrou em sua respiração, para controlar o batimento cardíaco e sufocar o medo.

— Não. Ela é *minha*. — Seu avô anunciou com a voz fria. — É um tipo raro que consegui e não compartilho.

Paula se virou. — Há outros escravos?

— Mortos. Ainda não os substitui. Ela supre minhas necessidades. Você encontrará alguns animais grandes por perto. — Ele bufou. — Fique feliz que esteja oferecendo. Da próxima vez, envie uma carta pedindo abrigo se espera refeições quentes a sua disposição. Talvez você tenha passado muito tempo caçando pícaros e se esqueceu das boas maneiras.

Paula tentou protestar, mas seu avô a cortou. — Escrava, vá para meu quarto agora. Dispa-se e fique em minha cama. Tenho outras necessidades, além de seu sangue.

Emma fugiu, ignorando o *ecaaaaa* que surgiu com a sugestão. Ele a queria longe dos Vamp. Rapidamente saiu da vista dos outros, mas parou em um canto para ouvir.

— Nós precisamos de sangue humano. — Paula protestou.

— Você deveria ter trazido o seu próprio. Matei os quatro escravos que tinha. Estavam fracos e frágeis demais para qualquer um usar. Um deles quase queimou minha cozinha.

Emma estremeceu com a lembrança. *Ela* quem fez aquilo... mas o dano não foi muito grande. Estava cozinhando e usou muito fermento na mistura do bolo. A massa caiu sobre o fogão, pegando fogo. Conseguiu limpar boa parte das manchas de fumaça nas paredes e teto.

— Você deveria dividir a garota. — Um dos homens falou.

— Eu poderia, mas não vou. Ela é minha única fonte no momento. Não tenho por tempo suficiente para deixar que sangre até a morte. Não emprestaria a vocês minhas *roupas*, então certamente não dividirei minha escrava. — A voz dele se agravou. — Quem mais se aproxima?

Paula hesitou. — Ninguém.

— Você mente. — Seu avô a acusou.

— *Emma?* — A voz dele encheu sua mente. — *Vá para o telhado. É uma armadilha. Eduardo está vindo. Ele está com eles. Isso muda tudo. Evite nosso esconderijo. Último recurso.*

Terror a percorreu quando as lembranças de sua infância ressurgiram. Eduardo era o monstro que matou sua mãe, atacou a pequena cidade na qual moravam e mudou a vida dela para sempre. Também significava que não

poderia se esconder no mesmo Estado. Teria que fugir sozinha e seu avô não a seguiria neste momento.

— Emma! Responda. Pegue sua mochila e vá para o maldito telhado. Você sabe o que precisa ser feito. O sol surgirá logo e eles são jovens demais, precisarão de abrigo quando amanhecer. Não terão tempo para persegui-la nas montanhas.

Ela se forçou a acalmar e se concentrou. – *Ele não quer nada com você! Nós deveríamos fugir juntos. Não o abandonarei para enfrentar aquele filho da puta sozinho.*

—Tarde demais. Seis mais entraram na casa e dois estão de olho na escada. Vá. Eu te amo.

— Ele irá matá-lo!

— Pode tentar, mas falhará. Sou seu mestre. Você é uma fraqueza minha quando batalhamos. Ele sabe que quebrara nossas leis se tentar me matar na frente de Vampiros que não estão sobre o controle dele. O Conselho não gosta dos jovens que matam aqueles que o fizeram. Temem o mesmo destino. Essas crianças não foram feitas por Eduardo. Cheiram diferentes. Mova sua bunda e lembre-se do que sempre disse. Fique segura e lembre ao meu velho amigo o pacto de sangue que fizemos. Diga a verdade sobre quem você é e toda a situação. Vá! Eles estão se aproximando da escada.

—Eu te amo. É bom que venha me encontrar logo.

— É uma promessa. Você se parece muito com sua mãe. Eduardo não pode vê-la. Ele a mataria apenas para me machucar. Rápido! Eu te amo também, minha pequenina.

Emma abriu os olhos e moveu-se próxima à parede pelo corredor. Empurrou dois pontos com o dedo indicador e polegar, então passou silenciosamente pela porta que abriu. A porta se fechou atrás dela. Luzes automáticas se acenderam e ela levantou a mochila que estava no chão onde seu avô a colocou. Ao invés de descer a escada que dava para o porão, subiu a que dava para o telhado. O medo a deixava mais cautelosa, mas também incitava que se apressasse.

— Diga quando estiver pronta. Irei distrai-los. — A voz de seu avô teve um efeito calmante nela.

Subiu mais rapidamente, com medo do que poderia acontecer se ele lutasse contra todos aqueles Vampiros sozinho. Queria voltar, mas ele estava certo. Era sua única fraqueza. Eles eram rápidos e fortes demais para ela lutar contra. Iriam capturá-la e seu avô estaria a mercê deles para mantê-la viva. Era uma merda, mas era a realidade.

Ela chegou ao topo, abriu a tranca da porta que dava acesso e empurrou. A parte de cima se abriu e saiu para o telhado. Duas grandes chaminés estavam ali escondidas. Fechou a porta, se virou e colocou a mochila no ombro.

A lua brilhava acima, fazendo uma noite clara. Era uma benção e uma maldição. Veria melhor, mas também aqueles que estivessem no chão, uma vez que saísse da segurança das chaminés. As luzes da cidade estavam aninhadas no

vale bem abaixo. A casa deles ficava na floresta, no alto da colina e a visão sempre foi espetacular. Esta noite, deixava-a perto de um ataque de pânico.

— *Você está pronta?*

Ela fechou os olhos, passando seus pensamentos para o avô. — *Dê-me dois minutos e estarei fora daqui.*

— *Tenha cuidado.*

— *Odeio isso, apenas para constar.*

— *Eu sei.*

— *Eu teria asas de verdade se fosse feita para voar. Você tem certeza que ficará bem?*

— *Eu juro. Eles não ousarão me matar. Sou forte demais. Preciso de você longe, querida. É uma distração.*

— *Eu sei. Promete que ficará bem?*

— *Eu prometo. Agora vá. Dois minutos e contando. Ignore os barulhos que ouvir. Eduardo está falando com alguém na varanda da frente e estão para entrar na casa. Pouse em segurança.*

Ela segurou o dispositivo preso na chaminé com a mão direita e xingou baixinho enquanto tirava o plástico protetor. Uma vez livre, abriu a horrível engenhoca. O vento instantaneamente tentou tirá-lo de seus dedos, mas conseguiu manter o clipe nas correias e pisou nos arreios. Eles tinham praticado isso milhares de vezes.

— *Voe, anjo. Eu te amo. Ele está aqui.*

Ela percebeu mais em seus pensamentos. Sentiu o medo dele pela conexão... e fez uma pausa. — *Vovô?*

Ele não respondeu.

— *Vovô?*

Ainda sem resposta. Gritos discretos soaram abaixo. Horror a fez tropeçar para frente. O vento pegou nas asas largas do planador e a empurrou para frente. Tropeçou para evitar que fosse arrastada.

E então seus pés dela chegaram à borda do telhado.

Caiu e balançou loucamente, mas o vento alcançou o planador. Ele a arrastou junto. Planou sobre as árvores descendo a montanha. Medo a motivou a direcionar, mirando nas luzes da cidade.



— Senhora?

Uma mão acordou Emma de um pesadelo e encarou o motorista de ônibus com os olhos arregalados.

— Nós chegamos.

Não é um pesadelo, ela pensou, levantando do lugar onde colocou a mochila para se deitar. Encontrou o olhar do homem com um sorriso forçado.

— Obrigada.

Ele se virou, indo para frente. Ela segurou a mochila e olhou pelas janelas sujas do ônibus. O lugar parecia pequeno. Parecia mais uma armadilha para turista do que uma cidade de verdade. Suspirou, temendo o que quer que fosse enfrentar.

— Ótimo. O quão difícil deve ser achar um homem em uma cidade tão pequena?

Ninguém respondeu, já que ela estava sozinha no ônibus. Era um sinal ruim que ninguém quisesse visitar uma cidade tão remota. O ônibus apenas foi até ali porque ela pagou cem dólares ao motorista para sair da rota normal. Essa pequena cidade não estava na escala. Implorar, pedir e contar uma triste historia, além de muito dinheiro, fizeram sua parte.

Ela saiu do ônibus com a mochila sobre o ombro. O motorista conversava com um frentista enquanto ela caminhava em direção à loja de presentes na cidade. Parecia um lugar lógico para ir, já que o posto poderia fazer parte de uma cadeia. E precisava encontrar um residente.

Uma mulher morena, alta e bonita estava atrás do balcão, limpando um copo perto do caixa. A loja não tinha outros clientes. Emma aproximou-se bocejando. Pegou três voos, um trem e passou cerca de dezenove horas em meia dúzia de ônibus para chegar nessa cidade chamada Howl. Fome e exaustão cobravam agora seu preço.

— Como posso ajudar? — A mulher a olhou com escuros e intensos olhos negros.

— Espero que sim. — Ela respirou fundo. — Estou procurando um homem chamado Redwolf[1].

A mulher ficou tensa e os dedos segurando o tecido o apertaram. — Quem?

— Klackan Redwolf. Você o conhece?

— Quem é você? — A voz da mulher pareceu nervosa.

Um alarme soou em Emma e ela deu um passo para trás. Perigo irradiava da outra mulher. Emma podia sentir isso pela explosão de vento gelado. Seus instintos lhe disseram para fugir. Mas não recuou.

Ela engoliu em seco. — Eu sou a neta de um amigo dele. Fui enviada aqui.

Os olhos da mulher ficaram negros e a parte branca praticamente desapareceu. Emma sabia sem duvidas que ela encontrou um dos verdadeiros residentes da cidade.

— Quem é seu avô?

— Apenas posso falar com o Sr. Redwolf. — Ela deu outro passo para trás e ousou olhar ao redor da loja para ter certeza que ainda estavam sozinhas. Encontrou o olhar assustador da outra mulher. — Klackan Redwolf e meu avô são *realmente* amigos. Ele me enviou aqui com uma mensagem. Não é ameaçadora ou algo do gênero.

---

[1] Lobo Vermelho.

— Fale. — A outra mulher rosnou.

— Estou em perigo e o Sr. Redwolf deve um favor ao meu avô. — Ela disse. — Enviou-me aqui para ficar segura.

A mulher deu a volta no balcão, os movimentos muito suaves e fluidos para serem confundidos com os de um humano. — De quem? Que tipo de perigo a persegue?

Emma trombou em um cabideiro de vestidos e parou. — Vampiros. Não me seguiram, mas encontraram meu avô.

— Porra! — A mulher girou para longe. Pegou o telefone, mas manteve a atenção em Emma enquanto apertava os botões cegamente. — Não se mova. Você tem certeza que eles não a seguiram? Quem sabe que você veio aqui?

— Apenas meu avô. Eu fui cuidadosa.

— Sua espécie é estupida. Vocês cometem erros.

— Era o plano do meu avô. E ele é a pessoa mais esperta que conheço.

— *Todos* vocês são estúpidos. — Ela falou no telefone. — Uma mulher humana está na minha loja procurando por Klackan. Ela diz ser a neta de um amigo e que foi enviada por ele para proteção. — Ela fez uma pausa. — Vampiros. — Desligou e encarou Emma. — Se é uma ameaça muito para as sanguessugas. O que você fez?

— Nada. Não mereço ser caçada. Eles não serão capazes de me rastrear aqui. Fui cuidadosa e segui cada passo do plano de meu avô.

— Humanos não conhecem a mente daqueles bastardos.

Ela hesitou. — Ele conhece.

— Besteira! O que o faz um expert?

Emma não respondeu. Essa mulher realmente parecia odiar Vampiros.

—- Foi o que achei. Humanos estúpidos acham que sabem sobre nós. Por isso que é proibido falar sobre nossa espécie com os outros.

Elas tiveram uma competição de encarrar que Emma perdeu. A mulher a assustava. Um rosnado baixo veio da mulher. Talvez fosse necessária a verdade.

— Meu avô é um Vampiro. — Ela admitiu. — Ele tem me escondido deles desde que eu era bem pequena.

Choque brilhou nos olhos da outra mulher. — Isso é impossível. Vampiros não se reproduzem.

— Nós duas sabemos que isso não é completamente verdade. Você é prova disso, não é? Eu também.

Surpresa surgiu na expressão da outra mulher. — Apenas fique aí e espere. — A mulher olhou para ela enquanto o tempo parecia rastejar.

A porta da loja finalmente se abriu e um alto, assustador homem entrou abruptamente. A visão da torre de músculos masculinos com um bagunçado cabelo marrom fez Emma ofegar. Ele tinha braços enormes, como se levantasse peso o dia inteiro e o peito tão forte que poderia ser um tronco de árvore respirando. Os olhos marrons escuros pararam nela quando travou no lugar.

Ela também notou a barba. Não era algo que normalmente achava atraente, mas ficava sexy nele.

— Klackan Redwolf? — Esperança soou da voz trêmula de Emma.

Os lábios dele se curvaram para baixo decepcionando-a. Um rosnado suave saiu dele em seguida. — Sou o filho dele. Meu pai está morto. Comece a falar rápido. Quem é você? Por que está aqui? O que quer com meu pai?

— Ah não! Isso não pode ser! — Desespero surgiu, seguido de perto por pavor. Mas então percebeu que a resposta provavelmente soou rude. —Eu... sinto muito por sua perda.

O homem rosnou novamente e deu um passo ameaçador para frente. — Quem é você e o que quer?

Ela queria fugir, talvez chorar ou os dois ao mesmo tempo. — Eu sou Emma. — Ela hesitou. — Meu avô é Malachi. É conhecido como Mestre Malachi. Um Vampiro. — Ela acrescentou no caso de não ter dado dicas o suficiente. — Seu pai fez um pacto de sangue e vim cobrar. Precisava da proteção dele.

A expressão dura dele suavizou um pouco, a escuridão de seu olhar clareou e a boca relaxou. Ele encarou a mulher. — Esta tudo bem, Peva. Eu cuido disso.

— Deveria convocar uma reunião? Talvez procurar alguém para cavar um buraco para ela?

O corpo de Emma estremeceu, mas tentou esconder. Realmente esperava que eles não estivessem planejando matá-la. Queria protestar, mas manteve os

lábios fechados. Nada que pudesse dizer salvaria sua vida se quisessem matá-la. Poderia até se curvar e dar adeus ao seu traseiro.

Ele passou os dedos pelos cabelos que chegava até os ombros. — Pare de tentar aterrorizar a humana, Peva. É minha obrigação protegê-la.

— Você sabe sobre o que ela esta falando?

— Sim. — O homem não parecia feliz quando olhou para Emma novamente. — O avô dela tem uma história com meu pai. Eles eram realmente amigos. Os débitos dele agora são meus, o que significa que o pacto de sangue foi cobrado. — Ele estreitou o olhar e observou Emma lentamente dos pés a cabeça. — Ótimo. Tudo o que precisava. Problemas.

Emma abriu a boca, mas o homem avançou para ela. Alcançou-a com uma mão do tamanho da pata de um urso, segurou-a pela cintura e a inclinou enquanto a empurrava para frente. Sua mochila foi puxada enquanto o mundo virava de cabeça para baixo e seus pés eram tirados do chão. Ele se endireitou com ela balançando sobre um de seus largos ombros enquanto segurava a mochila com a outra mão.

— Ela nunca esteve aqui, Peva. Faça com que todos saibam caso alguém venha procurá-la. Os Vampiros podem enviar um humano para bisbilhotar, já que sem dúvidas não teriam bolas para pisar em Howl se não tiverem certeza que ela está aqui. Vou para minha toca, mas mantenha isso entre nós. — Ele girou, indo em direção à parte de trás da loja. — Porra de sanguessugas. Eu odeio os bastardos.

Capítulo Dois

Emma se manteve em silêncio o quanto conseguiu. O homem não estava nem respirando mais forte mesmo que estivesse carregando-a pela floresta por alguns quilômetros. Passaram por uma estrada estreita de terra e por uma pequena nascente. Entraram em uma mata fechada sem sinais de civilização depois de saírem da água.

— Hum... *Sr. Alto e sombrio*? Pode me colocar no chão? Eu sei andar.

— Cale a boca. — Ele rosnou. — Você sabe o que eu sou?

— Irritado?

Ele ajustou o braço sobre as cochas dela, mas não parou de andar. —Muito. Mas essa não foi minha pergunta e acho que você sabe. Não estou no clima para piadinhas.

— Sinto muito.

Ele continuou andando.

— Você é um VampLycan. Metade Vampiro e metade Lycan.

Ele diminuiu levemente os passos. — E irritado.

— Você tem um nome? — Ela encarou a traseira do jeans dele. Era um traseiro musculoso, preenchia bem o jeans surrado e suas costas eram largas. Estava bem familiarizada já que bateu nela umas mil veze. — Sou Emma.

— Não me importa qual é seu nome. Apenas é meu problema. Por quanto tempo terei que protegê-la?

— Eu não tenho certeza.

Ele resmungou algo por entre os dentes.

— O quê? Não ouvi.

— Ótimo. Minha mãe me ensinou a nunca xingar na frente de uma mulher.

— Estou começando a ficar tonta. — Ela tentou erguer a cabeça, mas falhou. Ele estava se movendo rápido demais. — E ainda estou começando a ficar com dor de cabeça pelo sangue ir todo para minha cabeça. *Por favor,* coloque-me no chão.

Ele continuou caminhando.

— Bonito, por favor, coloque mais açúcar no topo[2]?

Parou tão abruptamente que a cabeça dela acertou as costas dele e ele se curvou, realmente fazendo-a ficar tonta enquanto a colocava no chão. Segurou-a enquanto se endireitava. O mundo girou e ela quase caiu de bunda. Ele derrubou a mochila dela e a segurou com ambas as mãos na cintura e a

[2] É uma expressão americana equivalente a "cereja que faltava no topo do bolo". Mas aqui ela está repetindo uma frase dita por Winston "The Wolf" Wolfe no filme Pulp Fiction (1994) – Bonito, por favor, coloque açúcar na parte de cima e limpe o maldito carro.

estabilizou. Precisou piscar algumas vezes para enxergar algo além de pontinhos.

O homem aparentava realmente não se importar enquanto a olhava de sua altura superior. Não disse nada, apenas expressando seu temperamento ruim com sua expressão enquanto a segurava.

— Obrigada.

— Você não tem medo de mim?

Ela o observou. Ver alguém com um bronzeado tão forte era raro depois de viver com seu avô por tanto tempo. A expressão dele era selvagem, mas atraente. Ele entreabriu os lábios e ela viu presas afiadas. Tinha certeza que as mostrou de proposito, apenas para parecer mais assustador.

— Não. Deveria?

— Sim.

— Você vai me machucar?

— Não.

— Então o que há para temer?

O olhar perplexo que surgiu em seu rosto fez valer a pena a dor de cabeça que esperava que sumisse quando seu corpo se acostumasse a ficar de pé novamente.

— Eu.

— Você acabou de dizer que não me machucaria.

— Você é humana. — Ele bufou. — Muito humana. E eu não sou, sabe disso.

— Eu fui criada por um Vampiro. — Ela franziu a testa. — Já superei essa fase. VampLycan tem uma reputação de serem honrados. Meu avô confia na sua espécie sem questionar. Eu confio *nele*. Portanto, não é muito esforço confiar em *você*. Então não, não tenho medo. Teria deixado aquela mulher ligar para alguém me colocar a sete palmos debaixo da terra se planejasse me matar.

Ele fez uma careta. —Nós realmente não matamos humanos. E ela estava brincando com você. O seu avô realmente a criou? Sinto muito.

— Ele é um ótimo homem. Não há nada com que se desculpar.

Ele segurou o queixo dela com a enorme mão calejada, virando o rosto de um lado para o outro. — Eu não vejo cicatrizes. Presumo que ele foi cuidadoso em não deixá-las visíveis.

— Ele raramente me mordia. — Ela franziu. — Raramente em, apenas consigo lembrar três vezes. Não era a fonte de comida dele. Sou sua neta.

— Três vezes é muito.

Raiva surgiu e ela se desvencilhou dele. Levantou a mão e ergueu um dedo. — A primeira vez foi quando estávamos fugindo nas montanhas e estava tão frio que os animais sumiram da área. Ele precisava de sangue para que ambos sobrevivêssemos. Carregou-me por quilômetros, três noites seguidas, apenas para constar. — Ela acrescentou um dedo. — A segunda vez foi quando

moramos na cidade e alguns Vamp suspeitaram de nós. Ele me mordeu para que pudessem ver as marcas e enganá-los, para que pensasse que eu era sua escrava de sangue quando fossem visitar. Não gostam de humanos e Vamp vivendo juntos, ele fez com que não soubessem que éramos parentes. — Ela levantou o terceiro dedo. — Então quatro dias atrás, quando fomos cercados, ele fez novamente para fazê-los em pensar que era sua escrava. Não sou fonte de comida. Ele me *ama*.

Ele levantou uma sobrancelha. — Ok. Ele é um santo sanguessuga. Isso é bem raro. Por que estão atrás de você? Por que precisa ser protegida?

— Meu vó se desvinculou do próprio covil para me salvar. Eles têm me procurado desde então.

— Qual que é a historia completa? — Ele cruzou os braços. — Eu mereço saber no que estou entrando.

Ela hesitou. — Minha mãe era como você... uma VampLycan. Meu avô, ela e alguns outros como ela foram para lugares seguros depois que saíram do Alasca. Nem todos ficaram quando os Lycans decidiram que a primeira de geração de VampLycan não deveria existir.

— Isso não é verdade.

— Qual parte? — Ela inclinou a cabeça, olhando-o. — Que os Lycan foram embora quando o primeiro dos seus atingiu a puberdade e começou a tomar o poder? Ou que as alcateias se sentiram indesejadas por aqui?

— Todos os VampLycan ficaram.

— Você está errado. Minha mãe não ficou. E mais alguns como ela que queriam ficar junto com alcateia de suas mães, mais isso não deu certo. Eu acho que mais ou menos um ano depois se separaram. Teve algo haver com a dominância, a alcateia ficava confusa em quem obedecer. Meu avô os encontrou e pensou que ficariam salvos em uma pequena comunidade fora de uma grande cidade. Cuidou deles... até que os Vampiros atacaram uma noite.

O homem grande na frente dela fez uma careta. — E por que deveria se importar?

— Minha mãe era a filha dele e ele conhecia os outros VampLycan desde o nascimento. Queria protegê-los. Escolheu me salvar ao invés de me deixar para morrer quando os Vampiros vieram atrás deles. O covil foi contra as ordens de nos deixar em paz e levaram outro covil para nos vencer em número.

— E quanto a sua mãe?

— Ela sabia que não conseguiria lutar contra eles comigo por perto. O risco era muito grande. E tinha apenas quatro anos. Criou uma distração que deu ao meu avô tempo suficiente para me levar para segurança. Ele era mais velho que todos os outros Vampiros e conseguiria deixá-los para trás comigo em seus braços. Ele não era o alvo deles.

As feições dele se suavizaram. — Sinto muito. Presumo que ela não conseguiu?

— Não. — A dor sempre aparecia quando Emma se lembrava de sua mãe. — Ela e os outros três VampLycan nunca apareceram na casa segura que meu avô possuía nas montanhas. Esse era o lugar para o qual planejaram ir caso algo

desse errado. Esperamos por dois anos, até que o covil apareceu procurando por nós, então nos mudamos. Ela teria aparecido se tivesse sobrevivido. Tivemos esperanças no início de que escapou sem me ter atrasando-a.

Ele bufou novamente. — Você cheira completamente humana.

— Meu pai era um, mas tenho talentos especiais.

Ceticismo arregalou os olhos dele. — Que tipo? Você é pequena e parece ser bem frágil.

— Uau. Isso não foi nem um pouco indelicado. — Ela fez uma careta.

Ele franziu a testa. — Não foi desse jeito que quis dizer.

Emma queria bufar, mas se conteve, considerando que precisava da ajuda dele. — Eu não me transformo ou nada do gênero. Mas consigo ver melhor que as pessoas normais a noite. Minha audição é mais aguçada e sou mais forte que um típico humano. Curo mais rápido também. Foi muito difícil esconder essas coisas na escola.

— Você foi para escola?

— Eu precisava de educação. Meu avô colocou-me na escola.

Ele ficou um pouco estupefato. — Com humanos?

— Quem mais? Já ouviu falar de alguma escola que aceita pessoas como eu? Era muito jovem quando perdi minha mãe.

O olhar dele desceu para o corpo dela. — Que outros traços você herdou? — Ele de repente mordeu o dedo e segurou o queixo dela com o outro. Moveu o dedo sob seu nariz. — Sente o cheiro do sangue? Abra sua maldita boca.

Choque pelas ações dele acabaram fazendo-a abrir a boca ao seu comendo. Ele se curvou, olhando dentro. — Sem presas. — Ele olhou para o céu antes de observar os braços nus dela. Soltou-a. — Você não está queimando no sol.

— Eu não tenho nenhum dos traços de um Vampiro, além da velocidade de cura. Mas tenho habilidade que vem do lado dos lobos.

— Pare de nos chamar disso. Somos parte Lycan.

Emma fez uma nota mental. — Desculpe. Não quis insultar. Meu avô disse vocês gostam mais do termo antigo para o que são. Tentarei me lembrar. De qualquer forma, me curo rápido. Quebrei o braço em dois lugares quando tinha sete anos. O médico falou que levaria meses para curar. Meu avô me levou para um checkup duas semanas depois e o médico quase teve um ataque quando descobriu que estava completamente curado. Meu avô precisou ordenar que tirassem o gesso e apagou a memória daqueles que nos viram.

— Você não cresce pelos?

— Não. Eu disse que não me transformo.

Ele em seguida segurou a mão dela, observando as pontas dos dedos. Ela permitiu. Ficaria com ele e achava que tinha o direito de saber onde estava entrando. Seria bom presumir que deveria se preocupar com o próprio pescoço se ela tivesse traços Vampiro. A maioria deles eram criaturas horríveis que tendiam a morder qualquer coisa viva. Seu avô era uma exceção. Era um mestre

poderoso, criado por alguém com milhares de anos de idade e controlava suas necessidades.

— Eu não tenho garras.

Ele soltou sua mão. — Você tem mais traços?

Ela hesitou. — Eu tenho quarenta anos de idade.

Choque deixou suas feições pálidas. — Você aparenta metade disso.

— Estou envelhecendo devagar. É uma merda ser barrada nos bares, especialmente desde que falsas identidades estão ficando mais difíceis de se conseguir com a tecnologia moderna.

Ele rosnou baixo. — Estou ciente.

— Você tem esse problema também? Quantos anos tem? — Ela não notou nenhuma ruga na face dele. Aparentava ter uns trinta no máximo, mas aparências eram enganadoras com *outras* criaturas. Poderia ter uns cem ou duzentos anos. Seu avô tinha quatro séculos, mas foi impedido de comprar cigarros. Claro, seu avô nunca aparentaria a idade que tem. VampLycan envelheciam, mas muito mais devagar que os humanos, a não ser que os traços Vampiros fossem estranhamente fortes.

— Mais velho que você. — Ele olhou ao redor na floresta. — Vamos. Escurecerá em uma hora e a quero dentro de casa.

— Os Vamp não conseguirão me rastrear até aqui. Fui cuidadosa e usei identidades falsas, paguei tudo em dinheiro e segui os planos de meu avô. Ele é bem inteligente.

Ele bufou. — Não confio em Vampiros, mesmo este. Meu pai e ele eram amigos, mas faz oitenta anos desde que estiveram em contato. Coisas e pessoas mudam.

— Sinto muito sobre seu pai.

Ele levantou a mochila e segurou o braço dela. — Mova-se.

— Ele morreu de velhice? Vovô nunca me disse se ele era um VampLycan ou um Licantropo.

A pergunta o fez rosnar em aviso. — Ele morreu na batalha. E somos chamados de Lycans. Não Licantropo. Pare de usar esse termo também. Vamos ou irei carregá-la.

— Ok. — Ela tentou manter o ritmo dos passos dele, alargando os dela. — Você está em guerra? Contra quem?

— Não mais, mas em um momento tivemos problemas com outro clã VampLycan.

Ela absorveu aquilo. — Tem mais de um?

— Quatro. Chega de perguntas.

O lugar para o qual a estava levando surgiu em sua linha de visão e fez uma careta. Lembrava-a daquelas casas de barro sobre a qual leu nos livros de história. Era um amontoado redondo de terra com vidro e arbustos cobriam o que deveria ser o telhado. O único sinal de que não era simplesmente um amontoado de terra, era a porta de metal escondida pelos galhos baixos. Ele

destrancou a porta grossa com uma combinação na tranca, similar aqueles antigos de cofres de banco e a abriu.

Ao invés de mobília, a sala estava vazia, exceto por um alçapão de metal no centro do chão de terra. Ela parou na entrada.

— Você precisa ser carregada?

— Você vive no subsolo?

— Sim.

— Merda. Tem uma toca de verdade? Pensei que os traços Lycan fossem ressaltados. Por favor, me diga que tem encanamento interno.

— *Mova-se.*

Ela entrou na estrutura, esperando que não caísse ao seu redor. Ser enterrada viva não soava como um bom jeito de morrer. O cheiro de terra pairava pesado dentro das paredes, teto e chão, logo ele fechou a porta atrás deles, trancando. Um pouco de terra solta caiu. Ela se virou, precisando usar a visão noturna para distinguir sua sombra, já que nem um raio de sol penetrava o interior.

— Sem janelas?

— Não. Do céu, este lugar parece como parte da terra. — Ele a puxou pelo braço. — Você consegue ver?

— Não realmente. Esta completamente escuro e você é apenas uma sombra mais escura.

— Merda. — Ele suspirou.

O ombro dele acertou seu estômago. O mundo girou de cabeça para baixo e ela ofegou enquanto se via sendo carregada novamente. — Você é um saco.

— Cale a boca.

Ele se curvou, ouviu o som de metal rangendo e assumiu que ele abriu a escotilha. Então se moveu novamente e ela quase caiu do ombro enquanto começou a descer. Parte de seu corpo bateu contra a abertura.

Seus passos ecoavam sobre o metal e algo bateu acima deles. Mais trancas e logo se viram fechados dentro. Um pouco do cheiro da terra sumiu. Ele a carregou descendo uns vinte degraus na escuridão completa. Sentia frio à medida que caminhavam e ele parou para abrir outra porta, trancando mais uma vez depois.

Luzes a cegaram quando as ligou.

Ela girou a cabeça para olhar a mobília. O lugar não era grande, de três a seis metros quadrados, mas tinha um sofá. Uma mesa de centro estava na frente, quando a deixou de pé novamente, teve uma visão melhor.

Seu olhar observou tudo, viu as paredes e engoliu em seco. — Esse não é um daqueles contêineres? Tem ar o suficiente aqui, certo? Nós não vamos sufocar?

— Tem saídas de ar.

— É uma caixa de metal. — Começou a se sentir claustrofóbica. — É um enorme caixão.

Ele segurou seu queixo. Ela precisou virar o corpo para evitar que seu pescoço fosse dolorosamente virado. Ele se curvou o suficiente para ficar nariz a nariz com ela.

— Esse lugar é seguro. Sanguessugas não conseguem invadir. Estamos a sete metros abaixo do chão e o revestimento é grosso. Eles não conseguem detectar calor corporal a essa profundidade. Também nos protege contra GarLycan. — Ele a soltou e deu um passo para trás.

— O que?

Ele franziu. – GarLycan.

— Não tenho a menor ideia de quem são esses. Nunca ouvi falar deles.

— Gárgula e Lycan misturados.

Sua boca se abriu. — Sério? Gárgulas são reais? Meu avô nunca as mencionou.

Irritação estava estampado em suas feições. — Eles existem. Não estamos em guerra contra eles, mas uma vez tememos que pudesse acontecer.

Emma absorveu a informação. — Como é a aparência das Gárgulas?

Ele bufou. — Inacreditável.

— Apenas estou curiosa. Não precisa ficar irritado. Você segurando minha mandíbula está começando a me irritar também. Pode parar de fazer isso?

Ele jogou a mochila dela no sofá. — Aí está sua cama. Não tente sair. — Ele girou e entrou na pequena cozinha. — Estou com fome. Você come carne,

não? Está sem sorte se não. É tudo que tenho. Não estava esperando companhia.

— Apenas se cozinhá-la. — Tinha medo dele dizer que não cozinhava. Vomitaria se desse a ela carne crua, ainda mais se estivesse se movendo.

Ele ficou parado na pequena cozinha. Ela avistou um refrigerador e se sentiu agradecida por ter energia naquela caixa de metal. Virou as costas para ele, encarando as paredes, teto e chão. Mais detalhes apareceram. A melhor aposta seria que aquilo foi algum tipo de contêiner de ferrovia que de alguma forma foi colocado no meio da floresta. Deve ter sido muito esforço cavar um buraco para enterrar a coisa dentro.

Ela se abraçou e refletiu como seu avô conseguiria encontrá-la enterrada tão profundamente na terra. Um arrepio percorreu suas costas.



Red olhou para a humana que casualmente observava sua mesa de centro. Emma se curvou, tocando as pedras lisas que escolheu a dedo para fazer o topo da mesa. Observou sua forma. Ela era uma coisa pequena e cheirava completamente humana. Também se transformou em seu problema. Ele segurou um rosnado.

Cavasia teria um ataque quando ouvisse que ele estava ali com uma mulher. Ele viu alguns do clã na saída da cidade e pensou que já era bom o suficiente

que não tivesse uma recepção em sua casa. Teria fofoca. Chegaria aos outros clãs e a ela.

Tanto esforço na discussão de três meses atrás sobre a possibilidade de morarem juntos. Ela ficaria furiosa por ele dividir sua casa com alguém.

Uma humana.

Ela pode ser parte VampLycan, mas era tão pouco que não conseguia detectar pelo cheiro. Passou a língua sobre os dentes enquanto tirava files do pequeno refrigerador, os jogando em uma frigideira, logo acendeu o fogo. Poderia saboreá-la, mas ela provavelmente enlouqueceria se a mordesse para conseguir uma amostra de sangue.

Seu pai o criou contando histórias das batalhas com Malachi, o sanguessuga com uma alma. Ele foi um dos poucos Vampiros que se recusou a matar Lycans quando aconteceu a guerra. Malachi amava uma o suficiente para tê-la ao seu lado. O Vampiro ajudou a alcateia a fugir e protegeu as mulheres e crianças durante as horas de escuridão.

Ele também concebeu cinco crianças com a Lycan que tomou como companheira e de acordo com Emma, sua mãe dela foi uma dessas crianças.

— Você não mencionou seu pai. O que aconteceu com ele?

Ela o encarou. — Nunca o conheci. Ele e minha mãe não ficaram juntos por muito tempo. Meu avô disse que ela não queria colocá-lo em risco por saber a verdade.

— Por que ela decidiu ter você? A gravidez foi um acidente?

Ela o olhou de cara feia. — Não. Eu não fui um bebê *ops*. Mamãe me queria. Sabia que as chances de encontrar um companheiro eram pequenas ou nenhuma, morando com humanos e o único VampLycan macho em nossa comunidade não era certo para ela. Conheceu meu pai e decidiu ter um bebê.

Ele limpou a garganta. — Onde está o restante de sua família?

Emma se endireitou e sua expressão suavizou. – É apenas meu avô e eu.

Ele apertou os lábios, incerto se ela estava certa quando aos tios e tias. Seu pai disse que algumas das crianças de Malachi com a sangue puro Lycan converteram-se em um perigo para o clã. O sangue Vamp era mais forte que o Lycan de sua mãe e decidiram viver em covis quando chegaram a fase adulta. A mãe de Emma deve ter puxado o lado Lycan e seu pai tentou protege-la. Malachi disse ao seu pai na última vez que se encontraram, que sua mulher morreu.

Ele gastou seus neurônios buscando mais informações, enquanto virava os bifes. O cheiro fez o estomago grunhir, mas ignorou. Seu pai fez um pacto de sangue com o Vamp em agradecimento por ter ajudado os Lycans a escaparem quando os Vampiros os traíram e declararam guerra. Malachi ficou com eles enquanto estruturavam a nova vida no Alasca.

Agora era uma dívida que Redson precisava pagar. Malachi foi uma figura paterna para boa parte da primeira geração de VampLycan e os ensinou a lutar.

Preocupação o consumia quando pensava se Peva contaria ao líder do clã sobre Emma. Tio Velder não ficaria feliz em tê-la no seu território e menos feliz ainda pelo fato dela estar sendo perseguida por Vampiros. Duvidava que

atacariam em grande escala Howl, mas isso dependia do quanto realmente queriam Emma. Os Vampiros perderiam, mas alguns VampLycan perderiam suas vidas se um grande número os atacassem de uma vez.

— Por que os Vamp estão caçando-a?

Ela mordeu o lábio. — Acho que o velho covil de meu avô quer fazê-lo pagar por abandoná-los. Salvou-me ao invés de ficar com eles. O Vampiro mais velho levou para o lado pessoal. Minha morte seria a melhor vingança.

— Por quê?

— Por que ele levou para o lado pessoal? Acho que é mais culpa de Eduardo. Ele é o segundo no comando e agora os lidera. É um idiota. Vovô disse que sentia inveja de minha mãe e os outros VampLycan, sempre sendo um grande babaca quando a questão era o covil vindo em segundo lugar ao invés de ser uma prioridade.

Red sentiu-se temeroso. — Seu avô escolheu você e sua mãe sobre as crianças de sangue dele?

— *Eu sou* sangue dele. — Ela franziu. — Ele fez Eduardo o transformando em Vampiro. Meu avô ordenou que não atacasse a comunidade na qual minha mãe vivia, mas ele o fez do mesmo jeito. Eduardo falou com os outros Vampiros para ir contra meu avô e foi até um grande covil da cidade pedir ajuda no ataque. Meu avô foi gentil o suficiente para receber desgarrados... e é assim que retribuem. Eduardo merece ter a cabeça arrancada por desobedecer uma ordem direta.

— Malachi recebia desgarrados?

— Muitos mestres criam seus próprios covis com Vampiros que pessoalmente transformaram. Meu avô não é desses. Ele recebe aqueles que os outros mestres abandonaram ou que não tinham mais mestres, já que esses enlouqueciam. Disse que os Vamp mais velhos cometiam suicídio depois de viver mais do que podiam imaginar. O mundo muda ao redor deles e ficam depressivos. Fim da linha e um encontro com o sol. As crianças Vamp que ficam órfãs. Nenhum deles é do tipo líder. Vovô os recebia. Ficavam seguros. Alguns são confundidos com pícaros pelo Conselho e mortos sem poder se defender. Pertencer a um covil traz proteção. Eduardo foi o único que ele fez. Sentia-se mal por isso.

— Mal?

— Tem pena dele. Meu avô contratou-o uns cem anos atrás para fazer tarefas domesticas durante o dia e uma noite acordou para encontrar Eduardo espancado na varanda, esfaqueado e morrendo. Alguns humanos que viviam perto fez aquilo. Eduardo era quieto e gentil. Não tinha muitos amigos. Acha que eles o escolheram por causa disso. Meu avô transformou-o e lhe deu a chance de uma segunda vida, foi quando começou a receber os desgarrados. Para dar a Eduardo algum tipo de família e para fazer amigos, formando um covil. E o bastardo o retribuiu ficando revoltado por não ser o favorito. Desgraçado.

— Como ele pode ter vivido com um Vampiro e não compreender o jeito deles? Seria um grande insulto ter o mestre os abandonando por alguém de outra espécie. O mestre do covil valoriza lealdade com aqueles sobre seu comando acima de tudo, a qualquer custo.

— Minha mãe, Kallie, estava com meu avô por mais tempo. Eduardo sabia desde a primeira noite, desde quando foi transformado. Estávamos sobre sua proteção também. — Ela encolheu os ombros. — Eduardo é definitivamente rancoroso, mas desafiou meu avô. Não esqueça disso, por que nós não esqueceremos. Ele vem nos caçando por trinta e seis anos. O idiota precisa superar isso logo.

A escolha de palavras dela fez Red sorrir, abaixou a cabeça, fazendo o cabelo cair para frente e esconder seu rosto. Virou os bifes novamente, não querendo queimar os dela. Ela provavelmente choraria ou reclamaria.

Isso matou seu humor. Estava cozinhando para uma mulher em sua casa. Era um gesto íntimo na cultura deles, normalmente algo que os homens faziam em relacionamentos sérios ou por companheiras.

— Eles estão cheirando muito bem.

Ele olhou para cima e a viu se aproximar. Os claros olhos azuis estavam brilhando contra a pálida pele e o cabelo marrom escuro. Parecia élfica e bonita.

Seu pau pulsou no jeans e soltou um rosnado baixo enquanto observava as curvas generosas de seus seios. *Sem chance*.

— Isso é um insulto ou algo do gênero? — Ela arqueou as sobrancelhas. —Eu disse que cheiravam bem. Não é uma razão para ficar irritado.

Ele forçou o olhar de volta para a frigideira. — Não é isso.

Ela se afastou. — Assim está melhor? Precisa de espaço pessoal enquanto cozinha ou algo do gênero? Não ficará louco e me atacará, verdade?

Jesus. Ele era responsável por ela, mas a ideia de passar muito tempo com alguém no qual seu pau estava interessado, não era bom. — Eu não sou um cachorro.

— Eu não disse que você era.

— Cães agressivos fazem isso quando você chega perto da comida deles. — Ele viu suas bochechas ruborizarem. Estreitou os olhos, sabia *exatamente* o que ela estava pensando. Podia negar o quanto quisesse, mas era uma péssima mentirosa. — Você é mulher, então precisa manter distância.

Os lábios dela se abriram em formato de *O* e ela se afastou um pouco mais. Olhou para o peito dele, parecendo avaliá-lo. Seu olhar voltou para o rosto e engoliu em seco quando seus lábios se abriram.

— Eu não a atacarei.

— Que bom. Você é bem grande e posso imaginar que é bem forte depois de me carregar por quilômetros sem nem mesmo suar ou ofegar.

— Essa é outra piada de cachorro? — A raiva ressurgiu. — É esse *vira-lata* quem a protegerá. Mantenha isso em mente.

— Ei, eu não o estou insultando. Acalme-se, *Totó*.

Ele deixou de lado a colher e desligou a chama abaixo da frigideira, se aproximando dela. O nome insultante o levou ao limite e fez uma pausa quando terror surgiu em seu olhar azul. Ela se afastou, caindo com o traseiro no chão.

— Eu tinha uma vida antes de você chegar. Lembra-se disso, Emma. Deixei tudo para trazê-la aqui. *Pare* de me insultar.

— Sinto muito.

Ela abraçou seu peito e o fez se sentir como um total idiota, vê-la tentar fazer seu corpo a aparentar ser menor enquanto ficava de pé, confusa.

— Eu às vezes falo merda sem pensar. Era um tipo de piada.

— Você me vê rindo? Não tem ideia da merda na qual estou por tê-la aqui.

— Você foi demitido ou algo assim? Eu tenho dinheiro. — Ela relaxou os braços e apontou para a mochila. — Tem cerca de dez mil em dinheiro dentro da mochila, mais uns trocados. Posso pagar para me manter aqui até que meu avô venha e tenho acesso a mais dinheiro se isso não for o suficiente.

Ele se sentiu insultado novamente e abriu espaço entre eles. — Tenho meu próprio dinheiro. Não é isso.

Ela respirou trêmula. — O que é?

Ele hesitou. — Não tenho a permissão do líder do meu clã para deixá-la ficar em nosso território... e tem uma mulher que ficará irritada por você morar comigo.

— Oh. — Ela deixou a mão cair, esfregando-as nervosa sobre o jeans. — Você tem uma companheira?

— Não, mas tem uma mulher com a qual conversei sobre morar comigo. E um possível comprometimento.

Confusão cruzou seu rosto. — Soa como uma namorada.

Ele hesitou. – Você realmente não sabe não da nossa cultura, verdade?

— Apenas o que meu avô contou. Você é metade Lycan e Vampiro. Eu sei que vive em grupos que chamam de clã e boa parte dos residentes na cidade são como você. Eu sei também que consegue se transformar.

— Há quatro clãs nesta área. — Ele caminhou de volta para a cozinha e tirou pratos do armário. — Todo mundo em Howl é como eu, exceto por alguns companheiros. Não encontrei a minha ainda, mas às vezes um casal fica junto para evitar a solidão.

Ela não respondeu e quando a olhou, encarava o chão. Ele encolheu os ombros e colocou o filé no prato dela.

— Coma.

Capítulo Três

Emma tentou ficar confortável no sofá, mas não era fácil. A coisa não era grande. Podia ser baixinha, mas ainda sentia os pés para fora no final se não se curvasse como uma bola. Estava frio também, um cobertor era insuficiente. Tentou não sentir como se estivesse trancada dentro de um grande e velho caixão. A ironia não passou despercebida. Morou com um Vampiro, mas nunca se sentiu tão claustrofóbica antes.

O ronco suave vindo do fundo do longo cômodo deixava-a um pouco louca. O anfitrião não parecia estar incomodado com as temperaturas baixas ou sobre ficar debaixo da terra. Mataria por um pouco de ar fresco naquele momento e pensou que a noite estaria muito mais quente acima da terra do que dentro.

Ele deixou uma luz acesa na cozinha para não ficar totalmente escuro, algo que aprovou. Foi até um pouco fofo. Duvidava que ele dormisse com uma acesa quando estava sozinho e sabia que foi em seu benefício. O jantar foi silencioso. Ele se recusou a conversar, além de lhe dizer seu nome e então foi para cama.

Que tipo de nome é Redson[3]*? Quem daria um nome desses para seu filho?* Suspirou, rolou tentando ficar confortável e estremeceu.

---

[3]. Filho Vermelho

O frio parecia vir direto em encontro aos seus ossos e os fazia doer. *Talvez fosse por isso que ele estava com um humor tão ruim. Redson Redwolf era difícil de ler.*

Desejou que ele fosse um cavalheiro e tivesse oferecido a cama. Conseguiu um vislumbre do quarto do outro lado da fina parede divisória quando usou o pequeno banheiro. Tinha um aconchegante colchão no chão, grosso, com o que parecia ser uma manta de pele de verdade cobrindo-o. Parecia ser macio, confortável e grande o suficiente para cobrir as enormes pernas dele.

O banheiro não era muito maior que um pequeno armário com pia, sanitário e chuveiro. Como alguém do tamanho dele conseguia usar era um mistério para ela. Provavelmente apoiava sua bunda na pia enquanto se virava no vaso para mijar. A imagem a fez sorrir. Se derrubasse o sabonete, teria que se inclinar para alcançar ou viraria um pretzel humano.

Ao menos tem um banheiro. Suspirou novamente e puxou a coberta mais perto contra sua garganta. Jurava que conseguia ver sua própria respiração no ar e enterrou o rosto contra o algodão fino. Isso não ajudou muito e colocou a língua entre os dentes para impedi-los de bater.

O ronco finalmente parou e o silencio foi absoluto. Ela virou para as costas do sofá e abraçou as cobertas. Esquentou-a somente um pouco quando puxou as pernas e se curvou firmemente numa bola. Ajudava um pouco a cabeça estar debaixo das cobertas, mas não muito. *Provavelmente pegarei uma pneumonia ou um resfriado dos infernos depois disso.*

— O que há de errado?

A voz de Redson soou próxima e a fez suspirar, lutou com as cobertas para encarar a sombra escura que estava bloqueando a luz da cozinha. — O quê?

— Seu suspiro está me incomodando e o sofá range toda vez que você se mexe. — Irritação deixou sua voz mais grossa até o tom de um rosnado. — Acordou-me.

— Estou congelando. Você não teria um aquecedor, teria?

Ele se curvou. Ela conseguia sentir o cheiro masculino dele, era um cheiro agradável. A ponta dos passaram em sua bochecha. — Porra. Sua pele esta congelando.

— Sinto muito.

Surpreendeu-a quando as mãos dele cavaram embaixo do corpo dela e a levantou, com cobertor e tudo do sofá. Não conseguia se segurar nele com os membros presos.

Ela percebeu quando ele se virou para luz que estava com o peito nu. Franziu a testa quando o encarou.

— Você é muito humana. Seu sangue Lycan deveria mantê-la quente, mas está fria ao toque. Tem certeza que não é mais Vampiro do que acha?

— Não. O frio não incomodava meu avô muito. Mas me incomoda.

Ele passou pela cozinha, em direção a área que usava como quarto e ficou de joelhos. A queda a vez ofegar, mas não a soltou. Ao invés, a colocou gentilmente sobre algo bem macio que afundou com o peso dela enquanto ele tirava os braços de suas costas e coxas.

— Vire-se e fique sob os cobertores. — Ela tirou o que usou no sofá.

Ela virou. Apesar de estar muito escuro para ver muito, o toque suave da pele grossa significava que estava dando-lhe a cama. — Obrigada.

Ela moveu-se em puro êxtase. O corpo dele deixou a cama bem quentinha sob a mante de pele e sentiu os lençóis suaves. O travesseiro era grande também, muito macio e tentou ignorar o fato que apenas estava de camisola e calcinha. Recusou-se a dormir de sutiã ou jeans. Tirou os dois depois que ele foi dormir. Provavelmente notou isso com sua visão superior quando puxou os cobertores.

— Afaste-se para o lado.

Os olhos dela se arregalaram. — O que?

Deixe espaço para mim. — Ele soava irritado. — Você precisa do calor do meu corpo para ficar quente.

— Acho que eu estou bem apenas com os cobertores de pele. É de verdade, não é? — Porra. Não deveria ter perguntado isso. Ela imaginou os milhares de pequenos coelhos sendo mortos para fazer muitas delas. Culpa a atingiu. — Esqueça. Eu não quero saber.

— Não é de verdade.

Ele a empurrou. Ar gelado atingiu seu corpo quando ele ergueu os cobertores que ela usava e o enorme quente corpo dele pressionou contra o dela enquanto a forçava a se mover. Era isso ou ser esmagada. Rolou para sair da frente dele.

Ela tentou manter uma distância entre eles, mas o peso do corpo dele afundava o colchão. Isso a fez rolar de volta enquanto ele se acomodava e sua mão tocava a pele nua. Ela afastou a mão para longe quando sentiu os pelos.

— Diga-me que não era seu pau.

— Minha perna.

Ela fechou as mãos em punhos sobre o abdômen segurando a camisola quando percebeu uma das pernas dela pressionada contra a dele. — Você não usando uma calça.

— Não. Eu durmo nu.

Ah merda. Estou na cama com um homem nu. — Diga-me que está usando uma cueca ou algo do gênero.

— Ok. Eu usando uma. Agora vá dormir. Esta quente o suficiente?

— Sim. — Ela fez uma pausa. — Você está mentindo, verdade?

Ele hesitou também. — A pele é verdadeira.

— Eu quis dizer sobre a cueca.

— Estou deitado de costas e você ao meu lado, virada para o outro lado. Apenas não vire ou coloque suas mãos em mim.

O coração dela ficou acelerado no peito.

— Os animais não sofreram.

— O quê? — Ela estava na cama com um estranho, sem falar das roupas.

— A pele veio das minhas refeições. Era jogar a pele deles fora ou dar algum uso. Percebi que pode ofender seu lado humano, mas é quente, verdade?

— Apenas diga que não foram pequeninos e fofos coelhos. — O assunto ajudava a distraí-la do fato que ele não estava vestindo nada.

— Sem coelhos. — Ele riu. — Eles *são* irritantes, contudo. Coelhos invadem meu jardim e comem tudo. São uma peste.

— Deixe adivinhar. Quando criança, você não recebeu uma visita do *Coelho da Páscoa*. Amaria se tivesse. Ao menos não viu nenhum dos adoráveis desenhos deles?

O colchão afundou um pouco quando Redson falou. — Você assistiu?

— Mas é claro.

— Antes de sua mãe morrer?

— Antes e depois.

Por alguns momentos, o único som no quarto era a respiração deles. Ele finalmente falou. — O Vampiro celebrou festividades humanas por você?

— Sim. — Preocupação atingiu Emma de repente e lagrimas encheram seus olhos. — Espero que ele esteja bem. Não é mal e não gosto do jeito que você o chama de *Vampiro*. O nome dele é Malachi, é o melhor avô de todos. Pode até chamá-lo de *Mal* para abreviar. É o que ele diz aos humanos. O nome dele é meio antigo e não queria levantar suspeita.

O colchão se mexeu um pouco novamente e uma respiração quente atingiu a bochecha dela. — Fale-me sobre ele.

Ela sorriu na escuridão. — Ele é engraçado e tenta me dar a vida mais normal possível. Sabe, tirando os piqueniques no parque em dias quentes.

— Qual sua idade quando disse que foi separada de sua mãe?

— Quatro.

—Como ele cuidava de você enquanto dormia?

Ela hesitou. — Ele assegurava que ficasse trancada dentro, para impedir que caminhasse por aí e dormia no mesmo quarto para que pudesse vê-lo. Deixava-me menos assustada, saber que ele estava ali. É antigo e poderoso o suficiente para acordar facilmente, mesmo nas horas diurnas. Nos adaptamos. Comecei a dormir durante o dia depois de alguns meses, até começar a escola. Crianças são incrivelmente adaptáveis.

— Ele a trancava dentro?

— Eu era bem pequena. Precisava me manter perto e segura. Você consegue imaginar o que teria acontecido se eu fosse para o lado de fora brincar de dia e me machucasse? Ele não poderia me buscar até que o sol se pusesse sem ser queimado. Então ficaria ferido e faminto. Isso poderia terminar em tragédia. Morávamos sozinhos, o que significava que eu era a única fonte de sangue por perto. Adivinhe o resto. Ele não queria arriscar acidentalmente me machucar. Sabe como eles podem ficar meio insanos quando estão feridos e famintos. Poderia ter ido atrás do meu sangue para se curar sem querer.

— Você disse que foi para escola. Como ele conseguiu isso?

— Ele contratou duas babás que fingiam ser minhas tias. Ensinou-me o suficiente em casa para que conseguisse começar a escola na primeira serie com as crianças humanas. Uma das babás chegava antes do amanhecer. Achava que ele precisava ir trabalhar cedo. Ela me levava para escola e outra ia me buscar. Essa achava que ele trabalhava a noite. Desse jeito, sempre tinha alguém para ir nas reuniões com os professores ou alguém para me buscar em caso de emergência. Ele sempre suavizava as coisas com sua habilidade de controlar mentes se em algum momento elas começassem a achar algo suspeito com esse arranjo.

— Que tipo de emergência?

— Como quando eu caí dos balanços e quebrei o braço em dois lugares. A escola ligou para uma das minhas babás para me buscar. Mais tarde, quando fiquei mais velha, ele apenas precisava de alguém para cuidar da casa durante o dia, para estar lá caso eu precisasse de algo enquanto dormia. Podia ir e voltar a pé da escola por conta própria. — Ela virou a cabeça para que ele não conseguisse ver seu rosto. A parede divisória bloqueava totalmente a luz noturna, mas conseguia ver o contorno de uma sombra mais escura e uma cabeça que estava a centímetros de distancia da dela. — Ele fez o melhor que pode e acho que deu bons resultados.

— Mas você precisa da minha proteção.

Ele não disse, mas implicou que seu avô falhou de alguma forma. — E me enviou para um lugar seguro, não? Isso é parte de cuidar de mim. Você disse

que pode me proteger. Ele ficou para trás para me dar tempo para fugir. Os Vamp cercaram nossa casa rápido demais para fugirmos juntos e essa é a *única* razão para estar aqui. Ele virá logo que estiver seguro.

— Quantas vezes a enviou para um estranho por proteção?

Raiva surgiu ao pensar que ele estava insultando seu avô. Ela rolou um pouco e ficou de frente para ele novamente. — Essa é a primeira vez. Eu nunca fiquei longe dele exceto por algumas vezes, mas essas não foram por que eu estava em perigo.

—Quando?

Ela hesitou. — Eu fui para a faculdade e morei no campus. Namorei algumas vezes. Não sou uma virgem solteirona quarentona que ficou trancafiada com o avô. Não faça minha vida soar patética. Eu tive uma boa vida.

Ele não disse nada por um longo tempo e exaustão a consumiu. Estava finalmente quente e confortável, o estresse da viagem deixado para trás. *Sentia-se* segura com Redson. Ele rosnava muito, mas a levou para sua toca. Pode ser uma caixa no chão, mas daria um inferno de trabalho para que alguém ou algo conseguisse alcança-los. Tinha uma fortaleza enterrada.

— Por que ele a enviaria aqui agora? Foi apenas porque não pode fugir com você?

Ela odiava o quão apertado seu peito estava. — Eu não quero falar sobre isso.

— Emma. — O tom implicava que ele não deixaria o assunto.

— Nós tínhamos um lugar seguro próximo de onde morávamos, mas ele me disse para usar o *último recurso*. Esse era nosso código para vir aqui. Tive muito tempo para pensar quando estava viajando do Alasca e tenho certeza que ele não me queria no outro lugar seguro, em caso de não conseguir escapar de todos aqueles Vampiros. Poderiam conseguir minha localização torturando-o. Mas mesmo Eduardo hesitaria em vir atrás de mim em território VampLycan.

— Quantos? — Ele rosnou a pergunta.

— Quantos o que? Vampiros que apareceram?

— Quantos amantes você teve?

A mudança abrupta de tópico a chocou. — O quê?

— Quantos amantes você recebeu na sua cama?

— Eu não vou responder se você também não.

Ela sorriu torto, imaginando o final dessa conversa... e estava certa enquanto o silencio se prolongava. Fechou os olhos e começou a dormir.

— Doze.

O número a surpreendeu. Ela deduziu que Lycan, mesmo os mestiços, tinham muitas mulheres. O fato que dele ser meio Vampiro também significava mais amantes deixadas para trás. Vamp adoravam sexo enquanto se alimentavam. Sabia demais sobre os hábitos de seu avô dela depois de crescer com ele. Teve muitas mulheres passando a noite para mantê-lo alimentado.

— Quantos?

Ela mordeu os lábios, abriu os olhos na escuridão e suspirou. — Dois.

O silencio se estendeu novamente e ela relaxou.

— Por que apenas dois?

Os dentes dela bateram. — Por que apenas doze? Você é mais velho que eu e um homem.

— Sou exigente com quem toco e não viajo para longe de casa.

— Cidade pequena, poucas opções. — Ela adivinhou em voz alta.

Ele rosnou suavemente. — Errado. Eu não toco as do meu clã. Um dia posso encontrar minha companheira e não quero cometer o erro de causar-lhe dor.

Interesse surgiu. — Como isso iria machucar uma companheira em potencial?

— Você gostaria de viver em uma cidade na qual muitas mulheres dormiram com seu companheiro?

Colocando daquela forma, conseguia compreender. Era até fofo que Redson considerasse os sentimentos de alguém que ele nunca conheceu. O homem grande era cheio de surpresas. — Então apenas dorme com aquelas que não moram na cidade?

— Sim. Eu nunca me senti atraído pelas mulheres sem companheiro do meu clã.

—Aquela mulher da loja era bem bonita.

— Não é questão de beleza. Meu clã é muito unido. As mulheres são mais como família do que companheiras em potencial. Nós não recebemos muitas fêmeas que viajam para Howl que não possuem companheiros, mas as que vem são companheiras em potencial com as quais testei compatibilidade.

— E quanto a essa sua namorada? — Ela estava curiosa sobre a mulher.

— Ela não é minha namorada na definição humana. Viaja até aqui para ver sua família que é parte do meu clã e desfrutamos de sexo juntos. Ambos estamos sozinhos e estávamos discutindo quanto a dividir uma casa.

— Como você sabe quando encontra sua companheira? Meu avô não sabia muito sobre lobisomens. Eu sei que Vampiros são consumidos por luxúria, o que normalmente resulta em obsessão e eles encontram seus companheiros frequentemente.

— Lycans, não lobisomens. — Ele corrigiu. — Você evitou a minha pergunta. Por que apenas dois?

Ela hesitou. — Eu tenho uma merda de gosto para homens. Dois grandes erros foi o suficiente. Aprendi a lição.

O colchão se moveu enquanto ele mudava de posição na cama novamente. O hálito quente atingiu seu pescoço e a perna dele roçou a dela. Adivinhou que ele se virou totalmente de lado para ficar de frente a ela, o que se confirmou quando falou.

— Explique. Eu respondi as *suas* perguntas. Estou curioso e você me acordou. Não durmo facilmente.

Ela suspirou. — No ensino médio, era meio estranha com as outras crianças. Não podia chamá-las para dormir em casa, desde que nenhum pai enviaria sua filha para passar a noite na casa de alguém sendo criada pelo irmão mais velho. Essa é a historia que contamos para todos, para explicar por que meu avô parecia tão jovem. Ele não podia fingir ser meu pai depois da adolescência. Podia se passar por vinte e cinco ou trinta anos no máximo. Precisava de mim a noite, caso nos encontrassem. O que significava que *eu* não podia ficar na casa de uma amiga. Não tinha muitas amigas de qualquer forma. Precisava secretamente proteger meu avô. Não queria incentivar ninguém a ficar curioso quanto a minha vida. Meu primeiro namorado foi quando estava na faculdade. Morei no dormitório por alguns meses antes de conhecê-lo. Achei que estava apaixonada. E acabou que ele era um otário.

— Como? — Choque soou na voz dele.

— É um termo depreciativo para chamar um homem com moral de merda. Acho que eu gritava virgem, já que era tímida. Ele fez uma aposta com os amigos de que conseguiria me foder. Não sabia que estava fingindo se importar até depois que o deixei me levar para cama. — Humilhação ainda queimava dentro de seu peito com a lembrança. — Ele contou a todos os amigos, contou para outras pessoas e eu deixei a escola. Achei que ele me amasse. Realmente me fez acreditar que... mas era apenas uma forma de ganhar dinheiro e uns tapinhas nas costas.

— Ouço a dor em sua voz. — O tom de voz dele transformou-se em um rosnado.

— Não foi fácil ser motivo de risada ou zoada pelas costas. Algumas das garotas eram más. Ele partiu meu coração por não ser quem achei que fosse e apenas voltei para casa com meu avô. Ele se ofereceu para matá-lo, mas pedi para que o deixasse em paz. Evitei homens desde então.

— Você disse que foram dois.

— Eu estava fazendo trinta anos e isso é difícil para as mulheres. Decidi começar a sair, conhecer homens. Encontrei um que era um canalha galinha. Ele provavelmente conseguiu sair ileso por que era um ótimo mentiroso, mas tenho um olfato aguçado. Sabia que esteve com outra mulher. Ficou ali mentindo para mim com o cheiro dela sobre ele. O bastardo não tinha nem ao menos tomado banhou ou trocado de roupas depois de fodê-la.

Ela lembrou a pergunta. — Como você sabe que encontrou sua companheira?

Ele hesitou. — É parte atração, parte sentimentos e parte teste.

Isso atraiu o interesse dela. — Teste?

— Supostamente, quando sentimos o gosto do sangue deles temos certeza, mas há uma atração forte antes.

Sua boca se abriu. — Você toma sangue? Assumi que fosse mais Lycan que Vampiro.

— Às vezes mordemos durante o sexo.

— Ah. — Ela acenou com a cabeça na escuridão. — Entendi. Você não precisa explicar. Acidentalmente vi meu avô com uma mulher uma vez. Ouvi

barulhos altos vindos do quarto dele quando cheguei em casa de um treino e apenas corri, achando que ele estava ferido. — Ela deu uma risadinha. — Eu não sei quem ficou mais embaraçado. Provavelmente eu. Apenas fico feliz por a mulher não se lembrar disso. Seria muito estranho, já que Linda morava na casa ao lado e a via todo o tempo até nos mudarmos.

— Ele não a matou?

— Meu avô *não é* um assassino. Apenas pega aquilo que precisa para sobreviver. — Estava começando a se sentir ofendida. — Qualquer coisa que você ouviu sobre os Vampiros não se aplicam a ele. Não é um louco por sangue que mata suas vitimas. É antigo e poderoso. A mulher da porta ao lado continuou flertando com ele. Uma noite estava bem faminto e as defesas estavam baixas. Uma coisa levou a outra. Alimentou-se dela, tiveram sexo e ele a fez se esquecer. Enquanto estava na cabeça dela, disse que ela não se sentiria atraída por ele mais. É bom com a hipnose. Ela seguiu em frente e namorou o carteiro.

— O que viu quando entrou no quarto?

Ela franziu o nariz, se lembrando. – Vovô a tinha curvada na frente dele enquanto faziam sexo. Estava tomando sangue da garganta dela. — Fez uma pausa. — Ela não parecia se importar. — Limpou a garganta. — Essa era uma visão que gostaria de esquecer. Eu sei que minhas amigas o acham atraente já que aparenta ser jovem, mas para mim, bem, é apenas... meu avô.

— É assim que VampLycan testam. Nós mordemos às vezes durante o sexo, mas apenas quando a necessidade surge. É raro, contudo e nunca

mordemos uns aos outros ao mesmo tempo ou um acasalamento acontece durante sexo desprotegido.

Ela absorveu aquilo. — Por quê? Você precisa de sangue?

— Não. Se o sexo é muito bom, é algo instintivo morder. — Ele fez uma pausa. — Você não deve ter muitos traços de VampLycan.

— Não tenho.

— Achei isso quando você disso que apenas teve dois amantes.

— O que isso deveria dizer?

— Você não entra no cio, verdade? Lycans são muito sexuais. Eles precisam de sexo. Vampiros também quando sentem a sede de sangue.

O tom de voz dele não parecia tranquilo. — Você faz soar como algo ruim eu ser tão humana. Não quero beber sangue ou crescer uma calda. Acho que eu fiquei com as melhores partes. Claro, tem seus lados ruins também.

— Você não pode manter amigos humanos por muito tempo.

— Exatamente. — Ela lembrou todos os que saiu de sua vida ao longo dos anos. — Começam a notar que não estou envelhecendo como eles. Mais, eu tenho um avô que elas tentam seduzir. Ele jurou nunca namorar nenhuma delas e nunca quebrou a promessa.

— Ele não tomava sangue de suas amigas?

— Não.

— De onde ele conseguia o fornecimento de sangue? Todas as mulheres que namorava?

Ela hesitou. — Ele é meio que da velha escola. Contratava umas pessoas para cuidar da casa as algumas vezes na semana para limpar e fazer uns serviços. Tomava sangue deles. Ele os pagava bem e não era como se soubessem ou se lembravam. Apagava suas mentes. Mas também namorava, por que não tinha sexo com os contratados.

— Ele não tem uma companheira?

— Não. Acho que matei essa opção para ele. — Culpa a percorreu. — É sempre um risco dela traí-lo se for uma humana. Algumas ficariam loucas se descobrissem o que ele é e poderiam dizer a alguém. Não queria ter um escravo de sangue porque, sejamos realistas, é como namorar um robô e ele não curte isso. A maioria dos Vamp que tem um escrevo de sangue são egocêntricos com zero compaixão. Ele valoriza a vida humana. Não permitia um Vampiro ficar em sua casa, por que não confiava que ficariam com as presas longe de mim. Eu morando com eles seria muito tentador. Tudo dele seria considerado dela como companheira.

— Significando que qualquer um dos contratados ou sob o mesmo teto eram válidos se ela quisesse morder?

— Basicamente. É uma coisa Vamp. Eles assumem que humanos são propriedades se você vive com eles na sua casa. Não é assim que meu avô me vê. Mas uma companheira veria.

Silêncio se estendeu novamente entre eles e Emma quase dormiu. Até que Redson perguntou: — Você nunca teve um cio?

A pergunta a chocou. — Hum, não.

— Você tem certeza? — A voz dele se aprofundou.

— Acho que eu teria notado.

— Você apenas dormiu com humanos?

— Sim. Nos evitávamos outros Vampiros. Eles estariam mais interessados em meu pescoço que minha personalidade. E covis de Vampiros odeiam outros em seus territórios. Mudávamos de cidades se qualquer um deles me olhasse duas vezes. Desde que estávamos sendo caçados e ficávamos longe de VampLycan, por que meu avô não queria nos colocar em qualquer risco, a não ser que realmente precisássemos.

— Como usar o pacto de sangue.

— Sim. O último recurso.

— Você precisou fugir do covil dele antes?

— Nós nos mudamos várias vezes. Acho que meu vô me enviou sozinha por que os Vamp que vieram a nossa porta eram do Conselho dos Vampiros. Significa que Eduardo os envolveu. Também, como eu disse, provavelmente estava preocupado sobre a tortura e acabar revelando a localização do lugar seguro.

— O Conselho contatou outros covis associados com eles para ajudar a buscar você e seu avô.

— Eu sei. Significa que precisava ir onde não havia covis. Meu avô não disse isso, mas descobri sozinha.

Redson suspirou. — Durma, Emma.

Ela se aconchegou mais nas cobertas. O calor era maravilhoso e tentou esquecer que estava dormindo com um homem nu. Passou-se dez anos desde que fez aquilo. Não era exatamente a mesma situação. Estava romanticamente envolvida com aquele namorado.

A ideia de ter sexo com Redson parecia meio assustadora. Ele parecia bruto e não era humano. Também tinha uma tendência de ser intimidante fisicamente. Ele a puxava para seus braços quando queria, sem permissão.

Seria ele um amante gentil? Usaria a força quando quisesse, se apenas quisesse?

O conceito era estranhamente atraente.

O que estou pensando? Ele não é meu tipo. Gosto de homens domesticados, gentis e usando ternos, que abrem a porta e dizem palavras bonitas. Ela sinceramente duvidava que Redson tinha algo além de jeans surrado. Era muito pés no chão para se preocupar com aparências. Até agora falhou nas habilidades sociais também.

A vida com seu avô deu-lhe altas expectativas. Muito podia ser dito sobre ser criada por um Vampiro com mais de quatrocentos anos. Ele abria porta para

as mulheres, tinha maneiras impecáveis quando queria e a criou para apreciar o cavalheirismo. Esse certamente não seria o VampLycan deitado ao lado dela.

Redson tem presas afiadas e rosna... ele é muito sério. Também tem uma namorada. Ela se lembrou. *Contudo*, pensou, *disse que ela não era realmente sua namorada.* Eles consideraram morar juntos até ele encontrar sua companheira.

Outro pensamento entrou sua mente. *Quem era a companheira dele?*

Nem pense em pensar nele desse jeito, ordenou. Seria um grande desapontamento esperar acontecer caso se apaixonasse por ele. Essa era uma complicação que não precisava. Sua vida já estava cheia de desapontamento e dor.

Redson não era humano. Mesmo que se apaixonassem, uma fêmea VampLycan poderia aparecer a natureza demandaria que ficassem juntos se fossem companheiros.

Capítulo Quatro

Red acordou com uma furiosa ereção e o cheiro de Emma o torturando.

Ele não se moveu enquanto silenciosamente analisava a situação. Ela virou o rosto sonolento para o seu lado e se aconchegou a ele. Somente um fino tecido separava os fartos seios dela do peito dele. Sua cabeça estava em seu ombro e de alguma forma tinha o braço ao redor dela. Cada respiração provocava sua garganta, a boca próxima o suficiente para beijar.

Seu pau pulsava, forçando contra a cama. Uma das coxas dela estava sobre a sua, dolorosamente perto de seu pau. A perna estava esticada por toda a perna dele, o calcanhar dela perto de sua panturrilha. Isso apenas evidenciava o quanto ele era maior que ela.

A camisola que ela vestia deve ter subido pois seu abdômen suave, estava exposto e tocando-o. Uma das mãos dela descansava na parte baixa de seu estômago, novamente perto demais de seu pau para seu conforto.

Seria fácil se virar, prendê-la sob ele e tirar sua calcinha. Um puxão e ela sumiria, com nada o impedindo de possui-la. Poderia estar dentro dela antes mesmo que acordasse.

Seu pau pulsou mais forte, pouco abaixo de sua cintura. O tamanho dela o fez hesitar, sem mencionar o fato de que era praticamente humana. Talvez não aceitaria bem que a fodesse... mas era *ela* quem estava em sua cama, em seu

território e agarrada a ele. Claro, ele a colocou ali, mas foi ela quem se curvou contra ele.

Porra!

Ele rosnou e a afastou com força dele. Rolou para longe. O ar estava gelado depois de ficar sob os cobertores com o calor corporal compartilhado. Ouviu a respiração dela mudar enquanto ficava de pé, feliz por ela ter admitido que não conseguia ver tão bem quanto ele no escuro. Se não, quando correu para o banheiro ela teria visão do seu pau balançando.

Fechou a porta e desejou ter uma fechadura, não que achasse que ela o seguiria para dentro do pequeno espaço. Não se deu ao trabalho de acender a luz, conhecia cada centímetro de sua toca muito bem. Apertou a ereção com uma mão tentando encontrar alivio para a dor imediata, enquanto usava a outra para abrir o espelho e encontrar o lubrificante.

Ele mantinha o tubo para emergências e essa era uma das grandes. Se não sua convidada seria fodida, em todo sentido da palavra. De costas, curvada na frente dele, contra a parede... queria que ela estivesse ali agora para que pudesse tê-la de pé. Seria muito melhor do que sua mão.

Ele revestiu seu pau, o gel gelado fazendo pouco para acalmar seu desejo ardente e furiosamente movendo a mão com a cabeça inclinada para trás. Apertou os dentes para não fazer nenhum som e deixou a imaginação correr solta.

Emma nua, aberta para ele e no cio. Porra, ele podia sonhar. Nada era mais quente que uma mulher gemendo e arranhando o homem para que a fodesse por horas. Sua buceta estaria toda molhada, quente e inchada.

Imaginou encaixar seu pau dentro dela. A paixão borbulhou dentro dele com o pensamento. Precisaria ir devagar, talvez a excitasse muito para que não se assustasse quando soubesse o quanto a queria. Apostava que aqueles humanos que ela fodeu, não eram nada como ele.

Imaginar as coxas dela abertas e a boca dele entre elas era quase demais. Ela teria um sabor tão bom. Doce mel que poderia lamber até que implorasse para fodê-la. Iria, claro. Devagar no início, até que ela se ajustasse ao seu tamanho e então rápido e forte.

Suas bolas se apertaram e não conseguiu segurar o gemido quando gozou rapidamente. Poderia ficar envergonhado com o quão rápido aconteceu, mas a porta estava fechada. Ela nunca saberia. Seu corpo estremeceu com a força, os quadris se movendo com o pau nas mãos e continuou gozando até que não conseguiu mais. Soltou sua base e foi para o chuveiro.

A água gelada o fez xingar quando o atingiu, mas alguns ajustes a deixaram quente. Demorou para se barbear e lavar o cabelo, até mesmo escovar os dentes com a água do chuveiro ainda caindo.

Não sabia como protegeria a mulher quando a única ameaça a ela atualmente era *ele* e o fato que queria fodê-la.

Sabia que ela era um problema no segundo em que viu Emma. Eram aqueles malditos e belos olhos azuis, aquela boca cheia e carnuda, além do fato de

parecer desamparada. Todo seu instinto protetor ficou em chamas quando entendeu quem ela era e por que estava ali.

Jurou que a protegeria enquanto estivesse em perigo. Pela primeira vez, queria que os sanguessugas aparecessem e causassem problemas. Ele os destroçaria e enviaria Emma de volta para o inferno de lugar de onde veio. Não podia esperar para escapar disso.

Red demorou a sair depois que desligou o chuveiro, tentando se secar no pequeno espaço. Normalmente iria para o quarto para fazer isso, mas não achou que sua convidada apreciaria vê-lo nu. Envolveu a toalha ao redor da cintura e abriu a porta.

A luz da cozinha estava acesa e a cama vazia. Ficou olhando, surpreso.

Emma arrumou a cama dele.

Era bom ter feito aquilo.

O cheiro de café provocou seu nariz e se encontrou novamente surpreso. O movimento o fez virar a cabeça apenas para encontrá-la olhando-o perto da geladeira. Ela trocou a camiseta e calcinha por um suéter de manga longa e jeans. Desapontamento o atingiu e odiou isso. Porque queria olhar para as pernas dela.

— Você se importa se fizer o café da manhã? Tem uma mistura de carne enlatada e ketchup.

As sobrancelhas dele se ergueram. — Para o café?

Ela encolheu os ombros. — É gostoso.

— Eu normalmente como isso no almoço.

Uma pequena careta curvou sua boca, atraindo a atenção. — Você não tem ovos e a única coisa fresca que vi que tem na geladeira é alguns filés. Estava esperando companhia?

Ele balançou a cabeça. — Passo meus finais de semana aqui nos meses quentes. Faço um estoque quando venho novamente aqui na próxima semana. Congelo e lentamente descongelam dentro da geladeira. Preciso ir à cidade para comprar mantimentos. Outro pensamento surgiu e ele estremeceu.

— Você está bem?

Ela notou. Ele limpou a garganta, mantendo contato visual. — Você precisa de coisas de fêmea? Sabe... coisas de mulher? Aquela época do mês está chegando?

Ela balançou a cabeça. — Eu não menstruo.

Sua boca se abriu. — O quê? Você disse que tem apenas quarenta anos. Humanos não chegam a isso até ficarem bem mais velhos.

— Você quer dizer menopausa? — Divertimento brilhou nos olhos azuis dela.

— Sim. Isso.

— Moro com um Vampiro. Sangrar por dias todo mês não é exatamente uma coisa inteligente a se fazer. Dei um jeito nisso alguns anos atrás.

Red ficou horrorizado. — Você se esterilizou?

— Não! — Ela balançou a cabeça. — Ao invés disso tomo uma injeção a cada três meses. Tenho algumas, mas não se preocupe. Não planejo ficar aqui por tanto tempo. Sempre as tenho comigo já que uma vez que nos encontram, corremos o risco de não poder voltar.

— Você não precisa de um médico para injetar?

— Não com meu avô e a habilidade dele de compelir as pessoas a fazer as coisas que quer. Ele hum, convence os médicos a me darem as injeções para levar e apaga a memória deles. Consigo o suprimento para dois anos quando fazemos isso. É mais seguro desse jeito, em vez de ter que passar por toda a papelada e novas fichas médicas a cada mês. Tento deixar menos informação possível sobre mim. Já disse... estamos sendo caçados por Eduardo e os outros vampiros do covil.

Ela não podia engravidar.

Ele sentiu seu pau responder e mudou o assunto rapidamente, para prevenir que a toalha ao redor dos quadris subisse. Não teria como esconder sua reação se não pensasse em outra coisa. — Quantos Vampiros tem o covil?

Ela encolheu os ombros. — Nós não sabemos quantos Eduardo controla atualmente. Costumava ter seis no covil quando meu avô comandava. Podem ser pequenos até três Vampiros ou ter uma dúzia. Depende de onde estão localizados, quem é o mestre e se são capazes de se sustentar sem atrair atenção.

— Você disse que apareceram na sua casa e seu avô ficou? Quantos você viu?

Ela pensou um pouco. — Ao menos dez estavam lá. Ele me disse pela nossa conexão que Eduardo não criou aqueles Vamp. Foram enviados pelo Conselho. Assumo que Eduardo apenas os seguiu.

— Sua conexão?

— Hum... é uma coisa vampírica. Eu era jovem quando fui morar com meu avô. Minha mente não tinha defesas naturais ainda e ele me treinou para receber e enviar pensamentos.

— Você pode se comunicar mentalmente com ele? — O conceito o surpreendeu. — Somente companheiros conseguem fazer isso.

— Companheiros? — Os lábios dela se abriram. — Ecaaaa! Eu não sou a *companheira* do meu avô.

— VampLycan companheiros conseguem fazer isso. — Ele corrigiu. – Você consegue falar com ele agora?

— Não. Funciona apenas quando estamos próximos.

— Quão próximos?

— Eu não sei. Conseguimos falar um com o outro na mesma casa, mas ele não consegue me enviar um pensamento quando estou numa loja e ele se esqueceu de colocar sacos de lixo na lista ou algo do gênero.

— A distância é similar com companheiros. Você consegue sentir o que ele sente?

— Não realmente, a não ser uma emoção muito forte. Eu sei que estava assustado por um segundo antes de fugir da casa, mas então a sensação desapareceu.

— Quero dizer sensações físicas. Se ele está machucado, você sente a ferida?

— Não. Apenas emoções fortes quando está irritado ou assustado.

Ele sorriu. — Companheiros tem fortes conexões. Conseguem enviar sentimentos com pensamentos pela conexão, mas também sensações físicas.

— Sério? — Ela parecia surpresa.

— Companheiros são especiais. Eles têm habilidades que humanos nunca terão.

— Ótimo. — Ela murmurou, o evitando. Sua voz abaixou ainda mais. — Mais um.

— Mais um o que?

Ela xingou baixinho antes de olhá-lo novamente. — Eu esqueci que sua audição seria tão boa quanto a do meu avô. Apenas estou cansada de ser tratada como se fosse deficiente apenas porque sou normal. Ao menos posso aproveitar os dias ensolarados sem morrer e não tenho uma calda.

Os sentimentos dela foram feridos. Podia ver isso em seu olhar e ouvir no tom defensivo de sua voz. — Eu não quis dizer nesse sentido.

— Claro. — Ela encolheu os ombros. — Tanto faz. Você tem carne enlatada ou não? Posso cozinhar? Sempre estou morrendo de fome quando acordo.

— Sim. Pode me dar alguns minutos para me vestir e posso fazer o café.

— Pode deixar, Redson. — Ela desapareceu da linha de visão. — Não sou totalmente inútil. — Murmurou.

Ele sabia que mulheres eram emocionais e que de alguma forma a deixou irritada. Rosnou baixinho e decidiu se trocar. Não havia muita privacidade, mas ela poderia olhar ou não. Ele virou as costas, deixou cair a toalha e vestiu uma calça jeans.



Emma se recusou a bater a panela na pequena boca do fogão dele apesar de sua raiva. Era um mistério porque esperava que Redson não a visse como uma as espécies mais fracas. Seu avô a lembrava disso em cada oportunidade, intencionalmente ou não.

Podia ser a atração dela por Redson causando seu desapontamento. Ele era excessivamente gostoso e um tabu acima de tudo.

Ela se virou para perguntar onde estava o abridor de latas. A visão dele curvado, vestindo os jeans e seu musculoso corpo exposto a deixou sem fala.

Virou-se rapidamente antes que fosse pega com a boca aberta.

Uma bunda bonita... e ele não usa cueca. Ela também notou que era todo bronzeado. O que levou a imagem dele tomando banho de sol nu. *Pare*, ordenou a sua imaginação. *Ele já tem namorada. Está fora dos limites. É uma má ideia.* Em algum lugar lá fora tinha uma fêmea VampLycan que provavelmente arrancaria seus olhos se não parasse de babar sobre o pedaço de carne alto dela.

Era uma possiblidade que a deixou séria. Era parte VampLycan, mas não tinha as habilidades deles. Por mais forte que fosse, não seria nem próxima de um sangue puro. A luta seria uma piada dolorida e não a seu favor.

Sentia curiosidade sobre que tipo de mulher atraía Redson. Olhou ao redor com suspeita, procurando por uma foto. Nenhuma estava exposta.

O abridor de latas não estava em lugar nenhum. Sua frustração aumentou. — Redson? — Ela se virou, na esperança dele ter terminado de se vestir.

Quase bateu o rosto no peito nu dele.

— O quê?

Ela levantou o queixo. Ele era muito alto, algo que esqueceu até ficar a poucos centímetros de distância. — Onde está o abridor de latas? É difícil fazer qualquer coisa se não conseguir abrir a tampa.

Ele ergueu uma das enormes mãos. Garras afiadas cresceram onde estavam as unhas enquanto ela admirava com a boca aberta.

— Bem aqui. Passe as latas para mim.

— Isso hum… vem a calhar. — Ela deu um passo para trás e segurou a primeira lata.

Ele fazia parecer fácil, passando a ponta do dedo ao longo da borda.

— Espero que você tenha lavado essas mãos bem e suas unhas, principalmente.

Ele arqueou as sobrancelhas. — Acabei de tomar banho e lavar o cabelo.

— Fingirei que isso foi um sólido sim. — Ela pegou a primeira, lhe dando a segunda lata e usou um garfo para tirar o conteúdo. — Eu amo essa coisa.

— Eu também.

Ele se aproximou e ela congelou no lugar quando os braços dele foram ao seu redor para tirar o conteúdo da segunda lata batendo ruidosamente no fundo. Estava presa entre ele e o mini fogão. Emma girou a cabeça, olhando-o.

— Você sabe o que espaço pessoal significa?

— Você sabe que essa é a minha casa?

— Justo.

Agradecia a proteção dele. O pai dele morreu, logo, tecnicamente poderia dizer que estava com uma merda de sorte. Klackan Redwolf fez um pacto de sangue com seu avô. O filho não tinha a obrigação de cumprir a promessa. Ela não queria que se arrependesse por ela estar reclamando demais.

Ele pegou uma colher de pau, misturando o picadinho de carne enquanto usava a outra mão para colocar ketchup. Ela ficou parada, olhando-o cozinhar,

incerta de como poderia sair de onde estava. Olhou-o novamente, notando que fez a barba. Redson tinha um resquício do delicioso cheiro do pós-barba, que era masculino, fazendo-a querer se aproximar para apreciar o cheiro. Resistiu.

— Você se livrou da barba.

Ele encolheu os ombros. — Cresce rápido. Faço toda a semana para evitar ter uma barba longa. Vai aparecer novamente em alguns dias

— Quer que eu arrume os pratos? — *Boa desculpa para ele me deixar ir.*

— Você está bem onde está.

Isso não era exatamente verdade. Ele era tão grande que se sentia como um pequeno anão em seus braços. Não tinha problema nenhum em olhar sobre ela para ver a panela. Mordeu o lábio e decidiu ser direta. Disse que estava considerando morar com outra mulher, mas agia como se fosse solteiro. Definitivamente vibes de *dando em cima de você* estavam sendo lançadas na sua direção.

— O que você está fazendo?

— Cozinhando.

— Sabe que não é disso que estou falando. Não posso me mover sem tocá-lo e está cozinhando depois de ter me oferecido.

Ele a olhou.

— O que você está fazendo? — Ela falou suavemente pela segunda vez.

— Cozinhando.

— Está se fazendo de bobo e sei que não é. O que é isso? — Ela olhou para seus braços prendendo-a antes de olhar para seus belos olhos.

Isso o fez franzir o cenho. — Você estava no caminho e eu não queria ter que afastá-la. Poderia ficar irritada, desde que não gostou disso ontem.

— Você poderia ter pedido para que eu saísse, sabe.

Ele encolheu os ombros. — Consigo ver e alcançar ao seu redor você.

—Redson...

— Pode me chamar de Red. — Ele disse, a voz baixando o suficiente para assemelhar-se a um rosnado sexy.

O coração dela pulou uma batida. Um click suave soou, sinalizando que ele desligou a chama da panela. — Está pronto?

Ele repentinamente a surpreendeu segurando sua cintura. Ela se agarrou aos seus braços para ter algum suporte e manter o equilíbrio, mas a girou enquanto a levantava. Madeira solida bateu em suas costas quando ele a prendeu contra a parede.

Red tinha olhos lindos. O marrom tinha linhas douradas ao redor da íris, o formato era exótico e o dourado ficava mais amarelo, quase brilhando. Continuava até o marrom ser quase completamente substituído pela cor brilhante. Emma não conseguia desviar o olhar. Era fascinante e atraente ao mesmo tempo.

Tinha também algo alarmante sobre isso... algo familiar.

— Porra. Não! — Sua mente voltou a funcionar. — Você tentará aquela coisa que os Vampiros fazem com os olhos. — Ela forçou o olhar para os lábios cheios dele. — Eu não sabia que VampLycan tinham essa habilidade.

— Olhe para mim.

Ela balançou a cabeça, suas mãos apertando os bíceps dele. Red tinha uma pele bem quente, talvez um traço do sangue Lycan, já que Vamp tinha um toque mais gelado a não ser que tivessem acabado de se alimentar. Ele tinha lábios tão beijáveis... pareciam suaves, mas firmes. Apostaria que ele era bom beijando se as presas não estivessem estendidas. Seria difícil evitar a perda de sangue acidental a tocasse com elas.

— Emma.

— Eu não quero ser hipnotizada ou ordenada para fazer o que quer que você queira. Isso é rude.

— Olhe para mim.

— De jeito nenhum. — Ela continuou olhando a boca dele. — Apenas me diga o que você quer e não tente usar nenhum truque especial em mim.

— Eu não estou tentando influenciá-la.

— Não sou ingênua! Eu sei o que acontece quando seus olhos brilham. Meu avô é um Vamp, lembra-se? Eu o vi fazer isso milhares de vezes e você não gostaria da minha reação.

— O que quer dizer?

— Eu tenho uma dor de cabeça dos infernos e posso vomitar depois. Vovô precisou me controlar algumas vezes e acha que criei resistência. Ainda consegue, mas pago um preço por isso depois. Tenho certeza que você não quer que eu perca o resto do jantar de ontem à noite no seu chão.

Os lábios de Red se abriram e ele rosnou. — Ele a controlava? Achei que a tratasse bem.

— Sim! Às vezes ficava muito assustada quando eu era pequena e ele precisava me controlar. Mencionei que nós vivíamos em uma cidade cheia de Vamp. Já viu um escravo de sangue?

Ela olhou para ele, feliz ao ver que os olhos não estavam mais dourados e nem brilhavam. Boa parte do marrom voltou. Era seguro o suficiente para manter contato visual.

— Sim. São criaturas sem cérebro.

— Eu não iria tão longe. Você está fazendo parecer como se eles fossem zumbis. Ok. — Ela rapidamente concertou. — Entendo seu ponto. Eles não são exatamente emocionais ou independentes. Apenas fazem o que lhes é dito sem resistência. Às vezes um covil fica curioso e aparece para nos investigar. Meu avô fazia com tivessem certeza que eu era a escrava dele.

— Por quê?

—Ele queria me manter viva.

— Por que se importariam que fosse uma escrava de sangue dele ou não?

— Não é permitido que humanos saibam sobre Vampiros! É uma sentença de *morte*. Entrava em minha mente enquanto nos observavam de perto. Fazia com que achassem que era sua escrava de sangue. Mas depois de um tempo e comecei a ficar doente. Nós nos mudamos para uma área remota sem outros Vamp por perto, porque ele temia por minha saúde.

A expressão dele ficou tensa. — Você não sabe se ele se alimentou de você ou não quando tirou seu livre arbítrio.

— Isso se chama confiança e sei sem sombra de dúvidas que ele não tiraria vantagem de mim. Eu não sou *comida*. Sou seu coração. Ele não poderia dizer exatamente que sou sua neta. Vamp conseguem perceber se ele é antigo ou não. Poderiam descobrir que sou parte VampLycan e novamente uma sentença de morte, já que sou mais fraca.

— Vamp da cidade ainda odeiam VampLycan?

— Eu diria que é meio a meio entre medo e ódio. Eles sabem que suas espécies virão atrás deles se tentarem repetir o passado e usar Lycan como reprodutores. Mas não gostam de ninguém dizendo o que podem ou não fazer também. Querem evitar outra guerra, mas não pertenço a um clã VampLycan. O que significa que me matar não traria nenhuma consequência para eles.

— Quem disse que a guerra acabou?

As sobrancelhas dela se arquearam, observando-o. — Você ainda está lutando contra Vampiros no Alasca?

Ele hesitou, mas encolheu os ombros. — Tentamos evitar Vampiros, mas teve alguns incidentes envolvendo outro clã sendo atacado por eles. Alcateias Lycan nos temem.

— Por que os Lycan temem vocês?

— Você se lembra como sua mãe se parecia quando ela se transformava?

— Não.

— Nós não nos assemelhamos a lobos. Lycan podem se passar por lobos de longe, mas de perto são maiores. Somos diferentes. O sangue Vampiro nos dá uma forma mais humanoide. Cresce menos pelo, mais massa e somos mais fortes. — Ele fez uma pausa. — Mais rápidos. E é a porra de uma dificuldade conseguir nos matar, já que curamos em uma velocidade que eles não conseguem, especialmente afundarmos as presas neles enquanto lutamos. Então o lado Vampiro é revelado. Uma ferida se fechará em segundos enquanto estivermos nos alimentando. E todos os VampLycan são alfas, ao contrário dos Lycan. Alcateias são feitas para seguir uma pessoa ou par, mas não um grupo grande. Isso confunde seus instintos.

Ela teve um tempo para digerir a informação. Outra pergunta surgiu em sua mente. — Você mencionou GarLycan. Qual a história deles? Não parece confiar neles. Por quê?

— Quanto o seu avô disse sobre para você sobre a nossa história?

Ela parou e pensou. — Vampiros e Lycan costumavam trabalhar e viver juntos. Disse que era um acordo mutualmente benéfico, já que Vampiros podiam apagar as lembranças de qualquer humano que olhasse duas vezes para

um Lycan. Os Lycan podiam manter os Vampiros seguros enquanto estivessem dormindo durante o dia. A vida nunca esteve tão bem e todo mundo era tão amigável quanto poderia ser. Meu avô disse que cada raça costumava viver em pequenos grupos, mas uma vez que juntaram forças, Lycan e Vampiros tinham números semelhantes aos humanos que viviam perto deles. As relações entre espécies começaram e estavam bem... até que uma Lycan ficou grávida de um Vampiro. Então a merda atingiu o ventilador. Meu avô disse que muitos da espécie dele tentaram matar todos os Lycan machos, para forçar as mulheres a se transformarem em reprodutoras.

Red sorriu. — A forma como você diz as coisas. — Ele ficou mais sério. — Mas esse foi o jeito que as coisas aconteceram, contudo. Vampiros atacaram a raça que chamaram de amigos e aliados. Você sabe como os Lycan lutaram?

— Imagino que com muitas garras e mordidas envolvidas.

— Eles mandaram as mulheres de idade fértil e crianças para longe, com os companheiros para protegê-las. Os machos solteiros e membros mais velhos ficaram para lutar até a morte e dar tempo deles fugirem. Quase metade da alcateia ficou para lutar e dar uma chance ao restante de conseguir escapar.

— Eu não sabia disso.

Red balançou a cabeça. — Tudo se resolveria nas gerações futuras e por isso garantiram que a espécie sobrevivesse. Os Vampiros não atacaram de início. E não foi somente uma mulher que ficou grávida de um Vampiro. Foram dúzias delas no momento que os Lycan perceberam que os Vampiros se viraram contra eles. Lycan fugiram e escaparam da área. Acharam que os Vampiros não iriam

caçá-los em uma região selvagem, já que não teriam muitos humanos para os alimentar. As Gárgulas já estavam lá, por algum motivo. Vieram da Europa para escapar dos ataques de humanos e Vampiros. Também tinham problemas com outros clãs de Gárgulas atacando de tempos em tempos.

— Por que uma Gárgula atacaria a outra?

— Poder. Território. O mesmo motivo pelos quais todas as raças lutam.

— Gárgulas realmente existem...

— Não há muitos puro-sangue nos clãs locais ultimamente. Uma vez existiram cerca de doze Gárgulas machos. Meu pai disse que eram poucas as Gárgulas fêmeas. — Ele fez uma pausa. — Gárgulas normalmente dão à luz a machos. É uma tendência genética que têm. Gárgulas fêmeas são uma raridade, provavelmente uma a cada vinte nascimentos.

— Isso não é bom, a não ser que elas tenham dezenove maridos cada.

Ele balançou a cabeça. — Gárgulas são territoriais. Eles não compartilham suas mulheres. Significa que lutariam um contra o outro até a morte para ganhar o favor de uma potencial companheira. Então de repente, aparecem várias Lycan solteiras, já que a maioria dos solteiros sem companheira não sobreviveram à guerra.

—- Acho que entendo onde isto está indo.

Red acenou. — Ambos precisavam de algo um do outro. Lycan estavam procurando por um santuário e uma aliança forte para defender suas mulheres

e crianças dos Vampiros se os localizassem. Gárgulas precisavam de mulheres para poder ter crianças.

— Pobre Lycan. É como sair da panela para cair no fogo.

— Não exatamente. — Red balançou a cabeça. — Elas não foram forçadas a nada pelas Gárgulas. Era tudo voluntario. Gárgulas solteiras eram apresentadas às mulheres Lycan solteiras. Caso se sentissem atraídos e ambos concordassem, seriam companheiros. GarLycan nasceram dessa união.

— Mas são parceiros ainda, certo? Aliados? Por que você não confia neles?

— Nós estamos bem agora, mas é estressante depois de um longo tempo. Eles ressentiam que alguns das Lycan já estavam grávidas ou tinham dado luz a crianças da guerra. Aos VampLycan. Gárgulas sangue-puro tratavam com inferioridade nós meio sangue por causa do nosso sangue Vampiro, mas ainda tínhamos Vampiros puro-sangue como inimigo em comum. O prejuízo deles nós manteve em alerta.

— As crianças metade Lycan e metade Gárgula não eram mestiços também?

— Sim.

— Isso é estupido.

— Eu concordo... mas Gárgulas tem com complexo de superioridade. Odeiam tudo Vampiro e ensinaram esse ódio para as crianças. Gárgulas tiveram sua própria guerra na Europa que durou milhares de anos. Mas um GarLycan recentemente se acasalou com um meio humano com sangue VampLycan. Nós

não temos certeza de como funcionaria com os GarLycan. Ainda em sua maioria se recusam a acasalar com qualquer um do nosso clã. Não querem que o sangue vampiro manche a preciosa herança Gárgula. Estão começando a ter o mesmo problema que antes, então talvez amenizem essa regra. Têm mais machos que fêmeas no clã, mas não tem mais Lycan fêmeas de puro-sangue para escolher.

Ela engoliu em seco. — Você pode se afastar agora? Por que estou nessa posição para início de conversa?

— Eu não estava tentando controlar sua mente.

— Seus olhos estavam brilhando. Conheço esse poder.

— Verdade. Mas sou VampLycan, contudo.

— O que isso significa?

Ele abaixou o olhar para os seios dela. — Eles brilham quando estou excitado, também.

Ah merda. Ela engoliu em seco, digerindo aquela informação com o coração pulsando erraticamente. — Você tem uma namorada. Solte-me.

Irritação surgiu rapidamente em sua expressão. — Ela não é minha namorada.

— Você admitiu fazer sexo apenas com mulheres que não vivem na cidade. Eu atualmente me qualifico como residente. Obrigada, mas não. Eu não curto sexo casual. Solte. Me.

Ele não cedeu. — Você não é residente. É uma visitante.

— Red...? Para trás. — Medo surgiu por um segundo. E se ele não se afastasse? E se não fosse tão honrado quanto pensava? Sentia-se segura até ele a prender contra a parede e fazer aquela coisa com os olhos. — Eu não quero ser ferida novamente.

— Eu nunca a forçaria.

— Eu quis dizer um coração partido. Não faço sexo casual por um motivo. Meu corpo e coração são um pacote. Não posso deixar mais claro que isso. Você tem uma mulher lá fora. Disse que pensou em morar com ela e um dia encontrará sua companheira. Não quero apenas esquentar sua cama por que sua namorada não está aqui ou até você encontrar alguém melhor.

Ele franziu o cenho a observando. — É dessa forma que você vê?

— Eu gosto de manter as coisas realistas e é a isso que se resume. Há muito que não sei sobre sua espécie, mas um companheiro é algo bem sólido. Eu seria deixava instantaneamente se encontrasse a sua, certo? O chamado da natureza e tais coisas. Obrigada, mas não. Sou velha o suficiente para saber melhor. Gosto do meu coração no peito e não estraçalhado.

Ele fez uma careta. — Eu não permitiria que ninguém a machucasse.

— Eu quis dizer *emocionalmente* estraçalhado. Mas fico feliz em saber que você não deixará sua namorada me despedaçar até a morte se aparecer aqui. Ela me detonaria.

A expressão dele suavizou. —Eu gosto de você, Emma.

— E eu gosto de você, também. Mas isso não significa que nós podemos ter sexo. — Ela estava tentada, contudo. Nunca se sentiu tão atraída por alguém como estava por Red. Isso também a deixava ciente de que poderia se apaixonar por ele se ficassem íntimos. — *Por favor,* pode se afastar? Eu não posso ter meu coração despedaçado novamente.

Ele lentamente a soltou. Ela respirou mais facilmente quando colocou espaço entre eles andando em direção ao fogão. Observou suas costas largas enquanto abria os armários para pegar os pratos.

— Isso será difícil.

Ela ficou onde estava. — O quê?

— Querer você e estar tão perto.

— Disse que precisava comprar mantimentos. Talvez deva fazer isso hoje. Eu tenho certeza que ficarei segura aqui sozinha por algumas horas.

— Sim. Ar fresco faria bem. Tudo que consigo cheirar é você.

— Como sede por sangue e ficar faminto?

Ele virou a cabeça e a encarou. — Eu quero fodê-la. Não comer. — Os olhos deles foram para suas coxas. — Bom. — Ele girou a cabeça de volta. — Eu a comeria totalmente, mas não como um Vamp se alimenta das mulheres. Amaria enterrar minha cabeça entre suas pernas e colocar minha boca em você.

Um calor queimou dentro do corpo dela. Ele estava falando de sexo oral. Apostaria que ele era bom nisso também. Era rígido o suficiente para ela

acreditar que não faria nada ruim. Um calor se espalhou por seu ventre e seu clitóris começou a latejar.

— Você realmente deveria comprar mantimentos hoje.

Ele a encarou da cozinha. — Irei depois do café da manhã.

— Ótimo.

Ela o observou se mover, notando aqueles braços enormes, a forma como seus músculos flexionavam e encarou o traseiro musculoso dentro do jeans desbotado. Seria seguro observá-lo se não estivesse ciente disso. Imaginou como seria cravas as unhas nas costas dele, a imagem dele contra ela passando por sua mente em um flash. O impulso de tocá-lo era quase insuportável.

Red colocou a comida nos pratos sobre a pequena bancada e se virou. Ela rapidamente olhou para seu rosto, seus olhos. As narinas dele se alargaram, atraindo o olhar dela mais para baixo enquanto ele inalava.

Então ele moveu rápido o suficiente para lembrá-la de um Vamp, repentinamente invadindo seu espaço. Ele não a tocou, mas estava perto, somente centímetros os separavam.

— Porra. — Ele rosnou.

O tom profundo fez o calor piorar.

Surpreendeu-se quando ele deu um passo para trás e ficou de joelhos. Usou suas enormes mãos para abraçar a cintura dela enquanto abaixava a cabeça, encarando intensamente entre suas pernas.

Pressionou a cabeça ali e ela ofegou, não esperando por isso.

Ele enterrou o nariz bem onde estava seu clitóris, esfregando-se contra o tecido. — Você está tão *quente*, baby. Posso sentir seu cheiro... – Ele moveu a cabeça, continuando a atormentar com o suave movimento de seu nariz.

Emma fechou os olhos. Desejo a percorreu como nunca antes. Precisou apertar os joelhos para impedir escorregar para o chão. Red rosnou, criando vibrações. Emma gemeu e cegamente estendeu a mão, segurando os ombros dele.

Red moveu as mãos, levando os dedos para a cintura de sua calça. Ele segurou com força e puxou o tecido. O zíper do jeans se rompeu sob a força dele. Puxou a calça para baixo com seu rosto ainda muito perto.

Emma abriu os olhos, olhando-o.

Ele moveu-se novamente, segurando sua calcinha e a desceu com um puxão forte. Levou-a até a calça onde a deixou no meio das coxas, depois puxou tudo mais para baixo.

— Tire.

— Red... eu... — Ela o queria tanto que doía. Estava entrando no cio? Nunca aconteceu isso antes, mas não podia ignorar a dolorosa necessidade de tê-lo tocando-a.

A cabeça dele se levantou e seus olhos estavam dourados novamente. Ela não afastou o olhar dessa vez, confiando que não controlaria sua mente. Estava

apenas excitado. — Há uma conexão entre nós, Emma. Não diga não. — Disse. — Deixe-me, baby.

Ela tinha quarenta anos de idade. Passaram-se dez anos desde que esteve com um homem. — Eu não quero ser machucada.

— Não quer descobrir o que há entre nós? Eu me senti atraído por você desde o momento que nos conhecemos.

Ele pareceu bem irritado por tê-la na vida dele, mas olhando para os belos olhos dourados agora, sentiu-se concordando.

Ele empurrou a calça dela mais para baixo e ela levantou uma das pernas, ajudando a tirá-la. A calcinha ficou presa na calça. Ele a soltou e ela levantou a outra perna, tirando-as.

Ela esperava que fossem para a cama, mas Red tinha outras ideias. Simplesmente enganchou um dos joelhos dela com a mão e levantou sua perna, colocando-a sobre os ombros.

Emma ofegou quando ele enterrou o rosto entre suas pernas novamente.

Não havia mais nada entre eles. A boca quente dele a tocou e ele usou a língua contra seu clitóris. Emma passou os dedos pelos cabelos dele. Gemidos saíram dela enquanto Red lambia e chupava a parte sensível cheia de nervos dela. Ele rosnou, adicionando vibrações novamente.

Ninguém nunca a tocou com tanto entusiasmo. Era muito intenso e Red não se continha. Emma mordeu os lábios, tentando sufocar parte dos sons que estava fazendo. Seu abdômen se apertou e os quadris começaram a se mover,

incapaz de ficar parada. Red segurou seu traseiro, os dedos se enterrando na pele para a mantê-la no lugar.

— É demais! — Ela gritou. Puxou o cabelo dele, tentando afastá-lo.

Ele rosnou rispidamente e ficou mais brusco, a língua se movendo mais rapidamente. Emma jogou a cabeça para trás contra a parede e fechou os olhos novamente. Êxtase a percorreu e se esqueceu de como respirar. A única perna que a sustentava falhou e teria caído se Red não a mantivesse contra a parede com o corpo dele.

Ele afastou a boca enquanto ela sentia o clímax.

Emma estava ciente de Red ter soltado seu traseiro e movido as palmas para cima. Repentinamente moveu seu ombro, forçando a perna dela a descer. Ela foi para frente, sem equilíbrio. Red se levantou, puxando-a. Mais uma vez, Emma se viu sobre os ombros dele.

Ele foi em direção ao quarto e ficou de joelhos. O colchão amorteceu a queda deles enquanto ele se inclinava para frente, gentilmente a colocando ali. Ela abriu os olhos, observando-o.

Ele moveu a mão para sua calça, abrindo-a.

— Você é linda.

Emma amava a voz áspera dele e a forma como descia a calça, deixando-a observá-lo por inteiro. Sentia-se desejável e ele soava sincero. Arqueou as costas e lutou contra a blusa. Não a queria no caminho. Também ajudou a distrai-la de

quando Red empurrou tirando completamente a calça. Ela não queria ficar de boca aberta.

Ela puxou a blusa sobre a cabeça e dobrou os braços, desenganchando o sutiã. Jogou-o longe. Red ficou sobre ela, usando os braços para abraçar a parte de cima de seu corpo e evitar esmagá-la com seu peso. Ele se abaixou até que os peitos se tocarem, olhando profundamente em seus olhos.

— Serei cuidadoso.

Era um lembrete a ambos que ela era praticamente humana. Isso também a fez imaginar como usualmente ele fazia sexo. Provavelmente não era lento, nem fácil. Era grande e muito forte. Provou o último várias vezes.

— Diga sim.

Era mais uma exigência que um pedido, mas Emma não se importou. Ela o queria o dano estava feito e não havia volta. Não queria mais pedir que parasse.

— Sim.

Ela abriu mais as pernas e as levantou, abraçando com as coxas e a cintura dele. Red mudou de posição um pouco e ela sentiu a ponta de seu pau tocar sua buceta. Ela parou, segurando a respiração. Ele continuou olhando-a, sem desviar o olhar. Gostava disso.

Ele lentamente pressionou contra ela e percebeu o quão molhada estava, o seu corpo estava mais do que preparado para aceitar Red. Seu pau era grande. Conseguia sentir eu corpo se esticar para aceitar sua circunferência. Ela mordeu os lábios e agarrou um dos ombros dele.

Os olhos dele se estreitaram e um rosnado baixo saiu quando ele congelou. — Você será minha morte um dia, Emma.

Era realmente uma má ideia ter sexo com Red. Tudo que disse era verdade. Não era do tipo de ter sexo casual. A última coisa que precisava era se apaixonar por outro homem que novamente partiria seu coração.

Ela ergueu as pernas um pouco, apertando mais forte para apressá-lo.

Red afundou mais e a sensação era incrível. Não havia dor ou desconforto. Ela precisava de mais, o queria todo. Ele abaixou a boca, mas não foi para os lábios dela. Inclinou a cabeça levemente e ela fechou os olhos.

Ele beijou seu pescoço. Um arrepio percorreu sua coluna, do tipo bom, quando sentiu as presas passarem levemente por sua pele. Nunca desejou que um homem a mordesse, mas Red estava mudando isso. Virou a cabeça para dar-lhe melhor acesso.

Ela nunca se sentiu tão perto de uma pessoa como se sentia naquele momento. Ele estava ao redor dela, sobre ela, a pressionando-a para baixo. Os corpos estavam intimamente ligados. Ele congelou novamente quando ela tinha quase certeza que seu pau estava completamente dentro. Estava incrivelmente duro. Outro rosnado saiu dele e gostou da forma como seu peito vibrava contra o dela... e nos lábios também.

— Ah, porra. — Ele rosnou.

— O que? — Ela abriu os olhos.

— Você parece tão *certa*. — Ele fez uma pausa, então lambeu os lábios. — Tem o *gosto* certo também. Cheira tão bem...

Ela entendia. Ele cheirava bem também e o sexo nunca fora melhor. Passou as mãos pelas costas dele, levemente raspando as unhas sobre a pele quente. As presas suavemente mordiscaram seu pescoço em resposta. O corpo dele todo respondeu e o dela ficou rígido sob ele, esperando-o se mover.

Ele moveu os quadris, se afastando um pouco. A sensação era incrível, mas a fez querer dolorosamente mais. O desejo por sexo nunca foi tão forte. Era uma dor física. — Por favor! — Ela não tinha certeza do que estava pedindo, mas esperava que *ele* soubesse. Era a primeira vez dela no cio, se estar perto de alguém como ele causasse essa reação.

— Você quer que eu pare? — Ele parecia atormentado.

— Não! Não isso.

— Não quero machucá-la.

— Não irá. Por favor, Red. Quero mais...

Ele entrou novamente, desta vez não tão suavemente. Emma gritou quando o êxtase estremeceu seu corpo todo com uma onda de paixão. Red rosnou e inclinou a cabeça, deixando beijos do ombro até o pescoço. Abriu um pouco as pernas, a forçando mais contra a cama. As unhas dela cravaram nele, provavelmente deixando marcas.

Então a penetrou rápido e profundo, entrando e saindo.

Emma gritou e fechou os olhos com força. Podia apenas se segurar em Red. Ele a fodeu rápido demais para que conseguisse acompanhar seu ritmo. O mundo desabou ao seu redor. Era somente Red e o prazer entre eles. Suor brilhava no corpo deles e os seios dela se esfregando contra seu peito, apenas ampliava a sensação crua cobrindo todos seus sentidos.

Aumentou até que ela não conseguiu mais pensar. Seu corpo ficou tenso, os músculos pareciam ter espasmos. O clímax a atingiu e ela gritou. Red afastou a boca de seu pescoço e rosnou novamente, bem em seu ouvido.

Ela praticamente não registrou, muito perdida, enquanto sua mente vagava.

Capítulo Cinco

Red conseguiu manter o peso longe de Emma para ter certeza que ela conseguisse respirar. A respiração ofegante dela se misturava com a dele. Lutou para conseguir um pouco de sanidade. Era difícil. Gozou tão forte dentro dela que suas bolas doíam. Pequenos tremores percorriam seu corpo enquanto movia a cabeça para soltar as presas do lençol que mordeu, ao invés dela.

Suor banhava seu corpo e provavelmente o dela. Sempre saía antes de gozar para evitar que uma mulher ficasse com seu cheiro, pois assim um banho conseguia tirá-lo. Foi algo que percebeu quando começou a voltar à realidade. Seu pau amoleceu levemente, mas ainda estava dentro das quentes paredes da buceta dela.

Ele não queria separar seus corpos. Ficou ali parado, a mantendo exatamente onde queria. Sob ele. Os braços ainda estavam no pescoço dela e os calcanhares dela sobre sua bunda. Até mesmo os joelhos dela estavam cravados em suas costelas, presos entre o dorso e os braços, dando uma boa sensação. Ela parecia tão certa e respondeu tão bem a ele.

Isso não é bom. Ela nunca esteve perto de outro VampLycan. E se meus hormônios a afetaram e por isso concordou em ir para cama comigo?

O corpo dela não teria sido despertado por um humano. Eles não tinham a química certa para tentar o lado Lycan dela e faze-lo ressurgir. Deveria ser isso,

por que se não estariam ferrados, caso ela sentisse por ele a mesma atração que ele sentia por ela.

Ele abriu os olhos enquanto levantava a cabeça um pouco, olhando a pálida coluna de sua garganta até a ponta do ombro. Tinha marcas vermelhas da boca dele, mas nenhum sangue. Era tentador morder. *Muito tentador.* Forçou a desviar os olhos e observou seu rosto.

Os olhos dela estavam fechados e a pele rosada. Os lábios pareciam incrivelmente beijáveis, entreabertos enquanto tentava recuperar o fôlego. Esse outro impulso contra o qual lutava. Não conseguiria retrair as presas nem mesmo para salvar sua vida. Não tinha a intenção de fazê-las aparecer. Emma aflorou o animal dentro dele.

Olhou para seus braços, aliviado por não ter crescido mais pelos. Aquilo *realmente* a faria surtar, caso começasse a mudar parcialmente enquanto a fodia. Pequenos desvios podiam acontecer se o sexo fosse bom o suficiente.

Bom o suficiente? Merda.

Não podia comparar outras mulheres com Emma. Ele nunca perdeu completamente o controle antes e ainda assim o fez com ela. *Tanto para ser gentil e devagar.* Ele foi para cima dela como se fosse *ele* quem estivesse no cio. Tentou respirar pelo nariz e o cheiro o fez segurar um rosnado. Seu pau engrossou e pulsou com sangue. Ele a queria novamente. Ela cheirava como puro sexo e o paraíso. Melhor que uma refeição para um homem faminto ou qualquer outra coisa que ele pudesse ter cheirado.

Emma abriu os olhos e o olhou. Ele viu confusão, seguida rapidamente por medo. Não a culpava, se estava pensando ou sentindo qualquer coisa perto do que ele estava. Também estava um pouco confuso e assustado.

E se ela fosse sua companheira? A vida não *poderia* ser tão fodida. Red podia ser da mesma família que o líder do clã, mas seu tio tinha expectativas. Tio Velder deixou claro que dependeria de Red fazer aquilo que seus filhos não fizeram.

Merda. Isso não é bom.

Seu tio poderia pedir para ele e Emma saírem se ela fosse sua companheira. Outros clãs poderiam não os querer também se Vampiros estivessem atrás dela. Colocaria os jovens deles em risco se fossem atacados por causa de alguém que sequer conheciam, ou se importavam. Precisaria protegê-la por contra própria seu próprio povo e viver no mundo humano se esse fosse o caso. Não tinha certeza se conseguiria mantê-la a salvo nessas circunstancias.

Emma acariciou seus ombros e ele estremeceu. A sensação era muito boa. Queria ter cada parte dele acariciado por ela...

Era outro sinal da possibilidade de ser sua companheira e precisava colocar uma distância entre eles. Se não a foderia novamente até que fizesse algo estupido, como mordê-la. Uma gota de sangue poderia colocá-los juntos para sempre se enlouquecesse. Acasalaria com ela se ela fosse realmente sua companheira e nada poderia impedi-lo. Nem mesmo o fato de não discutir a situação com ela primeiro. Apenas a reivindicaria e que as consequências explodissem.

Seu pau latejou, o lembrando que ainda estava dentro dela. Lentamente saiu, apertando os dentes, por que a sensação era tão incrível que não queria se afastar. Foi com grande pesar que saiu de dentro dela. Precisou mover os quadris um pouco para que não ficasse alinhado em sua entrada. Queria fazer isso novamente, mais do que queria respirar.

— Red?

O sussurrar dela soou confuso, o fazendo reconsiderar suas ações. Ela poderia estar no cio. Isso significava que *ele* o ativou. Distância era necessário entre eles antes que fosse tarde demais. Mas não queria ferir seus sentimentos ou deixar as coisas piores por simplesmente se afastar. Isso significava que deveria explicar o que estava acontecendo.

Apenas esperava que ela entendesse.

— Nós precisamos parar.

— Você ainda está duro. Eu o senti. — Um rubor subiu pelas bochechas dela. — Eu... nós podíamos fazer novamente.

Ela era ingênua de muitas formas. Isso rasgou suas entranhas. Ele amaria concordar. Ela o queria também. Quase perdeu a força de fazer o que era certo.

Era uma das coisas mais difíceis que precisou fazer quando se levantou, colocando um pouco de espaço entre os corpos deles. Não conseguiu resistir a olhar para baixo. Ela tinha seios lindos, na verdade salivou, querendo colocá-los na boca. Teria um gosto doce. Ele a lamberia toda.

Virou a cabeça e fechou os olhos, respirando pela boca. Não ajudou muito. O coração batia freneticamente e lutou contra o desejo. Quase o dominou. Ele queria muito Emma.

— Porra!

Ele precisava se afastar mais ou perderia sua força de vontade. Empurrou seu corpo e rolou para a beirada da cama, a soltando. Ela não era forte o suficiente para segurá-lo. Ficou de pé e deu alguns passos longe. Parou, se sentindo dividido entre querer voltar para cama com ela e querer sair para conseguir respirar ar puro sem estar saturado com seu cheiro.

A respiração dela mudou. Estava atento a tudo sobre ela. Podia ouvir seu coração acelerado. Ela se moveu na cama, o som muito baixo, mas ainda conseguiu detectar. Ele respirou fundo pela boca, forçando a mente a controlar as necessidades de seu corpo.

— Red? O que há de errado?

Ele balançou a cabeça e se virou. Ela sentou-se e cobriu os seios e colo. Isso ajudou a acalmar o desejo. Podia ver que ela estava perplexa e tinha quase certeza de ver uma leve expressão de dor em sua face, o que significava que feriu seus sentimentos. Precisava explicar.

— Eu queria mordê-la. — Ele deixou escapar.

Ela relaxou o aperto no cobertor e o olhou suavemente para o lugar que ele a arranhou com suas presas. As marcas vermelhas estavam mais vividas agora e provavelmente deixaria um hematoma. *Uma mordida de amor sem perfurar, ainda bem.*

— Sem problemas.

Sim, ela é muito ingênua.

— Você disse que VampLycan mordem durante o sexo. Eu não teria ficado louca.

Ela estava quase o pedindo para fazer isso. Ele deu um passo mais perto dela, tentado. Fechou as mãos do lado do corpo e parou. — Eu preciso de um banho. — *E colocar distância entre nós. Lavar seu cheiro de mim. Achar minha maldita sanidade. Meu controle está desmoronando.*

Os olhos dela foram para seu pau. Ele sabia o que ela via. Ainda estava duro como pedra e provavelmente se manteria daquele jeito por um bom tempo, enquanto ela estivesse perto. Ela olhou para o rosto dele e franziu o cenho. Ver o brilho das lagrimas que não escorreram preencher os olhos dela fez o peito dele doer. Ela curvou os joelhos próximo ao corpo sob o cobertor, segurando-os com uma mão, aparentemente tomando uma postura defensiva.

— Ok.

Ele a machucou, certo? Era a última coisa que queria. — Você não entende.

Ela virou a cabeça, encarando parte da cama. — Sim, eu entendo.

— O que acha que entendeu? — O temperamento dele acendeu um pouco.

— Vá tomar seu banho. A comida está esfriando.

Ela não olhou para ele novamente e havia definitivamente dor em sua voz. Ele virou para a direção oposta e andou em direção aonde guardava suas roupas,

pegando um short largo de corrida. Vestiu-o. Não escondia o fato de que ainda tinha uma enorme ereção, mas fez com que se sentisse um pouco mais seguro perto dela, agora que ambos estavam parcialmente cobertos. Ele a olhou novamente.

— Emma.

— O quê? — Ela cutucou a manta de pele na cama.

— Porra. — Ele rosnou.

Isso a fez levantar a cabeça e olhá-lo. Lágrimas ainda estavam ali e isso o rasgou por dentro. Ela não disse nada. Ele tinha muito o que dizer.

— Eu queria mordê-la.

— Foi o que você disse.

— Isso seria ruim.

— Por que eu sou muito humana. Entendi.

— Eu não disse isso. — Ele fez uma pausa. Era um pouco verdade. Ele a teria mordido para descobrir com certeza se era sua companheira se fosse de um dos clãs. — Aceitei o pacto de sangue para mantê-la segura. Isso significa de mim também.

— Você não rasgou minha garganta, rasgou? — Ela fez uma careta.

— Não.

— Então o que está tentando dizer?

Ele não ousou se aproximar. — Eu queria mordê-la, por que... acho que você poderia ser...

Os lábios dela se entreabriam e os olhos se arregalaram.

— ... minha companheira. Você cheira tão bem e é tão tentador, Emma. Entende? O que aconteceu entre nós foi muito intenso. Não foi normal. Tenho certeza também que meus feromônios estão ativando os seus. Poderia enviá-la a um cio completo se não me distanciar. Estava reagindo muito a mim... como uma resposta Lycan. Entende?

Ela mordeu o lábio inferior, observando-o. Piscou algumas vezes e a expressão mudou para algo que pensou ser raiva. — Vamos acabar com essa conversa agora. Você deveria tomar um banho.

— Eu não quero feri-la.

— Não estou. — Ela empurrou o cobertor para longe e ficou de pé.

Os joelhos dele quase desabaram com a visão dos seios nus e cada centímetro dela se revelando. O fez querê-la novamente. Sua ereção começou a doer enquanto esticava a bermuda e se inclinou em um ângulo estranho. Moveu a mão e se ajustou.

Emma o viu fazer isso e se aproximou. Ele a teria no chão fodendo-o se o tocasse. Todo autocontrole desapareceria.

Mas ela passou por ele, mantendo centímetros de distância entre eles. Ele virou a cabeça, vendo o rebolar dos quadris enquanto entrava a sala de estar. Ela se abaixou e ele estremeceu completamente, olhando sua bunda. Queria

correr até ela e tirar a bermuda. A imagem dele virando-a um pouco, pressionando-a sobre o braço do sofá e a fodendo por trás, encheu sua mente.

Ela tirou algumas roupas de dentro da mochila e se endireitou, vestindo-se enquanto a olhava. Odiava vê-la cobrir seu corpo. Não protestou, contudo. Apenas ficou parado, todos os movimentos dela mantendo sua atenção. Ela o ignorou e entrou na cozinha. Era como se ele não mais existisse mais.

Isso o deixou irritado.

— Emma?

Ela o estava ignorando. Começou a comer de pé no balcão, de costas para ele. Ouviu-o. Sabia que seria inteligente tomar o banho e se acalmar primeiro.

Ao invés, se aproximou dela.

— Emma. — Ele rosnou.

Ela levantou uma mão delicada sobre o ombro. Estava fechada em um punho. O dedo do meio se levantou e ela manteve aquela pose alguns segundos antes de se afastar.

Era isso. Ela era explosiva e certamente fez seu sangue borbulhar. Ele avançou, dizendo a si mesmo que era uma má ideia. Mas aconteceu rápido demais para ser racional.

Ele segurou a cintura dela e a virou, a apertando contra o balcão.

Ela ofegou e ele *odiou* o brilho de medo que viu em seus olhos. Ele nunca a machucaria. Estava ciente da diferença de tamanho entre eles, entendendo o

porquê de estar desconfiada. Era muito pequena e baixinha. Uma fêmea VampLycan era mais robusta e resistente.

Ele suavizou seu toque.

— Não me mostre o dedo do meio.

— Ou você o que? Vai me bater? — Ela levantou o queixo o desafiando e a raiva dela pareceu superar o medo. — Morder? Expulsar-me de seu caixão de metal enterrado no chão? Vá em frente. Eu *falei* que nós não devíamos ter sexo. Você não ouviu. — Ela levantou a mão e empurrou seu peito. — Solte-me. Eu sou *humana* demais para tocar.

Ela estava deixando-o louco. — Você *quer* acasalar comigo?

Confusão obscureceu seu olhar. Ela não o respondeu.

— Isso é o que acho que acontecerá se sentir o gosto do seu sangue. Vou me acasalar com você, porra! Não iria sequer perguntar. Quase perdi a cabeça quando estava dentro de você. — Ele se abaixou um pouco e dobrou as pernas para deixar seus rostos mais perto. — Quero mordê-la e que você me morda. Eu a foderia por dias, até ficarmos tão famintos que não teríamos outra escolha senão parar para comer. Mas não o faria até que nossa conexão estivesse forte o suficiente. E não seria capaz de me separar de você mesmo que por um pequeno período de tempo.

Ela pareceu surpresa. Ele não a culpava. Não disse nada enquanto respirava rapidamente. Ele se acalmou, um pouco.

— Meu tio quer que me acasale com uma VampLycan. Ambos os filhos dele se acasalaram com meio sangue humano. Disse que não o decepcionaria. Odeio romper minha palavra... mas você está me fazendo repensar isso, Emma. Entende? *Isso* é o quão tentado estou para testar o acasalamento. Diga outra palavra e a morderei. Apenas saiba que se reagir do jeito que acho que irei, tenha certeza que seu traseiro será acasalado comigo nos próximos dez minutos.

A expressão dela suavizou e parou de empurrar seu peito. As palmas ficaram ali. Ele gostava muito do seu toque. Porra, ele queria puxá-la em seus braços e beijá-la. Isso acabaria com eles de volta na cama e com as presas em alguma parte de seu corpo, junto com seu pau. Ele se segurou.

— Sair da cama foi uma das coisas mais difíceis que já fiz. Você consegue compreender? Não faça isso pior do que já é por perceber minhas ações de forma errada, Emma. Estaria fugindo de mim se você soubesse o quanto quero rasgar suas roupas e fodê-la novamente.

Ela moveu as mãos do peito para seus ombros. Ele fechou os olhos quando seu prazer e cometeu o erro de respirar pelo nariz. As roupas dela faziam um trabalho pobre de esconder seu cheiro. Ele rosnou.

— Red?

Ele abriu os olhos e a encarou. — O que? — Ele estremeceu quando sua voz saiu mais rude do que pretendia.

— Vá tomar banho. — A raiva dela parecia ter sumido. — Pensei que tivesse se arrependido do sexo ou estava me usando para uma rapidinha. Entendi agora. De verdade. Não esperava reagir a mim desse jeito. Eu não o

conheço bem o suficiente para ter esse tipo de comprometimento se me morder e gostar do meu sangue. — Ela suavizou o tom de voz. – Nós estamos bem. Esquentarei a comida enquanto você toma banho.

Reagir a ela desse jeito? Gostar do sangue dela? Ela estava colocando de forma muito suave. Não entendia. Não era sua culpa, contudo. Foi criada por um Vampiro.

Ele soltou sua cintura com relutância e se afastou até que as mãos dela não o tocava mais. Girou, indo depressa para o banheiro.

Ele fechou a porta e acendeu a luz, tirando a roupa. A água gelada o atingiu e isso ajudou a acalmar o seu corpo excessivamente aquecido e a libido. Colocou shampoo na mão e o segurou perto do nariz, na esperança de lhe fazer esquecer o cheiro dela por tempo suficiente para conseguir total controle sobre a mente e o corpo.

Sua vida mudou drasticamente no espaço de um dia. Ontem, ele estava contemplando deixar uma mulher se mudar para sua casa para diminuir sua solidão. A preocupação era como lidaria com dividir sua cama com alguém toda noite e como iriam se relacionar sem irritar um ao outro.

E então Emma chegou... e agora se perguntava por quanto tempo duraria antes de testar o sangue dela. Queria dividir a cama com ela todos os dias e noites. Não dava a mínima *como* se relacionariam. Apenas a queria por perto.

— Merda. — Disse.

Seu avô seria um problema, também. Vampiros eram territoriais. Estava vivendo com ele desde os quatro anos de idade. Malachi consideraria Emma

como parte de seu covil e tinham um vínculo mental. Isso o fazia se sentir com inveja e irracional. Seu avô não iria querer deixá-la ir, quando e se aparecesse em Howl para buscá-la.

Talvez significava que teriam que lutar até a morte.

Culpa imediatamente o atingiu com a pequena esperança de que os Vampiros tivessem matado Malachi. Ela nunca o deixaria se seu avô não viesse buscá-la e Red poderia mantê-la. Mas partiria o coração de Emma, e não queria que ela sofresse com este pesar.

Fechou os olhos e apertou o sabonete, o sentindo escorrer entre seus dedos. Isso não terminaria bem, não importava como as coisas corressem. Ela nunca o perdoaria se transformasse em cinzas seu avô e ele o *faria* se confirmasse que ela era sua companheira. *Ninguém* nunca a tiraria dele.

Ele mataria qualquer um que tentasse, mesmo se este fosse o Vampiro que a criou.



Emma apenas começou a comer novamente quando ouviu a água começar a correr no banheiro. Sua mão tremia levemente.

Red deixou tudo bem claro. Pensou que ele fosse um filho da puta quando a deixou logo após o sexo. Ela se sentiu usada e estupida por deixá-lo levá-la para cama. Doeu, então a deixou furiosa.

Ele queria mordê-la. Tudo que disse sobre ser sua companheira passou novamente por sua cabeça. Entendia a promessa que fez ao líder do clã para encontrar uma companheira VampLycan. Mais uma vez, ser quase humana mostrou-se negativo para ela.

Encarou a porta que levava para a escada para fora da toca. Deveria pegar sua mochila e sair enquanto Red tomava banho. Faria um favor a ambos.

A lembrança da caminhada pela floresta, ser carregada sobre o ombro dele, parou essa linha de raciocínio. Com certeza estava bem dentro do território VampLycan. Seria como abrir uma ferida e caminhar pelas ruas perto de um covil de Vampiros. Eles sentiriam seu cheiro e estaria cercada antes que conseguisse chegar longe.

Seu avô a buscaria assim que estivesse seguro. Isso poderia ser dias ou até semanas. Iria querer ter certeza de que levaria nenhum Vampiro até ela. Sabia como funcionava. A última vez que foram encontrados, passaram algumas semanas fazendo turismo no Canada antes de entrarem em um voo para Nova Iorque. De lá, foram para o oeste. Trocaram de identidades mais seis vezes apenas para ter certeza que ninguém pudesse encontrá-los. Teriam ficado seguros em sua casa, mas alguns Vamp se mudaram para a área.

Uma ligação para o Conselho de Vampiros e o mundo dela desabou.

Perdeu o apetite e sentou-se no sofá, se curvando numa bola. E se seu avô não tivesse escapado? Eduardo já foi contra seu mestre uma vez. Teria um desgraçado como ele realmente se importado em seguir as leis? Era louco e provavelmente estava pronto para usar o Conselho como meio de conseguir

ajuda para encontrá-los. Era possível que estivesse pronto para acabar com a própria vida, mas determinado em levar seu mestre junto.

Seu avô poderia nunca mais aparecer.

Era um conceito aterrorizante. Estaria sozinha no mundo. Cheirava e parecia humana. Deveria se mudar em alguns anos para evitar suspeitas de que não era um deles quando deixasse de envelhecer como deveria. Os Vampiros a matariam sem pensar duas vezes se soubessem que sua mãe era uma VampLycan. A alcateia de Lycan a temeriam e a odiariam também. Os VampLycan provavelmente não a aceitariam por que era humana demais para se transformar. GarLycan a odiariam apenas por causa de seu avô ser um Vampiro e ela ter seu sangue nas veias.

Ferrada em qualquer lugar.

Uma enorme tristeza a sufocou. Ela e seu avô sempre foram os excluídos, mas ao menos tinham um ao outro para depender. *Ele precisa estar vivo. Virá me buscar*. Precisava acreditar nisso.

A água parou de correr no banheiro e ela limpou as lágrimas. Red terminou seu banho.

Red era outro exemplo de como sua herança nunca a deixaria ter qualquer tipo de vida normal. Ela viu o olhar nos olhos dele quando contou sobre a promessa que fez. Poderia ter parecido como se arriscaria a romper sua palavra, mas parecia um homem honrado. Isso iria ferir alguém como ele. Sentiria ressentimento se permitisse que a mordesse e a tomasse como companheira. Uma vida com um parceiro ranzinza soava como o inferno na Terra.

Ela tinha a pior sorte quando se tratava de homens... a única diferença era que esse era um cavaleiro em vez de um idiota. Parecia que estava destinada a ser aquela solteirona que disse a ele que não era.

Mesmo se estivesse disposta a se ariscar com Red ressentindo e decidisse deixa-lo mordê-la, ser sua companheira seria ruim por outra razão. Seu avô contou sobre quando viviam no Alasca. Ele tinha uma companheira Lycan na época, alguém de quem tomar sangue. Sua avó morreu. Duvidava que os membros do clã cortariam os próprios punhos para mantê-lo alimentado. Seu avô não aceitava seu sangue regularmente e duvidava que Red permitiria se fosse sua companheira. Isso significava que teria que ficar com Red enquanto seu avô teria que ir embora.

Ela era tudo o que ele tinha. Ele estaria sozinho. O pensamento apertava seu coração.

A porta do banheiro se abriu e ela manteve os olhos longe. Ele iria sair por algumas horas para comprar mantimento e perigoso ou não, precisava encontrar um plano alternativo enquanto ele estivesse fora. Estava completamente fora de questão ficar na toca com Red. O corpo dela clamava pelo dele. A constante consciência de seu clitóris inchado e os seios excessivamente sensíveis não eram exatamente confortáveis. Isso iria desaparecer quando não estivesse mais perto do delicioso VampLycan. Ele causou isso e precisava se afastar para evitá-lo.

Ela olhou para cima quando ele deixou o quarto. Entrou na cozinha usando um jeans surrado, uma camisa de manga longa azul e um par de tênis preto. Ele pegou um prato com o picadinho de carne enlatado que ela esqueceu de

aquecer. Não disse nada, apenas comeu. Levou o prato vazio para a pequena pia.

— Estarei fora no máximo por três horas.

— Ok.

Ele virou para ela e cometeu o erro de olhar para ele novamente.

Red franziu o cenho e se aproximou. — Você está bem?

— Sim. — Ela abaixou o queixo, olhando as mãos em seu colo.

— Olhe para mim.

Ela olhou. Ele cruzou o cômodo e se agachou, olhando profundamente dentro de seus olhos.

— Você estava chorando. — A voz dele suavizou. — Eu não tinha a intenção de ferir seus sentimentos. — Ele bufou e seus olhos começaram a brilhar. — Você *está* passando por um cio. Esperava que meus feromônios estivessem apenas temporariamente afetando seu impulso sexual.

— Você o que? — Ele mencionou algo sobre isso antes, mas ela realmente não entendeu.

— Machos Lycan dominantes podem expelir um cheiro que atrai o interesse sexual de mulheres que realmente os excitam. Não é algo controlável. É como ficar duro, apenas que o cheiro vem com isso. Você nunca o sentiu antes e pode estar lhe atingindo mais forte do que deveria sobre circunstancias normais. Não

teria resistência contra. O tesão que sentiu deveria ter diminuído quando me afastei. Você está sentindo dor?

— Estou bem. Apenas um pouco desconfortável. Tomarei um banho enquanto você estiver fora. Talvez isso ajude.

— Talvez não. — Ele inclinou-se para frente e tocou sua perna.

Ela afastou-se. — Vá, Red. Eu ficarei bem.

— Não se você entrar no cio e ficar desse jeito. Será uma forma de tortura. — Ele tocou a testa dela. Ela afastou-se dele para romper a conexão.

— Você está com uma febre leve. — Os olhos dele brilharam, dourados.

— O banho ajudará a diminuir.

— Isso é sério, Emma.

— Vai me matar?

—Não.

— Então *vá*.

— Eu não posso deixá-la desse jeito.

— Você já deixou quando se afastou antes, Red. Você mesmo disse. Queria me morder e nós não podemos permitir isso. — Ela estava apertando a ponta do sofá e usou isso para ajudar a ficar de pé, evitando passar muito perto dele.

Ela conseguiu dar alguns passos antes que as próximas palavras dele a fizessem parar.

—Você teve pouco tempo para pensar, Emma. Que arriscar ser minha companheira? Eu a terei em minha cama em no máximo três segundos se quiser.

Isso a surpreendeu. Ela se virou para ele, com a boca aberta.

Ele se levantou. — Não sou covarde. Sempre quis encontrar minha companheira. Nós poderíamos testar.

— Você disse que fez uma promessa. Não quero fazê-lo rompê-la.

Dor nublou seus olhos, extinguindo a luz vivaz dentro deles. — Eu também disse que o faria se você fosse minha companheira.

— Mas não parecia feliz com isso. É por que sou muito humana?

— Não. É uma promessa que fiz ao meu tio. Odiaria não cumprir minha palavra, mas um companheiro verdadeiro é muito mais importante, fim da história. Ele queria que eu me acasalasse com uma VampLycan.

— Qual a diferença?

Ele hesitou. — Entre alguém que é seu companheiro verdadeiro e se contentar com alguém como companheiro?

Ela assentiu.

— As emoções são de longe mais profundas do que vem naturalmente. Nós formamos vínculos mentais mais fortes com companheiros verdadeiros. Contentar é mais um comprometimento de estarem juntos, ao contrário da necessidade profunda de estar com a pessoa até a morte.

— Isso soa como uma enorme diferença, Red.

— E é. — Ele a olhou intensamente.

— E quanto a você? Nunca imaginou que poderia se sentir atraído por alguém como eu?

— Não.

— Você sempre sonhou em se acasalar com uma forte VampLycan, não?

Ele não respondeu. A expressão sombria dizia tudo.

Ela se virou. — Vá comprar mantimentos. Ficarei bem.

— Que porra, Emma!

— Sua mãe não gostaria de vê-lo xingar na frente de uma mulher, lembra-se? Não mude por minha causa. — Ela entrou no pequeno banheiro e fechou a porta.

Lágrimas quentes escorriam dos olhos dela e as deixou cair sem se importar. Era como se estivesse jogando Twister com uma pia e privada no meio. Apenas jogou a roupa na pia e ligou o chuveiro. Ainda estava quente pelo menos, de quando Red usou antes dela. Ficou sobre o chuveiro com os olhos fechados.

Capítulo Seis

Red estava furioso. Emma era a única coisa na qual conseguia pensar sobre quando retornou para Howl. Ela era teimosa, preferindo sofrer o cio do que permitir que a levasse de volta para cama. Claro, a assustou quando descobriu o que estava acontecendo, mas o tempo que passou se acalmando no chuveiro o ajudou a colocar as coisas em perspectiva. Estava disposto a arriscar tomar o sangue dela para descobrir a verdade.

A primeira pessoa que viu na cidade o fez estremecer. Tio Velder entrou em seu caminho e cruzou os braços sobre o peito.

— Tem algo que deseja explicar para mim, sobrinho?

— Acho então que você ouviu sobre mim carregando uma mulher pela floresta.

— Uma humana. Desde quando permiti que isso acontecesse? Elas não são brinquedos para trazê-la ao nosso território quando quer sexo com uma.

— Ela é hibrida.

— Nenhum outro líder de clã pediu minha permissão para ela entrar em nosso território. Eu fui até sua casa ontem à noite e você não estava lá. Assumo que ela está em sua toca?

— Sim.

— Darei-lhe dois minutos para se explicar. Comece.

— Emma não é de outro clã. Ela é neta de Malachi. Meu pai fez um pacto de sangue e ela veio procurando proteção. Honrei a palavra dele dando o que ela precisava.

— Malachi? — Velder pareceu surpreso. — O Vampiro?

— Você provavelmente o conheceu, já que estava por aqui quando os clãs foram formados. — Ele não tinha pensado nisso até agora.

— É claro. Você disse a neta dele? Isso significa que é uma VampLycan. Testemunhas detectaram cheiro humano. Como isso é possível?

— A mãe dela era VampLycan. O pai não. Ela puxou a ele.

— Por que está aqui, exatamente?

Essa era a parte que não queria admitir. — Emma e Malachi estão sendo caçados pelo covil dele, que também recrutaram outros Vampiros para ajudá-los. Como eu disse, Malachi a enviou aqui atrás de meu pai por proteção.

— Por quê?

— Ele e meu pai eram amigos.

— Eu sei dessa parte. Por que o covil está caçando-os?

As palavras de Emma passaram por sua mente dele, mas não iria dizer que Eduardo era um *otário* para seu tio. Ele não veria o humor nisso. — Parece que Malachi formou um pequeno covil, mas manteve a filha VampLycan, Kallie e

alguns outros em uma cidade próxima sob sua proteção. — Ele pausou. — Emma disse que alguns VampLycan deixaram o Alasca com ele. É verdade?

Velder assentiu. — Malachi teve cinco filhos com a companheira dele. Kallie era a única que mostrava sinais fortes de Lycan. Os outros quatro, bem... vamos dizer que nós não os víamos antes do pôr do sol, depois que passaram pela puberdade. Alguns Lycan doaram sangue para mantê-los alimentados, mas Malachi decidiu sair quando os Lycan o fizeram. Nós todos ficamos preocupados com as crianças que demonstraram traços fortes de Vampiro. Não queriam exatamente se encaixar ou serem bons com os outros membros do clã. Suponho que talvez foi aí que o covil foi formado. Três outros VampLycan, tirando Kallie, foram com o grupo. Recusaram-se a se separar de suas mães.

— Emma não mencionou ter tios ou tias. Não sei o que aconteceu com eles, mas não estão com Malachi. Emma disse que apenas tinha seu avô como família. Malachi criou um único Vamp e então recebeu desgarrados para criar seu covil. Acho que decidiram atacar os VampLycan, então se voltaram contra Malachi. Mataram a mãe de Emma, mas o avô a resgatou. Estão fugindo desde então. O covil os encontrou alguns dias atrás e Malachi a enviou aqui porque o covil estava envolvido com o Conselho dos Vampiros. Ela é praticamente humana. Seria estraçalhada em uma luta contra eles.

Tio Velder deixou escapar uma respiração frustrada. — Você não achou pertinente me ver?

— Eu realmente não acreditava que eles iriam rastreá-la até nós e seriam bem estúpidos de vir aqui atrás dela. Seria suicídio.

— Não cabia a você decidir.

A espinha de Red travou. — Certo. Eu a buscarei e sairemos daqui. Honrarei as promessas de Redwolf. Meu pai tinha uma dívida com Malachi.

— Eu não disse que você precisava sair.

Tio Velder permitiria que Emma ficasse. Isso fez Red relaxar um pouco... mas ainda rompeu as regras. — Obrigado. Planejava falar com você hoje e sei que terei que sofrer punição por não dizer o que estava acontecendo logo de cara. Apenas peço que espere até o perigo passar se for duro o suficiente para me deixar fora por alguns dias. Preciso estar pronto para lutar se a situação pedir.

— Decida. — Seu tio murmurou. — Não há ameaça ou você precisa estar forte para lutar.

— Eu não acredito que os Vampiros iram aparecer aqui, mas prefiro ser paranoico do que despreparado.

— Entendido. — Tio Velder deixou os braços caírem na lateral e mudou a postura, para uma pose mais relaxada. Ele suspirou. — Merda. Nós ouvimos que o Conselho dos Vampiros enviou um grupo atrás de um Vampiro associado com a guerra original. Deve ser Malachi. Mas me pergunto... por que ele? Preciso fazer algumas ligações. Como Malachi iria contatá-la quando estiver seguro? Ela tem um celular com o numero dele?

— Acho que virá buscá-la quando achar que é seguro. — Ele ficou tenso, esperando o líder do clã explodir. Ninguém queria um Vampiro procurado pela cidade.

— Deixarei os outros cientes para esperar por ele.

A resposta calma surpreendeu Red. — Para preparar para atacá-lo?

— Não. Para deixá-los saber de sua possível chegada. Malachi não é nosso inimigo, Red. Jovens como você não estariam cientes, mas a velha geração lembra-se dele muito bem. Ele nos ajudou a construir essa comunidade e viveu conosco por duas décadas. Apenas saiu quando começou a surgir desconfiança quanto a sede de sangue de seus filhos. Colocou a segurança do clã em primeiro lugar.

— Mas enviou Emma para cá com o Conselho dos Vampiros caçando ambos. Por que faria isso?

Tio Velder suspirou novamente. — Ele não o faria se não acreditasse que nunca a seguiriam aqui ou assumiu que o medo deles de nós os manteriam afastado.

— *Você* acha que é por isso que a enviou, ao invés de mandar para um de seus filhos?

— Ele não confiaria neles com a segurança da neta. Eles provavelmente a matariam eles mesmos ou a dariam para o covil que a quer. Ficaram bem frios na puberdade e definitivamente tem ressentimento contra Kallie por conseguir suportar o sol. Não os vejo protegendo a criança dela. Sinto muito pela perda de Kallie. Era uma garota gentil. Os irmãos não eram.

Seu tio fez uma pausa. — Estenda a Emma minhas condolências quanto a mãe dela e diga que o clã a ajudará a mantê-la a salvo até seu avô chegar. Malachi será bem-vindo aqui... sua mãe era considerada um membro de nosso clã. Isso

se estende para Emma. Não terá punição para você... mas da próxima vez me informe da situação logo. Considere esse o único aviso que receberá quanto ao assunto.

Red nunca teria esperado *essa* reação. Assumiu que Tio Velder iria rosnar e talvez gritar muito depois que explicasse a situação.

Ao invés, Velder considerava Emma do clã.

— Posso perguntar algo?

Seu tio olhou ameaçadoramente. — Já estou irritado com você por não ter me avisado logo da situação. O que mais está escondendo? Desembuche.

— Acho que Emma é minha companheira. Será problemático se ela for?

Agora seu tio rosnou.

Red apertou os dentes e impediu as garras de aparecerem. A urgência de defender Emma era tão forte que ele se sentiu insultado por ela. — Seus filhos acasalaram com Dusti e Bat. Está ok com eles, mas não comigo?

— Apenas estou frustrado. — Seu tio admitiu com uma careta. — Parece que todos os homens dessa família, exceto eu optou por escolher companheiras fracas.

Red ainda lutou contra a vontade de socar seu tio. Isso seria um erro. Socar o líder do clã, família ou não, seria considerado um desafio a sua autoridade. Uma luta até a morte se seguiria.

— Você sabe bem que não é questão de procurar. E eu não consideraria Emma fraca. Ela apenas não consegue se transformar, Tio Velder.

— Estou ciente da grande atração natural. Deve gostar muito dessa mulher. Por que não gostou de Cavasia? Eu sei que vocês dois estavam considerando formar um vínculo. Ela teria lhe dado bebês fortes e o líder do clã dela já ligou para discutir sobre ela ser aceita como uma de nós. Eu teria concordado.

— Cavasia não me faz sentir do jeito que Emma faz. Algum problema com isso ou não?

— Aceitarei se ela *for* sua companheira... mas espero que as crianças puxem a *você*. Temo pelo nosso futuro, que a próxima geração não seja forte o suficiente para manter o clã unido.

— Você disse isso a Drantos e Kraven? — A resposta iria dizer o quão irritado ficou.

— Eu disse.

— Como eles responderam?

Tio Velder repentinamente sorriu. — Você provavelmente quer me socar, também.

Era melhor não responder a isso. — Acabamos? Eu quero voltar para minha toca.

— Sim. Quero ouvir de você a cada dia. Procure por sinal de celular e reporte. Também quero avisá-lo que Cavasia ouviu sobre sua visitante. Ela falou com alguns membros do nosso clã, tentando conseguir informações. Talvez

queira lidar com isso antes que se torne um problema. Emma é parte do clã e está sob nossa proteção. Incluindo de uma mulher raivosa que acredita que vocês estão em meios de negociar compartilhar uma casa.

— Lidarei com isso.

— Tenha certeza que sim. — Seu tio se afastou.

Red entrou na loja de Pev. A mulher arqueou a sobrancelha e desligou o telefone para terminar a conversa com que quer que fosse. — Você causou um belo problema e me deve uma. Não repeti nada do que eu ouvi de você e aquela pessoinha quase humana.

— Obrigado. E o nome dela é Emma.

— E por que você acha que eu iria querer saber disso?

— Porque eu a considero como família. E me importo com ela.

A surpresa de Peva mostrou-se na expressão dela. — Novamente. Sério? O que há de errado com você e seus primos?

— Eu não sei o que você quer dizer.

Ela estreitou os olhos em suspeita. — Acho que você sabe. Eu ouvi o seu tom quando falou que se importa com ela. Está a testando, não? Tomou seu sangue? Ela é sua companheira?

— Eu não sei.

— Ah-há! — Ela apontou para ele. — O que significa que você suspeita que seja. Eu juro, você e seus primos tem uma necessidade por humanos. Eu entendo, contudo.

Ele fez uma careta. — O que isso deveria significar?

— Você procurou nos quatro clãs. Elas são agressivas e mandonas. Humanos não. É provavelmente uma boa mudança. — Ela repentinamente apertou as mãos sobre o peito e piscou os olhos. — Salve-me, grande macho VampLycan! Você é tão forte e pode foder como um animal. — Ela soltou uma gargalhada. — Seu ego deve explodir.

— Cale a boca, garota. — Ele estava impressionado pelas palhaçadas e precisava de um momento relaxante depois de ter lidado com seu tio. — Ela não é desse jeito.

— Eu vi sua façanha. — Ela abaixou os braços e segurou o balcão entre eles, se inclinando para frente. — Jogando-a sobre o ombro... e ela o deixou carregar. Uma das nossas não teria permitido isso. Você teria uma luta em suas mãos por lidar com elas como se não pudessem andar.

— Ela causou um inferno também. — Ele sorriu. — Não parecia robusta o suficiente para conseguir escalar até minha toca. Apenas queria chegar logo.

A expressão de Peva suavizou. — Admita. É legal ter uma mulher interessada em *você* em vez do seu status no clã.

— Um pouco.

—- Ela é totalmente ignorante sobre nós?

— Não, mas precisei dizer algumas coisas.

— Sério.

Ele hesitou. Peva era como uma irmã para ele. Sempre foi bem próximo dela como um irmão mais velho e tentou se fazer presente depois da morte de sua família. Seus primos fizeram o mesmo. — Ela pensou que estava tentando controlar sua mente quando meus olhos mostravam emoções.

— Quando você fica todo quente e incomodado. — Ela olhou ele de cima abaixo. — Estou surpresa que ela não tenha gritado. Você provavelmente a assustou com seu tamanho e o fato de não ser humano. Descobriu não apenas que é enorme, mas ainda tem garras?

— Não gosto disso.

Ela riu. — Cachorrão então, com presas. Melhor?

— Muito.

— Por que está aqui em vez de sua casa impressionando-a?

— Você *poderia* falar o nome dela.

Ela revirou os olhos. — Ok. Por que você não está com Emma? Não me diga que precisa de dicas de como seduzir uma mulher. Tenho certeza que humanos não são diferentes da nossa espécie. Apenas evite ficar todo primitivo com o traseiro dela. Os pelos crescendo e o rosnado provavelmente seriam demais para ela lidar.

— Eu não tenho comida o suficiente na minha toca. Preciso de mantimentos.

— Não diga mais nada. — Ela se virou, indo para os fundos.

Red alcançou e pegou o telefone da loja, digitando o número que sabia de cabeça. Não queria fazer a ligação, mas levaria algum tempo até Peva separar tudo que precisava.

— Sim? — Uma voz familiar respondeu no segundo toque.

— Olá. — Ele disse. Um nó ficou preso em sua garganta. Odiava ter que acabar com a amizade deles, mas tinha quase certeza em qual direção a conversa iria.

— Red. — Ela fez uma pausa. — É verdade?

— Isso depende do que você ouviu, Cavasia.

— Você e uma humana estão dividindo sua toca?

— Ela precisava da minha ajuda.

— Isso muda as coisas entre nós?

— Muda.

— Entendo. — Fez mais uma pausa. — Apenas queria saber. Obrigada por ligar.

— De nada. Sinto muito por isso.

— Tudo bem, Red. Eu não te amo. Nós nos divertimos e aproveitei nosso tempo juntos. Apenas esperava que pudesse ter me contado antes de ouvir de outra pessoa. Isso foi rude.

— Foi inesperado. Apenas a conheci ontem.

— Você sabe meu número quando você ficar entediado com a humana. Posso ainda estar sozinha, mas tem alguém pelo qual estou curiosa há um tempo. Acho que irei me aproximar dele.

— Desejo o melhor.

— Obrigada. — Ela terminou a ligação.

Ele desligou. Peva veio dos fundos com duas sacolas. Ela as colocou no balcão. — Colocarei na sua conta. Tem chocolate. Humanos amam essa merda.

— Quem não?

— Eu. É muito doce. — Ela procurou dentro da sacola do lado esquerdo e sorriu. — E isso. — Ela mostrou uma grande caixa de preservativos. — Humanas podem ficar grávidas. Tente evitar até tenha certeza que ela é sua companheira. Seria estranho se não for.

— Isso não é engraçado. — Ele pegou a caixa da mão dela e a colocou no balcão. — Obrigado, mas não são necessários.

— Quer que ela engravide ou é aquele dia do mês? Ela precisa de absorventes?

— Não. Ela tem algo para prevenir isso de acontecer.

— Ela ainda pode ficar grávida. Sabe disso, certo? É quase aquela época do ano e quem sabe por quanto tempo ela ficará aqui. Você entra no cio e isso pode evitar o controle de bebês humanos. — Ela pegou os preservativos e colocou de volta na sacola. — Melhor estar preparado e seguro. Fique com eles.

— Não é a época para mim.

— Pode ser se ela for sua companheira. Acontece. Seu corpo fica todo histérico e bam. Repentinamente está no cio. Especialmente se estiver inseguro se ela o aceitará ou não. Tem muito Lycan em você, Red. Irá mordê-lo no traseiro. Sabe como os instintos e hormônios são complicados. Essa parte de você terá certeza de reivindicá-la de todo as formas que conseguir, incluindo um pequeno bebê Red na barriga dela.

— Obrigado, mamãe. Eu lembro da conversa sobre sexo e nossa natureza.

— Melhor esclarecer sua humanazinha sobre isso.

— Use o nome dela e pare de chamá-la assim.

Peva sorriu e se inclinou perto dele até parar alguns centímetros. — Emma é sua companheira, seu burro. Tão protetor, ordenando que a reconheça? Sinais claros. Vá. — Ela se afastou. — Eu aceitei as outras. É melhor não foder tudo recusando ser sua companheira. A pequena irmã também é protetora. Odeio quando vocês se machucam.

Ele levantou as sacolas. — Eu a vejo mais tarde. Diga ao seu companheiro que eu disse olá e que ele tem minha simpatia. Você é uma fedelha.

O som da risada dela o seguiu enquanto saia. Apressou seu passo. Queria voltar para Emma, preocupado por ela estar realmente passando pelo cio. Nenhuma quantidade de água gelada ajudaria com aquela febre se esse fosse o caso, mas ele podia.



Emma sentiu que queria morrer. Ela gemeu, rolando para deitar sobre o estômago. Não conseguia ficar confortável na cama de Red não importava que posição tentasse. Os músculos doíam e ela estava com febre. Provavelmente pegou alguma gripe forte enquanto viajava. Aviões e ônibus são lugares notórios para isso. Raramente ficava doente, mas quando ficava era sempre mal.

Xingou baixinho, sabendo que era besteira.

Por mais que desejasse que não fosse... entrou no cio.

Nenhum resfriado nunca a fez se sentir tão horrível quanto estava naquele momento. Os feromônios de Red fizeram um estrago em seu corpo. Apenas esperava que não durasse muito, já que não tinha ideia de como fazer isso parar. Seu avô não estava ali para compartilhar um pouco do sangue dele para curá-la. Nem tinha certeza se isso funcionaria.

Uma cólica estomacal a fez gemer e rolar novamente, se curvando numa bola. Apertou os cobertores macios. Talvez Red tivesse a habilidade de acabar

com o cio dela doando um pouco de sangue. Não sabia se seria rude ou considerado tabu pedir por ajuda dessa forma.

Manteve os cobertores grossos longe, para evitar suar. A toca de Red era normalmente gélida, então sabia que seu corpo estava fazendo com que repentinamente parecesse estar em uma sauna. Quarenta anos e *agora* que entrou em algum ciclo Lycan de cio. Nunca esteve perto de Lobisomens. Deveria estar adormecido até Red a atingir com seus feromônios.

— E eles rebaixam os humanos, enquanto os Lycan têm essa merda estranha toda acontecendo. — Ela murmurou. — Isso é tão bagunçado.

Um repentino som a alertou que Red voltou. Ela não o chamou, mas não precisava. O alto rosnado dele a deixou saber que já estava ciente da situação.

— Aguente, Emma. — Ele disse com o tom severo. — Deixe-me colocar as coisas na geladeira. Estou indo.

Ela tentou apenas respirar, focando em colocar o ar dentro e fora dos pulmões. Ajudou a amenizar um pouco da dor. Red movia as coisas na cozinha. Pareceu durar uma eternidade, mas foram provavelmente apenas dois minutos antes que ele aparecesse.

— Porra. — Ele disse. — Estou aqui,

Ela virou a cabeça e forçou os olhos a se abrirem. Red rasgou a camiseta, tirando-a. Os olhos estavam brilhando em um tom dourado e ela quase esperou que ele tomasse controle de sua mente e a colocasse em um sono profundo.

— Você está no cio.

— Esperava que fosse um resfriado, mas sabia que era apenas uma esperança tola. — Ela segurou um gemido. Seu corpo estava como se estivesse sendo cozinhado de dentro para fora. — Não é mais um mistério porque chamam isso de cio[4]. Estou queimando.

Ele se curvou, tirando os sapatos e a calça. — Eu sei, é um inferno.

Ele se endireitou e tirou completamente as roupas. Ela teve um vislumbre de quão duro o pau dele estava por um segundo antes de engatinhar na cama até ela. Parou a centímetros de distância, o olhar preso nela enquanto olhava para seu rosto.

— Vire de costas para mim.

— Não consigo. — Ela não queria se mover. Era agonia. A posição fetal de lado não ajudava muito. Era o mais confortável de todas as posições que tentou.

Red acenou e se aproximou, até que se curvou nas costas dela. O grande e firme corpo pressionou contra a pele dela e a fez se sentir menos sozinha, ajudou a focar mais nele do que na dor. Acariciou sua cintura e levantou a cabeça até que sua bochecha roçava na dela.

— Eu não deveria tê-la deixado.

— Nós precisávamos de comida.

— Você precisava mais de mim.

— Apenas me apague.

---

[4] Em inglês usam heat, que é o mesmo que calor.

— A dor não permitirá que durma. Eu a ajudarei a superar. — Ele colocou a mão sobre a curva de sua bunda e mais abaixo, até que os dedos dele acariciavam a fenda de sua buceta. Ela sabia que estava toda molhada. — Confie em mim.

Ela não tinha escolha. — Você pode me dar sangue para consertar isso? — Não podia machucar perguntar.

— Apenas tem um jeito de melhorar esse cio.

Ela gritou quando ele repentinamente deslizou um grosso dedo dentro do canal se sua buceta sem aviso.

Era prazer e dor ao mesmo tempo. Os sentidos dela estavam muito confusos para dizer que deveria ficar alarmada. Red lentamente moveu o dedo dentro e fora dela... e percebeu que não era dor afinal. Era um prazer muito intenso.

Red rosnou baixou perto do seu ouvido. — Melhorou um pouco?

Ela soltou o cobertor e freneticamente alcançou atrás, precisando tocá-lo. O braço dele estava no caminho dela conseguir segurar seu quadril. Ela levantou o braço e encontrou a parte de trás de sua cabeça, segurando o cabelo na base do pescoço.

— Você consegue abrir as pernas um pouco para mim?

Ela conseguiu abrir os joelhos em poucos centímetros e Red ajustou o corpo dele, movendo-o mais para baixo. Tirou o dedo de dentro dela completamente.

Emma abriu a boca para protestar, mas algo maior e mais grosso pressionou contra sua entrada e ela gritou quando o pau de Red penetrou fundo.

Ele sibilou. — Foda-se.

Isso era exatamente o que eles estavam prestes a fazer. Começou a se mover dentro dela e segurou sua cintura novamente, a segurando no lugar enquanto a penetrava. Emma fechou os olhos e gemeu.

— Solte meu cabelo.

Ela provavelmente o estava machucando, por isso soltou. A mão de Red foi para seu quadril, passando pelo estomago, enquanto ia para o outro lado. Ela ofegou quando ele os rolou, não esperando que ele se deitasse e a levasse com ele. Ficou sobre ele, de costas. A gravidade forçou suas pernas a ficarem de ambos os lados dele, então ele rolou novamente, a colocando debaixo dele. Ele usou um dos joelhos para abrir mais suas pernas. Apoiou os braços perto dos ombros dela. Conseguiu respirar mais facilmente quando ele afastou o peito de suas costas.

— Diga-me se for muito duro.

Ele voltou a penetrá-la, rápido e fundo. Moveu com força os quadris, sensação era puro paraíso. Ela arranhou a cama e gritou quando o clímax a atingiu.

Red rosnou, mas não diminuiu a velocidade. Ele a montou ainda mais rápido, os quadris batendo contra sua bunda. Emma se perguntou se a morderia quando gozasse. Seu coração parecia prestes a explodir e o topo da cabeça parecia correr o mesmo perigo.

Red rosnou alto e congelou sobre ela. Seu pau parecia pulsar, latejando contra as paredes ultrassensíveis de sua buceta. Ele empurrou, o corpo todo estremecendo sobre o dela. O calor se espalhou e soube que ele gozou também.

Rosnou... e voltou a fodê-la, devagar. O ritmo estava mudando de frenético para ternura.

Ele moveu os braços até colocar o corpo dela sobre o dele, os antebraços descansando sobre a cama. Ele também afastou seu cabelo para longe dos ombros e pressionou um beijo de boca fechada sobre a pele dela.

— Eu tenho você, Emma. — Ele continuou movendo-se dentro dela, a fodendo fundo, com vagarosos golpes de seu pau duro. — Estou aqui.

Suor escorria do corpo dela. Boa parte da sensação de queimação passou, quase como se a febre tivesse passado. O dor se foi, apenas para ser substituída por uma dor infinita e a necessidade dele continuar se movendo dentro dela. Era maravilhoso.

— Não pare. — Ela sussurrou, a voz um pouco roca de todos os sons que fez. Estava com medo dele se levantar e deixá-la novamente na cama sozinha.

— Não vou. — Ele abriu a boca, dando pequenas lambidas e beijos molhados ao longo do ombro dela até o lado do pescoço. — Eu a ajudarei a superar isso. Nada me fará deixá-la.

Era bom de ouvir. Acreditava nele. Até mesmo trouxe lágrimas aos seus olhos, que a fez piscar para esconder, grata por ele não conseguir ver os olhos com o rosto enterrado na cama. Estava cuidando dela quando não precisava.

Ela sentiu um momento de pânico que talvez mentiu, quando saiu de dentro dela completamente. Sentiu-se imediatamente perdida, dolorosamente vazia. Depois ele a levantou.

Ela abriu os olhos e virou a cabeça, olhando-o. Ele ficou de joelhos perto dela e pegou alguns travesseiros da cabeceira dama. Seus lábios se apertaram quando a olhou.

—- Não vou parar. Apenas estou deixando as coisas mais confortáveis para você. Fique de joelhos.

Ele era um Lycan. Um momento de humor a atingiu. — Você quer fazer estilo cachorrinho?

A boca dele se curvou em um sorriso. — Não exatamente. Você está exausta da dor. Confie em mim, Emma. Isso será bom.

Ela conseguiu ficar de joelhos sobre as mãos e Red começou a jogar travesseiros debaixo dela. Olhou-as e então olhou de volta para ele. Arqueou uma sobrancelha em questionamento.

Ele riu. — Estou com medo de acabar esmagando-a com meu peso. — Ele empurrou mais travesseiros em seu estômago. — Feche as pernas.

— Ok. — Ela juntou os joelhos e viu Red colocar uma das pernas dele sobre a dela, se posicionando atrás. Segurou seu quadril com uma mão e seu pau com a outra.

— Seus braços não vão aguentar em algum momento. Os travesseiros são para manter sua bunda para cima. — Humor brilhou nos olhos dele. — O cio

pode durar dias. — Ele abaixou o queixo, encarando-a. — Pronta? Sei que *eu* estou.

Ela se levantou um pouco para ver a ereção dele. Continuava duro. Moveu-se um pouco mais perto e alinhou com sua buceta, pressionando-a. Ela gemeu e perdeu interesse de olhá-lo entrando.

Ele apertou o outro lado do quadril, a segurando enquanto começava a se mover. — Relaxe e aproveite.

Os travesseiros suportaram a parte de baixo dela o suficiente para que pudesse fazer exatamente como ele instruiu. Fechou os olhos e apenas aproveitou a sensação dos movimentos de Red dentro dela. O clímax foi mais lento, no mesmo ritmo que ele mantinha. Quando a atingiu, gritou o nome dele.

Ele parou por uns instantes, a deixando se recuperar. Então começou a se mover novamente dentro dela. Emma apertava o lençol. Red acabaria matando-a... mas era um bom jeito de morrer.

Capítulo Sete

Emma ficou de pé sob a água quente do chuveiro e bocejou. Cada musculo doía. Lembrou-se da última vez que seu avô a colocou em um treinamento de defesa pessoal. Lutar contra um Vamp de quatrocentos anos a deixou cheia de roxos, mesmo que ele tenha sido leve.

Ela olhou para baixo. Não havia nenhum roxo que conseguia ver, mas Red definitivamente tocou-a toda. Sexo era melhor do que levar uma surra.

Ela não tinha certeza por quanto tempo ficaram juntos na cama. Era uma nevoa de prazer, sono e repetição. O cio passou, contudo. Não se sentia mais febril. Todas as dores que sentia agora eram de muito sexo, não a necessidade dele.

Uma coisa estava clara. Ela se apaixonando por Red.

Ele foi amoroso e afetuoso. Nunca se esqueceria do jeito que a acordou com beijos e caricias. Colocou sua boca em cada centímetro de seu corpo enquanto estavam na cama. Mesmo que estivesse no outro cômodo, ela quase conseguia ouvir a voz áspera dele lhe dizendo o quão bonita achava que era.

As coisas que fizeram na cama foram além de íntimo. Nunca experimentou nada assim antes e sabia que ninguém se compararia a ele. A única coisa da qual se arrependia foi que ele não a deixou tocá-lo ou colocar a boca nele. Ficou no

controle, dando-lhe prazer. Disse que era porque ainda queria mordê-la e seria mais fácil resistir à vontade se ela não acariciasse seu corpo.

Apertou o condicionador e sabia que precisava enfrentar Red. Desligou o chuveiro e usou a toalha para se secar o melhor que pode. Ele não estava no quarto quando saiu, a cama estava vazia também. Olhou o colchão enquanto as lembranças das horas passadas ali enchiam sua cabeça.

— Venha comer. — A voz de Red soou da cozinha.

Apenas então ela notou o cheiro. Isso a fez sorrir. Ele parecia realmente gostar dos bifes.

Ela não tinha roupas, então roubou uma das camisetas dele da gaveta e a vestiu. Ficou grande, mais como um vestido. Jogou a toalha molhada no banheiro e se juntou a ele na cozinha.

O cabelo dele ainda estava molhado do banho que tomou antes que ela se levantasse da cama. Usava uma bermuda de cintura baixa. Era azul e combinava com o bronzeado e musculoso corpo. Desejo ressurgiu, vendo o quão sexy ele estava.

O olhar dela se levantou quando ele se virou para vê-la. Sorriu.

— Não me dê esse olhar. Estou lavando a roupa de cama. E não tenho outras.

— Eu não sabia que você tinha uma máquina de lavar escondida. — Ela olhou ao redor.

— Não tenho. É um rio, com uma pedra no topo para impedir que as roupas flutuarem para longe. Passei sabonete nelas primeiro. Estou deixando as roupas de cama de molho um pouco. Então pendurarei para secar.

— Nossa. Isso é coisa antiga.

— Eu tenho uma máquina de lavar e uma secadora em casa. É mais moderno que nossa toca.

Nossa. Ela não tinha certeza de como receber isso. Ele queria dizer ela? Ou deveria perguntar quem era o dono da toca.

Ele colocou um bife no prato que já tinha uma batata cozida nele. Abriu-a e colocou manteiga dentro.

Acenou a cabeça para a mesa. — Vá sentar.

— Obrigada, mas posso carregar minha própria comida. Você não precisa esperar por mim. Eu já não estou acostumada com alguém cozinhando para mim.

— Verdade. Seu avô não come comida.

— Alguns Vampiros sim, mas eles são jovens ou nunca abdicaram da comida por apenas sangue. Ele não teve escolha quando foi transformado. Precisou comer algumas vezes, mas não foi bonito. Sentia dores terríveis no estômago e vomitava tudo depois de uma hora. Era o único jeito de sair dele.

As sobrancelhas de Red se arquearam.

— O trato digestivo dele não funciona como o de um humano, depois de todos os anos sem comer. Ele não faz xixi ou o número dois. — Ela explicou.

— Por que ele se daria ao trabalho de comer então?

— Para enganar humanos.

— Mas por que se importar tanto? Ele poderia apenas apagar as lembranças deles se suspeitassem de sua natureza.

Ela hesitou, pegando o prato e carregando para mesa. Red colocou os talheres e manteiga extra. Colocou dois refrigerantes para que tivessem uma bebida. Ele a seguiu até a mesa com o próprio prato.

— É um segredo?

Ela segurou seu olhar. — Lembra aquele homem que eu disse que namorei? O que me traiu? Ele queria conhecer meu *irmão* enquanto estávamos juntos. — Ela encolheu os ombros. — Insistiu que jantássemos. Eu não podia lhe dizer a verdade. Não é algo de você joga em alguém. *Ah, apenas para constar, esse na verdade é meu avô e não sangre ao redor dele a não ser que queira arriscar ser mordido por que ele é um Vamp.* – Ela deu um sorriso suave com as palavras sarcásticas. — Vovô jantou conosco no restaurante para evitar suspeitas de que havia algo errado com a nossa família.

Red segurou a faca. — Entendo.

— Tiveram outras vezes. Eu disse que tive uma banda durante o ensino médio. Meu avô ia nas noites de evento para ver nossas performances. Às vezes, depois, comíamos pizza. Foi somente algumas vezes que pode dizer que já tinha

jantado antes. Comia uma fatia de pizza para se camuflar. Algumas das mães divorciadas ou solteiras prestavam atenção *demais* nele. Tem aquela atração Vamp.

— Atração Vamp?

— Ele é um homem bonito, mas também tem aquele poder pelo qual as mulheres se sentem fascinadas. Tenta diminuir sua atração, mas não pode fazer muito. Brincava com ele que era um imã de mulheres. Elas pareciam amá-lo.

— Ele conseguiu enganar o homem que você estava namorando?

— Sim. Ele não suspeitou de nada. Meu avô foi um pouco indelicado com ele, contudo. Não o convidou mais para jantares. Achamos que era um bom plano.

— Mas e se sua relação tivesse ficado séria?

— Não ficou. O babaca me traiu, lembra?

Red estreitou os olhos, observando-a. — Mas e se um humano tivesse sido fiel e a relação ficasse seria? Você teria dito a verdade?

— Eu nunca tive a chance de descobrir.

— Estou curioso, Emma. Responda minha pergunta. O que você teria feito se casasse com um humano? Você e seu avô devem ter tido essa discussão em algum momento.

Ela cortou o bife e hesitou em morder. — Thomas teria descoberto que havia algo errado com o tempo. Eu envelheço devagar. Você pode dizer que os

genes são bons até certo ponto, antes de começarem a suspeitar. Acho que dependeria de como ele receberia a verdade. Meu avô apagaria suas lembranças se ele enlouquecesse.

— Então vocês *discutiram* sobre isso.

— Sim.

— Seu avô estava disposto a deixar você se casar?

A pergunta a surpreendeu. — Por que ele não iria?

— Você é o covil dele.

— Eu sou a neta dele.

— Pertence a ele. Você mesma disse. E ele é um Vampiro antigo.

— Ele é um pensador moderno. Odeia o tom dos antigos que se recusam a mudar com o tempo. Acredita que é estupido ficar no passado e não confrontar o progresso do mundo.

Red comeu sua comida.

Emma focou no próprio prato. — Isso está realmente bom. Obrigada.

Red acenou. — De nada. Você não acha que seu avô a impediria de se comprometer para sempre?

— Ele me quer feliz.

— Eu não consigo vê-lo não querendo desistir.

— Eu ainda sou parte da vida dele mesmo se me casar. Apenas não moraria com ele mais. Meu avô poderia finalmente encontrar uma companheira... eu sei que está solitário. Não estaria sob o mesmo teto, o que significa que estaria segura da amante Vamp dele.

— Como isso funciona? Vamp não sentem ciúmes quando os companheiros deles se alimentam dos outros?

— Eu não sei. Nunca teve uma amante séria desde que me resgatou e me criou. — Ela tomou um gole de sua bebida. — Eu não consigo imaginar se a namorada dele gostaria de vê-lo mordendo outra mulher. Acho que eles poderiam se alimentar entre si. Ou ele poderia apenas morder homens e ela apenas mulheres. Isso não seria tão ruim.

— Alguns Vampiros ficam excitados quando mordem, indiferente do sexo de quem eles estão se alimentando.

— Estou ciente. Meu avô apenas se alimentava de mulheres. Nós discutíamos sobre Eduardo muitas vezes. Ele pensa que deve ser por isso que ficou tão irritado quando meu avô deixou o covil comigo. Eduardo não perdeu apenas seu mestre, mas alguém que ele queria como companheiro também. Meu avô não estava inclinado para tanto.

Red riu. — Entendo.

— O que é tão engraçado?

— Nada.

Ela fez uma careta. — O quê? Apenas fale.

— Inclinado para isso? É meio engraçado.

— Não quis dizer em trocadilhos. Geez. — Ela sorriu.

— Eduardo confessou o amor dele ou algo do gênero?

— Não, mas Eduardo prefere morder homens e meu avô já o viu tendo sexo com os doadores várias vezes. Eduardo até mesmo fez um casal achar que era uma mulher que estavam fodendo. Meu avô deu um bom sermão por causa disso.

— Malachi nunca teve sexo com as vítimas dele?

— Doadores e não, não se eles não mostrassem interesse em sexo antes dele mordê-los. Não tirava o livre arbítrio de ninguém. Ele tem moral. Eduardo não.

Red não parecia convencido.

Emma suspirou. — Você já ouviu das noivas de um Vampiro?

— É diferente de companheira?

— Sim. Uma companheira e alguém com quem você escolhe estar. Sua parceira. Uma noiva é quase um escravo de sangue. Eles são pegos e mantidos contra a vontade deles, forçados a seguir ordens. O mestre que fez meu avô os coletava. Ele tinha quase uma dúzia. Isso realmente deixava meu avô puto.

— Eu não entendo.

Ela parou de comer, abaixando os talheres. — O nome dele era Palao. Era um pedaço de merda que roubava mulheres, indiferente de se elas eram casadas

ou tinham filhos. Ele esgueirava-se na casa delas a noite e se lhe interessasse matava a família delas na sua frente. Elas viravam suas escravas. Ele gostava de romper suas mentes e espirito.

Ela estremeceu, horrorizada apenas de pensar nisso. — Palao as mantinha trancada a não ser que precisasse usá-las. Ele as vestia como prostitutas e as enviava para as festas dos homens ricos da área. Deixava os homens terem sexo com as esposas, até roubar o dinheiro, joias ou o que ele quisesse. Eles iriam para casa apenas lembrando de terem feito sexo e não faziam ideia de como foram enganados.

Red rosnou baixinho.

— Não era uma maravilha para as esposas também. Ele sugava tanto sangue como dinheiro. Elas não tinham escolha. Ocasionalmente uma escapava ou se prendiam no chão para queimar quando o sol surgisse. Algumas viram o monstro matar suas crianças e maridos, desamparadas e presas naquele inferno. Se uma esposa o irritasse ou não fizesse o que exigia, a prenderia com correntes nas paredes e a deixaria morrer de fome até que ficasse louca com a dor enquanto as outras assistiam, a pele se esticando sobre os ossos como um esqueleto vivo.

Emma engoliu as emoções que queriam sufocá-la. — Meu avô disse que elas sofriam até finalmente secar ou morrer por não ter nenhum sangue sobrando. Pensou que uma vez que elas estivessem livres poderiam perder um pouco da loucura criada pelo mestre. Recuperar. Não funcionou. Precisou acabar com o sofrimento delas.

— Seu avô não tem nenhuma esposa?

— Claro que não! Ele nunca faria isso com alguém. Nunca. Meu avô viu o que era feito com as esposas até odiar seu próprio mestre. A morte de Palao foi a melhor coisa que poderia acontecer para o covil. Meu avô não faz soldados também e ele disse que mataria qualquer um do covil se tentassem. Era a regra número um. Nunca faça um Vampiro inferior. Era uma ofensa reparada com morte.

— Eu sei o que um soldado é.

— Então você sabe que eles são mais horríveis que as esposas.

— Por quê?

— Um soldado nasce forte, mas apodrecem por dentro. As mentes deles, os órgãos internos e é apenas uma questão de tempo até enlouquecerem com a dor. Sentem sede por sangue todo o tempo, por que estão danificados e com dor. Não conseguem se curar completamente, independente de quanto sangue tomem. Não há paz para eles. Uma esposa regular continua sã e saudável na maior parte. Ela pode viver por centenas de anos, se não mais. O mesmo não pode ser dito de um soldado. Você pode prolongara vida deles com sangue Vampiro regularmente. São criados para matar e normalmente morrem em meio ano no máximo.

— Um soldado sem mestre para alimentá-lo duraria talvez um mês ou dois e tomaria muitas vidas antes que seu reinado de terror acabasse. Transforma-se em um assassino sem consciência, caçando tudo com sangue.

— Como eles são feitos? Você sabe?

Seu avô contou *todas* as histórias de horror da espécie dele. Ela hesitou um pouco e decidiu que era seguro dizer a Red se desse sua palavra de que manteria em segredo. Ele não era Vampiro o suficiente para fazer um. Também tinha um coração. Era um homem bom que nunca poderia ser tão cruel.

— Apenas entre nós. Para mais ninguém. Promete?

Ele acenou.

— Você precisa ser um Vampiro para entender. Vamos dizer que eu sou um Vampiro e minha melhor amiga é esfaqueada no braço. Posso passar um pouco do meu sangue na ferida e curá-la. Ela não se transformaria em um Vamp apenas com isso. Posso deixá-la tomar um pouco do meu sangue se for ferida e novamente, não a mudaria. Se ela for esfaqueada fatalmente e está próximo da morte, teria que tomar muito do meu sangue. Iria curá-la, mas se transformaria em um vampiro. E ponto.

— Por que está usando o esfaqueamento?

Ela encolheu os ombros. — Salvar a vida de alguém amado é a única razão pela qual consideraria transformar a pessoa. O ponto é, para criar um forte e saudável Vamp, ele deve ainda ter sangue e tomar muito de um Vampiro para repor o que perdeu. Curaria e ficaria mais forte com todo aquele sangue de Vamp circulando no corpo deles. É natural ser transformado.

— Entendi.

— Sangue de Vamp cura. Mas imagine alguém que está fatalmente ferido, toma sangue Vampiro, mas fosse morto logo em seguida. O coração para de bater e não há circulação do sangue novo. Vamp que criam soldados acabam

fazendo isso antes do amanhecer, para ter certeza que o corpo continua ali o dia inteiro antes de acordar. O sangue é manchado até o momento que o coração volta a bater novamente. Partes do corpo, bem... apodrecem depois de morrer. Não há cura. É permanente.

Red fez uma careta. — Parece horrível.

— É por isso que meu avô nunca fez um soldado. Ele não é cruel, Red. É um ótimo homem. Odiava o próprio mestre que era uma pessoa horrível que ficava pior a cada ano. Meu avô não acredita em matança a não ser que não tenha outra escolha e odeia ver alguém ser abusado. Deveria perguntar quando ele brinca de juiz e testemunha, aquele que toma todas as decisões mesmo que os outros acham errado.

Red arqueou a sobrancelha.

— Às vezes via um crime horrível no noticiário e queria fazer algo sobre isso.

— Dê-me um exemplo.

— Houve uma série de desaparecimentos alguns anos atrás. Vovô foi para a cidade e falou com a polícia. Usou sua habilidade de controlar a mente deles para conseguir uma lista de suspeitos e falou com cada um. Logo encontrou o homem. Usou o controle de mente para fazê-lo confessar. Era um bastardo doente. Vovô o fez escrever onde deixou os corpos para dar paz as famílias... então o matou. Pareceu como um suicídio, mas impediu um serial killer. *Esse* é o tipo de homem que meu avô é. Não queria ler sobre algumas garotas desaparecidas ou ver os pais na televisão, implorando para que elas retornassem

bem. Simpatizava com todos, porque sempre temeu que alguém pudesse *me* machucar.

— Houve uma acusação de um amigo meu matar a namorada. Eu o conhecia bem. Era um estudante também quando ainda estava na faculdade, um rapaz ótimo. Estava chateada, porque realmente achava que não o tinha feito. Meu avô encontrou o assassino conversando com todos que conheciam a vítima. Acabou que o ex-namorado a odiava por estar com alguém novo. O desgraçado não se arrependeu, nem sentiu remorso. Já tinha escolhido uma nova vítima, porque gostara muito de matar. Meu avô o fez desenterrar a arma do crime, então bater o carro numa árvore com a arma no assento do lado. A polícia encontrou e livrou meu amigo do crime. O bastardo nunca mais teve a chance de matar outra pessoa.

— Esse é um jeito prático de usar as habilidades dele. Ninguém poderia mentir para se entrasse na mente deles e fizesse perguntas.

— Eu sei. Meu avô é um ótimo homem Red, mesmo sendo um Vamp.

— Eu acredito em você.

Ela sorriu, aliviada. Incomodava pensar que Red poderia ter algo contra seu avô. Ele não era como a maioria dos Vampiros. Era importante que se dessem bem quando se encontrassem. Estava começando a ter fortes sentimentos por Red...

Afastou estes pensamentos. Desejava ter um futuro além de Red a mantendo salva até seu avô fugir de Eduardo.

— Mais uma pergunta. — Red segurou seu olhar.

— Ok.

— Malachi fez parte do que aconteceu com os Lycan que começou a guerra entre eles e os Vampiros. Ele lhe contou como aconteceu?

— Meu avô tentou governar o covil depois que Palao morreu, mas o monstro criou umas merdas de Vamp. Eles eram notícia ruim, acostumados a matar humanos e não iriam parar. Meu avô os transformou em cinza, um por um quando romperam as regras, matando inocentes, até que ficou sozinho. Isso era sempre perigoso. Encontrou outro covil que o aceitou. Gostava de como se davam bem com os lobisomens e fizeram uma aliança, sentiu que poderia se encaixar ali.

— Lycan. — Red a lembrou.

Ela acenou. — Ele conheceu minha avó e se apaixonou. Mas era novo no covil. Eles não lhe disseram o que estavam planejando até os Vampiros repentinamente começaram a atacar as mulheres Lycan, tentando acasalar como gado. Ele lutou contra o covil para proteger minha avó e sua alcateia. Não é seu tópico favorito de conversa. Ele a amava profundamente e sei que o machuca lembrar dessas coisas. Ela morreu quase cem anos depois.

— Como? Eles foram atacados por Vampiros?

— Não. Ela saiu para a corrida transformada durante o dia. Ele disse que ela amava a luz do sol e costumava sair para correr enquanto ele dormia. Um dia simplesmente não voltou. Ele saiu para procurá-la logo que o sol se pôs. Ela foi atingida três vezes na garganta e cabeça. Disse que ela deveria ter conseguido escapar, mas deve ter ficado confusa com a dor. Foi para o lado da montanha e

causou a queda de uma rocha. Isso praticamente a enterrou e esmagou. Ela morreu antes dele encontrá-la. Isso destruiu seu coração.

— Esse é o pior pesadelo de qualquer homem.

Ela acenou. — Devastou-o. Ele a amava muito.

— Ele a vingou?

— Ele caçou o homem que atirou nela. Acabou que era o pobre do vizinho. Estavam famintos e tinham quatro crianças pequenas. O homem atirou enquanto ela se transformava, acreditando que era algo que eles pudessem comer. Obviamente não sabia que era uma pessoa. Meu avô o deixou viver, até deixou dinheiro para comida. Nunca mataria o homem por tentar alimentar as crianças dele. Deixaria a família sem ninguém para protegê-los.

Red acenou e ficou quieto. Ela esperou que ele estivesse pensando em tudo que compartilhou e que sua opinião sobre seu avô melhorasse.



Red terminou a refeição e levou ambos os pratos para pia. Ele recusou a oferta de Emma de lavar as louças. Tinha muito o que pensar e a atividade ajudava a focar os pensamentos.

Queria acreditar que Malachi não tentaria matá-lo por acasalar com Emma. Ela parecia certa que seu avô simplesmente a deixaria ir e sem um bom Vampiro.

Depois de uma vida com histórias de horror dos Vampiros, estava tanto aliviado como confuso com a discussão com seu tio. Velder parecia gostar de Malachi, até mesmo planejava receber sua visita sem agressividade quando ou viesse buscar Emma. O Vampiro ajudou a construir Howl. Podia não ser o desastre que temia se ficasse cara a cara com o homem.

Ele olhou para trás, observando Emma passar os dedos sobre a mesa de centro. Ela parecia realmente gostar da coisa. Podia levá-la para a cabana se gostasse ou poderia construir outra.

Foi uma tortura passar os últimos dois dias fazendo amor sem mordê-la. Queria testar seu sangue tanto que a gengiva doía. O mero pensamento fazia seu pau pulsar, mas ignorou a semi-ereção. Ela provavelmente estava dolorida depois de passar pelo cio. Agradecia que não durou muito tempo, se não provavelmente teria sucumbido ao desejo de mordê-la. Porém, o gosto do sangue não era mais necessário. Não mais.

Ele sabia que ela era sua companheira. Sentia cada vez que a tocava, a beijava e a segurava enquanto dormia.

Apertou os dentes e lavou o prato. Precisava convencer Emma a aceitar ser sua companheira. Não queria fazer isso sem a permissão dela. Foi criada por um Vampiro, no mundo humano. Tudo seria mais fácil se fosse criada em um clã. Aceitaria o acasalamento sem problemas quando percebesse que foram feitos um para o outro. Uma fêmea VampLycan o morderia *primeiro* e agressivamente o instigaria a mordê-la.

O clã aceitaria Emma. Apenas precisava fazê-la se comprometer. Deu-lhe pistas o suficiente enquanto estavam na cama sobre querer morde-la. Ela não disse que podia, mesmo entendendo o motivo da vontade. Deveria tê-la tomado na primeira vez que ela concordou.

Ele suspirou. Em retrospectiva era sempre óbvio.

Terminou de lavar os pratos e se virou, indo em direção a Emma. — Eu não acredito que você fez essa mesa. É linda.

— Eu sou bom com as mãos.

— Eu sei disso. — Ela sorriu.

Ele instantaneamente a desejou. — Você gostaria de ver minha casa? — Ele deu um passo mais perto, mas parou. Talvez ver onde moraria, a fizesse concordar em ser sua companheira. — Ainda está claro e o clã está ciente que você está aqui. Ninguém vai até minha casa, exceto alguns jovens. Eles gostam de nadar no rio lá. Tem uma piscina natural e sou o orientador deles.

— O que é isso em termos VampLycan?

— Um professor. — Ele queria que ela soubesse que era bom com crianças. — Todos os adultos vêm e ajudam com os jovens para aprender habilidades de sobrevivência. Tenho uma oficina de construção de moveis, também e trabalho na garagem da cidade. Posso concertar qualquer coisa com um motor.

— Nós podemos realmente sair daqui?

— Por algumas horas. Quero que estejamos dentro da toca antes da noite cair.

— Não acho que Eduardo conseguirá me encontrar. Eu segui certinho o plano de meu avô, exceto ter que subornar o motorista do ônibus para me trazer até Howl. Estava bem detalhado. Nós tivemos que fugir antes. Somos bons em sumir do bastardo que fica nos rastreando.

— Prefiro estar seguro do que me arrepender. Ele nunca teve ajuda do Conselho dos Vampiros antes?

— Não. Bom ponto. Ok, entendo isso. Covis estão quase em todo lugar. Vamos. — Ela quase pulou para a saída.

— Sapatos, Emma.

Ela parou e olhou para baixo. — Ah. Certo. — Ela sorriu. — Isso provavelmente seria uma boa ideia ou acabarei em seus ombros novamente.

Ele quase se arrependeu de lembrá-la da falta de sapatos. Não se importaria de carregá-la. Significaria que teria que ficar perto dele. Ela se sentou no sofá e colocou os sapatos que guardou embaixo dele. Deixou-a ali para calçar as botas. Não eram necessárias, anos correndo descalço deixaram seus pés bem resistentes. Mas queria causar uma boa impressão. Não seria ruim agir um pouco como humano até ela se ajustar a vida com ele.

Ela estava esperando perto da porta quando ficou ao seu lado. A excitação apareceu no rosto dela e percebeu o quão difícil deveria ser ficar sob a terra. Culpa o percorreu, mas ela estava mais segura dentro da toca. Abriu a porta e segurou a mão dela, a guiando para cima e para fora. A expressão de deleite em seu rosto quando ela viu o céu azul e respirou o ar fresco o fizeram

silenciosamente prometer a levá-la para fora no dia seguinte. Vamp não viriam atrás dela com o sol no alto.

— Vamos parar no rio primeiro. Preciso pendurar as roupas de cama para que seque antes do anoitecer.

— Certo. — Ela fechou os olhos.

— O que você está fazendo?

Ela abriu os olhos e apontou. — É por aqui. Eu consigo ouvir a água.

A audição dela o surpreendeu. Um humano normal não seria capaz de fazer isso. Não estava totalmente sem traços VampLycan. — Você está certa.

—- Meu avô me fazia praticar usar os sentidos.

— O que mais ele a fez fazer?

— Eu posso lutar. Não tão forte ou rápido o suficiente para ganhar se eu tiver que lutar contra um Vamp, mas posso desestabilizar um por tempo o suficiente para fugir.

Ele não gostava da ideia dela lidando com *qualquer* tipo de perigo. — Como?

Emma sorriu. — Sabe, quebrar o pescoço de um Vamp ou esfaqueá-lo no coração se tiver algo útil em mãos. Decapitar é melhor, já que eles morrem, mas é difícil a não ser que eu tenha uma espada ou algo similar. Não posso exatamente caminhar por aí com uma em meu corpo. Ele me ensinou como

incapacitar um, dar-me a oportunidade de correr como louca. Ensinou como mascarar meu cheiro e esconder meu calor se estiver sendo rastreada.

— Você aprendeu a lutar com uma espada?

— Alguns Vamp antigos ainda as usam. Sou habilidosa com uma. Sou também decente em jogar facas. São mais fáceis de esconder no corpo e não ter contato físico é melhor se puder evitar. Também estou familiarizada com armas e tenho uma mira muito boa.

— É difícil matar um Vamp com balas. Precisa decapitar.

— Verdade, mas o truque é fazer buracos o suficiente na cabeça, garganta e coração. O bastardo ficará ferido e mais devagar por um tempo. Dá-me tempo o suficiente para fugir da zona de caça dele. Meu avô também ensinou combate desarmada, mas como disse, não sou boa contra um Vamp a não ser um que acabou de se transformar. Na maioria, levaria uma surra e *me derrubariam*. Não curo tão rápido quanto meu avô ou você. Mas a dor me ensina como ganhar.

Raiva inundou Red, imaginando alguém atingindo Emma. — Ele *batia* em você?

Ela fez uma careta. — Você faz soar mal. Ele apenas fazia garantia que não fosse uma molenga. Talvez salve minha vida se alguém vier atrás de mim.

— Por bater em você?

Ela afastou a mão da dele da dela e o olhou. — *Pare com isso*. Meu avô *não* é uma pessoa má. Sabe como a maioria dos Vamp ataca? Eles atacam rápido. Boom! — Ela empurrou forte contra o peito dele. — Eles o derrubam e estão

em você antes que saiba o que aconteceu. As vítimas ficam confusas, com dor e assustadas. Fazem contato visual com o atacante e adivinha o que acontece então? Sim. A mente deles é torrada e tem sorte se saírem com vida com apenas um pouco menos de sangue. Então *sim*, meu avô me derrubava sobre o traseiro. Derrubava e eu sabia o que fazer quando isso acontecia. Não faço contato visual. Ataco quando eles menos esperam. Isso me dá uma vantagem. Estou acostumada com a dor. Não me confunde ou trava.

Ainda estava furioso, mas não queria irritá-la mais. — Entendo.

Ela suspirou. — É como se você estivesse procurando uma desculpa para odiá-lo. Aposto que não treina seus jovens sem derrubá-los um pouco. Salvará suas vidas se os ensinar corretamente, certo?

Ele relutantemente acenou. Ela tinha um ponto. — Impede de ficarem convencidos e os ensina como se defender melhor. Para lutar contra a dor os ensina que a vida deles depende disso.

— Exatamente. É isso que meu avô fez comigo. Precisava de toda vantagem que pudesse ter. Sempre temia que algo acontecesse com ele. Assim estaria por conta própria, perdida.

Ele viu dor nos olhos dela. — O que isso significa?

Ela colocou as mãos sobre o peito dele. — Eu não sou totalmente humana. Preciso esconder o que sou deles. Mas *sou* humana demais para ficar com os Vampiros, Lycan ou VampLycan. Vê onde estou querendo chegar? A maioria dos VampLycan nunca tocariam uma humana, então provavelmente não há muitas pessoas como eu. Nunca conheci uma. Ninguém me aceitaria, de

nenhuma espécie. Se meu avô morrer, serei um barco à deriva num oceano sem chance de encontrar um lugar seguro para ancorar, Red. Estou sozinha.

— Não, você não está. Meus primos acasalaram com mulheres como você. O pai era humano, a mãe VampLycan. Você não é um barco. Vou apresentá-la a elas quando o tempo for o correto.

— Quando será isso?

— Não hoje. Nós não temos *tanto* tempo ainda.

Capítulo Oito

Emma amava ficar ao ar livre. Era um dia lindo e o Alasca tinha muitas maravilhas. Nunca esteve lá antes e dormiu a maior parte da viagem no ônibus, perdendo a vista. Red ficou por perto, sua mão roçando a dela enquanto caminhavam para o rio. Ela sorriu olhando para as árvores e a grande extensão de água que se desdobrava na sua frente.

Dois alces grandes estavam à vista rio abaixo, bebendo água. — Eles são maiores do que imaginei.

Red seguiu seu olhar quando se sentou, tirou as botas e se levantou novamente. — Eles são adultos. Apenas não vá muito longe, Emma. Existem perigos.

— Ursos. Li que há muitos aqui.

— Não são muitos nessa área. Nós os afastamos para mantê-los longe de nossas casas.

Ela se virou com a boca aberta quando Red tirou a calça. Ele sorriu, tirando a camisa. — O quê?

— Por que você está nu?

— Preciso buscar os lençóis que lavei. Não quero molhar minhas roupas.

Isso fazia sentido. — Oh.

Ele virou a cabeça em todas as direções, seu olhar constantemente se movendo. Também continuou farejando.

— O que você está fazendo?

— Procurando qualquer perigo para você. Está seguro. Apenas fique parada. Eu volto já.

— Não sairei daqui.

Red entrou na água e mergulhou sob a superfície. Isso surpreendeu Emma.

— Quão profundo ele enterrou os lençóis? — Ela se aproximou da água, esperando. Longos segundos se passaram, transformando-se em um minuto.

A preocupação começou a raspar seus nervos quando a cabeça molhada de Red apareceu de repente e nadou na direção dela, arrastando os lençóis atrás dele.

Ela tentou ajudá-lo, mas ele balançou a cabeça. — Fique aí. Não se molhe.

Emma se afastou e viu quando ele juntou todos os lençóis apertou forte em seus braços, no momento que os tirou do rio. Saiu da água e colocou-os em uma rocha. Balançou a cabeça, espalhando água.

Gotas frescas caíram sobre Emma e ela riu. — Bobo.

Ele sorriu, usando as mãos para limpar a água de sua pele. — Não é molhada dessa forma que gosto de deixá-la.

Ele não era como qualquer humano que ela conheceu. Levaria um tempo para se adaptar às suas declarações sexuais ousadas. Não sabia ao certo como responder, mas daria as boas-vindas ao seu toque. Isso ela sabia.

Ele começou a se vestir e ela voltou sua atenção para o outro lado do rio, observando o movimento. Algo se moveu nas sombras das árvores densamente crescidas. — Red!

Ele estava ao lado dela em um instante, apenas com o jeans. — O quê? Oh... — Ele sorriu. — Não se preocupe. São apenas alguns dos nossos jovens. Eu disse que eles vêm aqui para nadar.

Dois homens grandes que pareciam ter cerca de vinte anos apareceram sob a luz do sol, saindo das árvores. Acenaram e começaram a tirar suas roupas.

Emma virou dando-lhes as costas, chocada. — Eles estão tirando tudo.

Red sorriu. — VampLycan não são tímidos sobre seus corpos. As roupas apenas nos atrapalham quando nadamos.

— Mas estou bem aqui! — Ela se recusou a virar a cabeça para olhar a dupla novamente.

— Você está comigo e a palavra vai se espalhar no clã sobre quem você é. Eles a verão como uma das nossas.

Ela mordeu o lábio inferior, confusa.

A expressão de Red ficou séria. — Sua mãe era uma VampLycan. Você é filha dela. Então faz parte do clã.

Isso foi uma surpresa. — Mesmo?

— Sim.

Ela pertencia a algum lugar? — Mas como?

— Eu não sabia que sua mãe foi considerada parte deste clã uma vez. Tio Velder me assegurou que sim. Isso faz de você uma do clã também, Emma.

— Então... eu sou bem-vinda aqui?

— Sim.

— Isso significa que ninguém ficaria chateado se eu voltasse no futuro?

A raiva instantaneamente tencionou suas feições. — Sim.

— Mas você tem um problema com isso?

— Porque você iria embora.

Ela não esperava essa resposta.

Red aproximou-se. — Sabe que quero mordê-la. Acho que é minha companheira, Emma.

Ela o olhou em seus olhos. Estava pronta para se comprometer com ele assim? Era tentador. O medo veio a seguir, no entanto. Ele morava no Alasca com um clã VampLycan. Disse que eles a aceitaram... mas e se não fosse verdade? Precisava de mais tempo para tomar essa decisão. O acasalamento seria para a vida toda. Considerando o quão lento envelhecia e o fato de que

os companheiros compartilhavam sangue, a união deles duraria centenas de anos ou até mais.

— E sobre sua promessa ao seu tio, de tomar uma companheira VampLycan?

— Já foi tratada e não é mais um problema. Ele dará sua permissão.

Isso francamente a surpreendeu.

— Pense nisso. — Ele murmurou rispidamente. Então se afastou e caminhou até os lençóis molhados. — Vamos para minha casa. Colocarei isso na secadora enquanto estivermos lá. Vamos. É uma caminhada um pouco longa, mas acho que gostará.

Sons de espirros de água a fizeram virar a cabeça. Os dois homens estavam na água agora. Ela correu atrás de Red, seguindo-o de volta para floresta em uma nova direção, longe de onde saíram para a clareira. Precisou se apressar para acompanhar seus longos passos, mas ainda era bom estar ao ar livre e em movimento. Seu avô a fez correr por quilômetros para mantê-la em forma. Andar rápido era uma brisa comparada a isso.

Eles finalmente saíram das árvores grossas para outra clareira. Esta era feita pelo homem, a julgar por alguns tocos de árvores que viu. Uma cabana fofa estava no meio dela. Sorriu. Era uma estrutura de tora em formato de A. Red parou na porta e digitou um código no bloqueio do teclado. Clicou e a porta se abriu enquanto ele deu um passo para o lado. — Bem-vinda.

— Eu não esperava isso em uma cabana no meio da floresta.

— Eu sei. A maioria dos VampLycan não trancam suas portas, mas como eu disse, trabalho com jovens. Eles sabem que tenho um bom senso de humor. Cansei de suas brincadeiras.

— Como o quê?

— O último golpe deles envolveu encher minha banheira com água do rio e peixes.

Isso a divertiu. — Eu quis dizer a fechadura. É um teclado. Isso é uma fantasia para uma cabana na floresta.

— Oh. É uma dor de cabeça carregar uma chave ou esconder uma. No inverno, o teclado não é tão bom de se usar, mas no tempo mais quente são úteis. Entre.

Ela entrou primeiro. Tinha uma planta baixa aberta com vigas sustentando um grande loft. Uma lareira de pedra dominava uma parede. Os móveis eram poucos, mas parecia confortável. Ele fechou a porta atrás dela.

— O que você acha? Não é muito grande, mas há dois quartos e um banheiro compartilhado no andar de cima. Sempre imaginei que um dia poderia adicionar algo na parte de trás, se quisesse mais quartos.

— Eu amei. — Ela olhou para cozinha. Ficava sob a área do loft e um longo balcão separava-a da sala de estar. Ele fez a cozinha em marrom suaves e azul claro, com pedras cinzentas. Caminhou até o balcão e tocou a superfície. — O que é isso?

— Concreto. É difícil conseguir entregas de mármore por aqui.

— É lindo.

— A porta atrás da cozinha leva ao lavador, à lavanderia, à despensa e ao depósito. Está embaixo do outro lado do loft. Parece muito maior do que o que você vê aqui.

Ela mordeu o lábio, observando-o. — Eu gosto da sua casa, Red. Você não precisa me convencer.

— Em que tipo de casa *você* mora?

— Hum, a última escolha de vovô era uma monstruosidade de uma casa. Um homem rico construiu, decidiu que não gostava de morar em uma cidade menor e estava no mercado há anos. Isso significa que ele pegou um bom preço. Era uma merda para limpar e todos os quartos que nunca usamos eram espaços desperdiçados. Aqui parece caseiro.

Ele segurou seu olhar.

— Não é bem assim. Meu lugar favorito de todas as casas que vovô e eu compartilhamos acabou sendo um apartamento de dois quartos em uma cidade. Era provavelmente noventa e dois metros quadrados ao todo. Sua cabana é maior.

— Onde ele dormia?

— O closet no quarto principal. Não tinha janelas. Tinha medo de dormir no sótão, caso trabalhassem no telhado, já que era um condomínio.

— Não posso ver um vampiro morando em um condomínio.

Ela sorriu. — Esse era o ponto. Nenhum outro vampiro ou lobisomem, quero dizer Lycan, também morava naquele edifício. Era seguro e o último lugar que alguém nos procuraria.

— E se alguém invadisse durante o dia?

— Vovô ficaria irritado e tomaria o controle de sua mente, teria um lanche no meio do dia e os enviara de volta com um pouco de perda de memória. Provavelmente os mandaria reparar a porta ou janela que quebraram para entrar antes que os soltasse. Ele não é impotente durante o dia, lembra-se?

Red assentiu. — Que tal um incêndio?

— Já ouviu falar de cofres à prova de fogo? Vovô comprou um grande o suficiente para se esconder se a necessidade surgisse. Não seria divertido para ele ou bonito quando o tirasse, depois da falta de oxigênio, mas teria sobrevivido.

Red franziu a testa.

— Sem oxigênio os vampiros perdem a consciência e sua pele fica cinza. Eu teria que pegar aquele cofre depois que o fogo fosse apagado, o teria mudado para um local sem pessoas por perto antes de abri-lo e teria sangue esperando para reanimá-lo. O cheiro teria ido embora já.

— Como você conseguiria sangue?

— Sangue animal serviria em uma necessidade. Então ele poderia procurar um doador humano. Fico feliz por nunca precisar sacrificar algum coelho de

loja de animais, já que estávamos em uma cidade. Nenhuma vaca estava por perto para usar seu sangue. E nunca tivemos um incêndio.

Red parecia tomar isso com calma. — Colocarei os lençóis na secadora. — Ele desapareceu pela porta da cozinha.

Ela olhou ao redor do espaço novamente, dando uma olhada melhor no mobiliário. Tudo parecia confortável, um pouco grande demais e precisava do toque de uma mulher. Algumas das mesas percebeu que ele deve ter feito de árvores. Eram adoráveis.

E a cabana dele seria dela se acasalasse.

Red voltou e apontou para a escada. — Depois de você.

A área do loft a fez sorrir. Um confortável sofá estava ao lado de estantes de livros cheias. Ela se aproximou para folhear os títulos. A maioria eram de mistérios e thrillers de ação. — Você gosta de ler.

— Os invernos podem ser longos.

— Como fica aquecido? Eu sei que fica muito frio aqui.

— Aquele depósito que mencionei fica cheio de madeira que cortei. Venha.

Ele passou por um arco no lado que levava a uma porta aberta imediatamente à direita. O quarto atrás dele tinha uma cama Queen-Size e cômoda. Ele o ignorou e a próxima porta aberta revelou um banheiro. A terceira porta aberta ficava no final do corredor.

— Onde eu durmo.

Ela entrou na frente dele e imediatamente amou o cômodo. Não era o maior quarto principal que já viu, mas era aconchegante. Ele tinha uma cama King-Size com uma mesa de cabeceira, uma cômoda e uma lareira ocupavam a parede do fundo. As pedras combinavam com as de sua sala de estar.

— Eu nunca vi uma cabana com lareira no andar de cima também.

— É bom construir nossas próprias casas. Nós podemos personalizá-las para nossos gostos. Gosto de fogo enquanto durmo em noites frias. Isso é melhor que dormir no sofá lá embaixo.

— Certamente é.

— Acabou. Vou pegar algumas roupas enquanto estou aqui. Não esperava ficar na toca por tanto tempo.

Ela se lembrou. — Apenas vai lá nos fins de semana. Por que se importa? Tem uma casa tão linda, Red.

— Não há sinal de celular na toca e apenas duas outras pessoas sabem onde está. Drantos e Kraven, meus primos me ajudaram a construí-la. Eu os ajudei com as deles também. É algo que fizemos em nossa adolescência. Eles nunca me incomodariam lá a menos que fosse uma emergência. Digamos que durante a semana as coisas podem ficar agitadas quando não é inverno. Frequentemente preciso descomprimir.

— Posso entender isso.

— Qual é a sua profissão? Você trabalha?

Ela fez uma careta. — Não atualmente. Estou fugindo.

Ele se aproximou. — Antes disso.

— Trabalhei para meu avô. Ele é professor de história online. Quer dizer, sério, quem sabe sobre o passado melhor que ele? Viveu por mais de quatro séculos. Parece um pouco idiota trabalhar para a família, mas ele não é o melhor em aprender tecnologia. Contratou assistentes, mas depois da terceira que demitiu, eu assumi.

— Ele se alimentou delas?

Ela balançou a cabeça. — Elas acabavam se apaixonando por ele. É toda aquela coisa poderosa que ele tem. Trabalhei em uma loja de consignação em nossa última cidade, mas não me importei em desistir para passar mais tempo com vovô. É divertido ficar perto dele.

— Ele faz um bom dinheiro sendo professor?

— Realmente não precisa do dinheiro. É um colecionador de tesouros. Além disso, sempre comprou propriedades onde quer que morasse. Depois, há as antiguidades que vendeu quando se livrou das casas que possuía há algumas centenas de anos. O valor da terra também aumentou muito nesse período. Vampiros de quatrocentos anos de idade tendem a ter muita riqueza adquirida. Pelo menos os espertos.

— Por que trabalhar então?

— Ensinar o mantém entretido. É um inferno para mim quando ele está entediado.

— Por quê?

— Ele tende a se concentrar muito na minha vida e me treinar. — Ela sorriu. — Nunca uma coisa boa. Quando tinha trinta e quatro anos, chamei de: *O ano das armas*. E no meu trigésimo sexto aniversário, ele me comprou quatro tipos de balestras. Quer adivinhar o que aconteceu depois daquele ano?

— Eu nunca atirei com uma antes.

— Bem, se você quiser aprender, posso ensinar.

— Gostaria disso.

Um celular tocou e Red amaldiçoou, indo até a mesa de cabeceira, onde estava carregando. Atendeu. — Olá, Drantos. — Ele fez uma pausa, ouvindo.

Ela inclinou a cabeça, esforçando-se para ouvir. Uma voz masculina soava longe, mas a ouviu facilmente. — Você foi visto indo em direção a sua cabana. Dusti e eu gostaríamos de convidá-lo para jantar com sua convidada.

— Eu quero ela de volta na toca antes de escurecer.

— Ela está segura em nosso território.

— Não quero arriscar.

Drantos grunhiu. — Dusti quer conhecer Edna.

— É Emma. E este não é um bom momento para isso.

— Não me faça dizer não a Dusti. Bat também quer conhecer sua convidada. Nunca tiveram a oportunidade de conversar com outra pessoa como elas. Ambas estão empolgadas em comparar histórias.

— Não essa noite. Vou desligar.

— Vamos lá, Red. Não seja estr...

Red desligou, e logo desligou o telefone e virou-se, sorrindo. — Devemos voltar a toca.

— O que foi aquilo?

— Nada. — Ele pegou a mão dela. — Vamos ver como estão os lençóis. — Ele quase a empurrou para a porta.

— Eu tenho boa audição, Red. Por que não quer ir jantar?

Ele rosnou baixo e ficou na frente dela. — Eles podem assustá-la. Dusti é doce, mas Bat pode irritar as pessoas.

— Mas eu gostaria de conhecer outras pessoas.

Ele franziu o cenho.

— Você disse que este é meu clã também. Isso significa fazer amigos. E esta Dusti e Bat têm sangue humano, certo? Seu pai era humano? Isso foi o que disse. Tenho certeza de que não fui seguida aqui, então não deve haver perigo. Por favor?

— Podemos almoçar outro dia. Este está quase no fim.

— Quantos VampLycan guardam seu território à noite? Você acha que algum Vamp poderia passar por eles?

— De jeito nenhum.

— Este Drantos vive fora do território?

— Não. — Ele ficou mais sério.

— Vamos. Ligue de volta e diga sim.

— Estou tentando mantê-la segura.

— Eu ficarei. *Você* está comigo. — Ela sorriu. — Não me faça ferir seu orgulho. Você é um desses tipos de alfa que odiaria isso. Provocarei sobre ter medo de alguns pequenos Vamp se não formos.

Ele resmungou. — Está bem.

— Quanto tempo acha que falta até o jantar? Eu perdi toda a noção do tempo.

— Temos algumas horas.

— Fantástico! Importa se pegar seus livros se encontrar alguns que gostaria de ler?

— Você pode ter qualquer coisa que quiser, Emma.

Ela sorriu. Ele podia ser um amor.



Red observou Emma rir com Batina e Dusti na cozinha de Drantos. Elas se ofereceram para lavar a louça depois do jantar. Ficou feliz por ela ter se dado bem com as duas companheiras de seus primos.

Kraven se inclinou para frente no sofá e chamou sua atenção. — Eu gosto dela. Parece estranhamente agradável apesar de ter sido criada por Malachi.

— Não era o que eu esperava também. — Drantos murmurou. — As histórias de papai implicavam que o Vampiro era muito intenso. Ele treinou os VampLycan de primeira geração para lutar antes de partir.

Kraven assentiu. — Papai sempre disse que Malachi os queria preparados para o caso de qualquer Vampiro sobrevivente os rastrear. Alguns desses vampiros eram antigos e poderosos. Disse que os ensinou como mutilar e matar rapidamente. Imaginei que sua neta seria altamente treinada, mas... talvez ele a protegesse, já que é meio humana?

— Ele a treinou. — Red ainda não estava feliz com a ideia de alguém prejudicar Emma, mesmo que entendesse o método e a razão. — Principalmente com armas, pelo que entendi.

— Foi melhor que ela veio até você em busca de proteção. — Disse Drantos. — Não posso vê-la lutando contra Vampiros. Sem ofensa.

— Ela cheira completamente humana. — Kraven concordou. — Não vi nenhum indício de VampLycan nela também.

— Ela tem nossa audição aprimorada. Preste atenção no que você diz. — Red não podia esquecer como Emma ouviu o que deveria ser uma conversa particular com Drantos em seu celular. — O que tio Velder disse ao clã sobre Malachi vindo?

— Ele deu uma descrição a todos, disse que era amigo do nosso clã e que o levassem para a casa principal. Malachi ficará com mamãe e papai, o que significa que deve confiar muito nele. Caso contrário, não deixaria um Vampiro perto de sua companheira. — Kraven sorriu. — Como se mamãe estivesse desamparada.

Drantos bufou. — Para o jeito de pensar do papai ela está.

Red sentiu alívio. — Fico feliz que tio Velder não espere que eu o leve.

Kraven arqueou uma sobrancelha. — Emma disse algo que o deixou desconfiado dele?

— Não. Segundo ela, ele é um herói que pode andar sobre a água. Fica ofendida quando questiono seus motivos sobre qualquer coisa.

— Como? — Kraven se inclinou mais perto.

— Ela admitiu que ele a mordeu. Isso me irritou. Disse que foi apenas algumas vezes e em situações de emergência, para enganar outros vampiros em acreditar que era uma escrava de sangue.

Drantos assentiu. — Seria ruim se outros vampiros descobrissem que Malachi tem uma neta parcialmente VampLycan sob sua proteção. Imagine o que poderiam fazer se a capturassem.

Red não queria pensar. Nada de bom, ele estava certo. — Vamos dar um passeio.

Saiu sem esperar por eles e se dirigiu para a porta da frente. Emma riu novamente, parecendo feliz. Ele parou do lado de fora, onde não seriam ouvidos e virou-se para seus primos.

— O que há de errado? — Kraven invadiu seu espaço pessoal, mantendo seu olhar fixo. — Seja o que for, somos da família. Lidaremos com isso juntos.

— Exatamente. — Drantos concordou.

Red olhou para os dois. — Emma tem sido o único membro do ninho de Malachi há quase quarenta anos... também tenho certeza que é minha companheira. Ela irá me odiar se tiver que matar o bastardo se não receber as notícias bem. Ele pode lutar comigo quando perceber que a manterei.

Kraven sorriu. — Primeiro, não fale assim quando falar com Emma. As mulheres detestam quando discutimos em termos de propriedade. Bat me ensinou isso.

— Dusti é mais doce. — Drantos sorriu. — Mas concordo. Malachi apenas terá que lidar com a perda. Tive a impressão de que papai gostaria de receber suas visitas. Não é como se ele fosse proibido de vê-la para sempre.

Red suspirou. — Ainda me preocupo que ele vá para minha garganta e Emma me odiará por me defender. Ela o ama.

— Ela o amará mais se você for seu companheiro. — Kraven fez uma pausa. — Você tem certeza sobre a coisa de companheiro? Testou o sangue dela?

— Não precisei. Eu sei. Você sabe que sempre é muito mais do que apenas sangue.

— Sim. Eu estava em negação sobre minha atração instantânea e instintos de proteção em relação a Dusti. Às vezes apenas sabe quando conhece a pessoa com quem quer passar uma eternidade. O sangue é apenas uma confirmação.

Red assentiu para Drantos. — Tenho certeza.

— Você disse a ela?

Red encontrou o olhar curioso de Kraven. — Sim. Esperava que ela quisesse se unir a mim imediatamente, mas precisa de tempo.

— É um grande salto de fé para alguém que não foi criado na esperança de encontrar seu companheiro para toda a vida. Mostre-lhe o quanto significa para você. — Kraven sorriu. — E o quanto melhor amante você é do que qualquer humano que ela conheceu.

Drantos deu uma tapinha no braço dele. — Dará tudo certo. Seduza-a para se acasalar com você. O vínculo se fortalecerá depois que o completar. Não haverá arrependimentos.

— Nossas companheiras ajudarão a convencê-la e serão bons exemplos. Elas estão se dando bem. Ouça. — Kraven apontou o polegar para a porta da frente.

Red inclinou a cabeça, ouvindo as risadas contínuas das mulheres lá dentro. Ele sorriu. — Não acho que Emma tem muitos amigos ou pelo menos, qualquer um com quem poderia ser completamente ela mesma.

Capítulo Nove

Emma continuou repetindo em sua mente as conversas que teve com Dusti e Bat. De acordo com elas, viver com um VampLycan foi difícil no começo, mas agora não queriam estar em nenhum outro lugar. Também foi bom ver que seus traços humanos eram tão fortes quanto os dela, mas se encaixavam no clã. Isso lhe deu esperança.

A ideia de encontrar uma casa, fazer amigos para quem nunca teria que mentir ou deixar para trás porque não envelhecia, a atraía em todos os níveis. A culpa a encheu a seguir, por causa de seu avô. Ele disse que o Alasca guardava muitas lembranças tristes de sua avó. Duvidava que quisesse visitá-la com frequência.

Se ele sobrevivesse, viria buscar Emma, mas iria querer partir imediatamente. Isso significava que teria que fazer uma escolha. Ficar com Red e seus novos amigos ou dizer ao seu avô que não iria com ele. Isso o deixaria sozinho no mundo. Claro, poderia finalmente encontrar uma companheira. Por mais que soubesse que a amava, provavelmente queria uma mulher em sua vida que não fosse um parente.

— O que você está pensando? — Red ajudou Emma a descer a escada que levava para a toca. — Ficou quieta na caminhada aqui.

— Estou bem, Red. Obrigada por me apresentar a seus primos. Amei sua família. Eles são todos bons.

— Isso não respondeu à minha pergunta.

Eles entraram e ele selou a porta, acendendo as luzes. O espaço fechado parecia apertado depois de ficar ao livre e dentro das cabanas espaçosas que visitou. — Acho que estou apenas absorvendo o fato de que não sou a única meio humana e VampLycan.

— E? — Ele caminhou até ela, suavemente segurando seus quadris.

— Gostei de Bat e Dusti. Não posso imaginar crescer nunca sabendo que sua mãe era um vampiro ou que existiam outras raças. Pareceu tão difícil quando elas perceberam que seus companheiros não eram humanos. Compartilharam suas histórias comigo um pouco. Sobreviver a um acidente de avião, em seguida, ficar sabendo que seu avô era tão mau... uau. Fico feliz que meu avô seja incrível.

— Decker era um idiota que merecia a morte. Ele é a razão pela qual perdi meu pai.

Sentiu seu horror e coração partido. — Eu sinto muito, Red. — Ela colocou as mãos no peito dele. — Você não precisa me dizer o que aconteceu.

— Está tudo bem. Você deveria saber. Decker queria liderar todos os quatro clãs. Meu pai foi atacado e assassinado por alguém do clã dele, mas o assassino deixou evidências que apontavam para um membro do clã de Trayis. Ele deve ter assumido que meu tio atacaria Trayis cegamente em retaliação. Achamos que é por isso que escolheram meu pai, porque era da família de nosso líder do clã. Talvez Decker tenha percebido que uma vez que afastasse os dois líderes do clã, poderia governar em seu lugar. Com três clãs

combinados, facilmente teria retirado o quarto. Mas meu tio não é um idiota e ele e Trayis são amigos. Descobriram a verdade juntos.

— Você disse que Klackan morreu durante uma guerra.

— De um tipo. A guerra na cabeça de Decker entre os clãs. O assassino foi capturado e morto. Ele mentiu em nome dele, jurando que agia por conta própria, mas sabíamos que recebeu ordens.

— Eu sinto muito. Sei que dói perder um pai. E sua mãe?

— Está viva, mas... a morte do meu pai a mudou. É raro sair de casa. Não interage com ninguém. O pesar e a raiva a tornaram amarga. Ela pode até ter morrido com meu pai. Não conversamos há muito tempo.

Emma colocou as mãos ao redor de sua cintura para lhe dar um abraço, segurando firme. — Isso deve ser difícil. Por que vocês dois não conversam?

— Ela se mudou para o clã de Crocker. Não quer nada com os clãs do tio Velder, Trayis ou Decker.

— Crocker é o quarto líder dos clãs VampLycan?

— Sim. Tio Velder, Trayis, Decker e Crocker são os líderes originais. Lorn assumiu quando Decker perdeu sua posição e mais tarde, sua vida. E o Lorde Aveoth lidera o clã GarLycan.

— Por que sua mãe não quer nada com eles?

— A falta dele a deixou louca a princípio. Sentiu-se traída quando meu tio não entrou em guerra com o clã de Trayis pela perda de seu companheiro.

Acusou tio Velder de não amar sua família se recusando a vingar meu pai. Não podia se acalmar ou argumentar quando ele tentou explicar que não acreditava que Trayis fosse o responsável. Resumindo, ela atacou meu tio e jurou que mataria Trayis. Para sua própria segurança e para impedi-la de fazer algo imprudente, meu tio a trancou dentro de casa com guardas. Uma vez que a verdade sobre a morte do meu pai finalmente saiu... — Ele suspirou com um olhar de tristeza no rosto.

— Ela ficou com vergonha?

Ele bufou e balançou a cabeça, segurando seu olhar. — Não. Ela simplesmente sentia ódio de todos, inclusive por mim.

— Por que você?

— Ela ordenou que matasse Trayis quando não precisasse fazer sozinha. Confiei nos instintos do tio Velder e não acreditei que Trayis fosse responsável. Ela disse que eu escolhi um lado e não foi o dela.

Emma sentiu simpatia por ele e o abraçou com mais força, apoiando a cabeça em seu peito. Queria confortá-lo. Sua mãe parecia alguém melhor, não parte de sua vida. Dor de lado, que tipo de mulher poderia evitar seu filho?

— Sinto muito.

— Ela perdeu seu companheiro e sobreviveu, mas sua mente não. Pode respirar, mas a mãe que conheci morreu com meu pai.

— Você tem algum irmão?

— Não.

Isso piorara tudo. Ela sabia o que era ser filho único. Houve muitas vezes em sua vida que desejou irmãos.

— Drantos e Kraven são como irmãos para mim. Nós sempre fomos próximos.

— Isso é bom. Fico feliz.

— E tem Peva. Você a conheceu em sua loja. Ela é da família também, apenas não de sangue. Seu irmão mais velho era muito próximo a nós até que morreu. Nós vingamos a morte de Rener.

— Decker novamente?

— Não. Ele saiu em uma missão, mas morreu. Vampiros. Às vezes as matilhas de Lycan nos contatam se tiverem problemas que não podem resolver. A matilha original se separou quando deixaram nossas terras. Alguns não viajavam muito, outros o sim. Mas todos sabem como nos alcançar. Vampiros estavam matando humanos e colocando outros sob escrutínio. Rener foi acabar com o ninho, mas eles o mataram. Tio Velder enviou uma equipe para vinga-lo. Esse ninho não existe mais.

— Você sai em missões?

— Sim, mas não frequentemente. Estou bastante ocupado nos dias de hoje com o clã. Não preciso sair. — Ele esfregou as costas dela. — Amo segurar você, mas gostaria de colocar os lençóis de volta na cama e tomar um banho. Ainda sinto o cheiro do rio em mim.

Ela não queria deixá-lo ir, mas abaixou os braços de sua cintura e recuou. — Arrumarei a cama. Você toma banho.

— Combinado. — Ele se virou, entrando no quarto.

Ela pegou os lençóis que trouxe de volta e foi trabalhar. Não perguntou se compartilharia sua cama. Não depois do que passaram durante o cio dela. A própria ideia de dormir longe dele a fazia se sentir vazia por dentro.

Ela mordeu o lábio quando o desejo repentino bateu. A ideia de passar a vida com ele parecia muito atraente. Eles tinham atração sexual. Era apenas fora da cama, onde ainda havia alguns problemas. Seu olhar percorreu a toca e riu. A questão número um seria passar os fins de semana no subsolo no espaço confinado que ele parecia amar tanto.

— O que é tão engraçado?

Ela se assustou e virou a cabeça, endireitando-se de arrumar a cama. — Este deve ser o banho mais rápido de todos os tempos. — Seu olhar pousou em seu peito nu, cabelo molhado e a toalha ao redor dos quadris.

— Você é tão incrivelmente sexy.

— Você também é. — Seus olhos começaram a brilhar. Ele estava tão excitado quanto ela.

Abaixou-se, tirando os sapatos, os mamilos endurecendo com o rosnado dele. Ele a queria. Não precisava ver seu pau pressionado contra a toalha úmida, já sabendo que estaria duro. — Red?

— Tire a roupa, Emma. — Ele tirou a toalha, jogando-a no chão e foi para ela.

Ela estendeu a mão para ele. — Red...

— Eu não quero conversar. — Ele levantou-a, colocou-a na cama e tentou beijá-la.
Ela se esquivou dos lábios e segurou seu queixo, olhando em seus olhos.

— Nós precisamos conversar. Segure esse pensamento.

— Por quê?

— Você está realmente falando sério sobre querer acasalar comigo? — Um pouco do brilho desapareceu de seus olhos e ele franziu a testa.

Merda. Não parecia satisfeito por ela ter mencionado isso. — Esqueça.

— Sim, estou falando sério. Por quê? Já tomou uma decisão?

— Não exatamente. Apenas queria discutir mais.

— Agora?

— Sim.

Ele suspirou e recuou, sentando-se na cama. — Ok. O que você quer saber?

— Você tem certeza absoluta de que sou sua companheira?

— Quanto mais tempo passo com você, maior a certeza. É difícil não a morder. O desejo está presente e não é apenas para testá-lo. Por dentro, eu sei. *Eu sinto*.

— Estou atraída por você também.

— Diga sim então. Seja minha companheira.

— Eu teria que desistir do meu avô. Sei que seria melhor para ele desde que finalmente pode encontrar uma mulher para compartilhar sua vida, mas uma parte de mim sente como se devo pedir sua permissão primeiro. Ele desistiu de seu ninho para salvar minha vida. Evitou outros Vampiros para me manter viva nos últimos trinta e seis anos. Isso faz sentido?

Red assentiu. — Você é leal. É uma característica honrosa. Já que estamos sendo honestos, tenho medo de que ele me force a matá-lo.

Ela ficou horrorizada. — Por que você diria isso?

— Você é o ninho dele, Emma. Sua neta. Ele desistiu de tudo por você. O que estará disposto a fazer para mantê-la? Iria me odiar se eu ficasse sem escolha a não ser matá-lo para me defender.

— Ele quer que eu seja feliz, acima de tudo. Nunca faria isso. Você significa muito para mim.

— Eu significo?

Ela olhou em seus olhos. — Sim. Quer a verdade?

— Sempre.

— Eu estou lutando... mas estou me apaixonando por você. Acho que estou apaixonada, Red. Aconteceu tão rápido, mas não quero ir embora com meu avô quando ele vier por mim, porque isso significa que não o verei novamente.

Red rosnou e se lançou para frente, levando-a para cama. Sua boca estava na dela em um instante. Ela ofegou, mas o beijou de volta quando sua língua entrou em sua boca, encontrando sua paixão. Seus dedos foram para seu cabelo quando abriu as coxas, abrindo espaço para ele se aproximar. Ela rompeu o beijo.

— Não me morda. — Avisou. — Realmente quero fazer a coisa certa, perguntando ao meu avô antes de fazer isso oficial.

— Certo. Vou resistir. — Ele gemeu, indo para sua boca novamente.

Red a despiu enquanto a beijava. Ela o amava. Isso poderia muito bem ser um sim para concordar em ser sua companheira. Simplesmente não podia mordê-la até que falasse com Malachi. Ele respeitava sua necessidade de obter aprovação de seu ninho e de sua família. Porra, falou com seu tio sobre fazer Emma sua companheira.

Ele a prendeu debaixo dele e moveu a boca sobre a bochecha até a garganta. Seus gemidos o deixaram louco e seu pau endureceu ao ponto da dor. Queria entrar nela, mas também não queria apressar as coisas. Passou as mãos sobre o corpo dela, grunhindo. Ela não protestava ou parecia com medo quando ele fazia esses sons ásperos.

Ela era sua companheira. Inalou seu cheiro, sabendo. Sentia em seus malditos ossos e através de cada batida de seu coração. *Minha*. Suas presas se alongaram e ele salivou, desesperado para mordê-la, apenas para sentir um pouco do gosto do sangue dela, mas resistiu. Não haveria como voltar atrás quando furasse sua pele. O instinto iria dominá-lo, forçando-o a reivindicá-la. Por mais que quisesse, a queria feliz ainda mais. Isso significava esperar pelo momento certo. Não era agora.

Afastou a boca para ficar menos tentado a morder e ficou de joelhos. Rolou-a, agarrou seus quadris e a ajudou a ficar em suas mãos e joelhos na frente dele. Emma afastou o cabelo do rosto e o olhou sobre o ombro. Ele olhou para sua bunda deliciosa e rosnou novamente.

Ela abriu as pernas e arqueou-se, provocando-o. Pior, moveu-se um pouquinho para imitar o que seria se estivessem transando. O aroma de sua excitação encheu seu nariz. Cheirava inacreditavelmente... quente e pronta para ele. Carente. Sua pele formigou e precisou respirar fundo para evitar que o pelo brotasse.

— Não me tente a mudar parcialmente, Emma.

Ela se acalmou, arregalando os olhos. — O que isso significa?

— Meio estado. Forma humana com um pouco de pelo. Não quero assustá-la, mas você me excita muito. — Ele tentou fazer piada, para aliviar o clima e esfriar sua luxúria. — Não tente a fera a sair para brincar.

Ele esperava que ela rastejasse para longe ou talvez expressasse medo, mas não o fez.

— Mostre-me.

— O quê? — Ele não ouviu direito.

— Mostre-me, Red.

— Eu não quero assustá-la.

Ela sorriu. — Você não o fará. Mostre-me, por favor? Estou curiosa.

Ele hesitou, mas então permitiu que um pouco de pelo brotasse ao longo de seus braços, peito e corpo. Segurou seus quadris com as mãos enquanto suas garras saiam suavemente para evitar cravá-las em sua pele. Era difícil evitar que os ossos em seu rosto mudassem, mas conseguiu. Um focinho seria ruim. Não achava que ela gostaria de vê-lo com esse aspecto.

Red a observou enquanto seu olhar o percorria, novamente esperando seu medo. Em vez disso, ela sorriu, chocando-o.

— Isso é sexy. — Ela levantou a mão e a aproximou, passando os dedos levemente sobre o braço e as costas da mão. — Não exatamente coelho macio, mas quente. Eu ainda quero você.

— Porra. — Ele rosnou, aproximando-se dela e abrindo as pernas do lado de fora para alinhá-las à direita. Ela era muito mais baixa. Seu pau estava tão duro e não precisava segurá-lo para pressionar a ponta contra seu sexo molhado.

Lentamente empurrou para frente, entrando nela.

Ela gemeu e desviou o olhar, deixando cair a cabeça. — Seu pau parece ainda mais quente e mais grosso.

Sua companheira não tinha medo dele. Pura alegria e retidão o encheram quando afundou mais em sua buceta molhada e apertada. — Diga-me que você quer rápido e forte. — Ele não tinha certeza se poderia lhe dar prazer de outra maneira.

— Sim! — Ela gemeu.

Era isso. Ele segurou seus quadris um pouco mais apertado, ainda cuidadoso com suas garras e começou a empurrar profundamente e rápido, tomando-a. O instinto o levou a morder, mas se recusou a se curvar sobre suas costas e afundar suas presas em sua pele. Apenas o pensamento de provar seu sangue, o quão quente e saboroso seria e fazê-la beber o seu próprio, fez Red quase gozar.

Ele moveu a mão para baixo, virou o pulso e usou a junta para esfregar rapidamente seu clitóris. Sua buceta apertou ao redor dele, seus gemidos ficando mais alto e manteve seu controle até que ela gritou seu nome.

Fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás e quase uivou quando seu sêmen começou a jorrar dentro de sua companheira.

Queria engravidá-la. Queria selar seu vínculo. Mataria qualquer um que tentasse levá-la embora.

— Minha! — Ele rugiu.

Quando sua mente clareou, ele suavemente saiu e rolou-a para o lado. Ele a seguiu, envolvendo seu corpo ainda meio deslocado ao redor do dela. Ela se aconchegou enquanto a segurava.

— Você se sente tão bem em meus braços, Emma.

— Você é como casa para mim, Red. É como eu me sinto. — Ela passou os dedos pelos braços dele e depois apertou. Ele a soltou e se virou, de frente para ela. Acariciou seu peito, explorando-o. Segurou seu olhar quando o olhou.

— Isso não a assusta?

— Não. É uma parte de você. É o quanto você muda?

— Não.

— Posso ver?

Ficaria com medo? O pensamento dela rejeitando-o depois que o visse completamente mudado, deixava-o aterrorizado. — VampLycan não se parecem com lobos selvagens.

— Eu já vi lobisomens antes. Vovô apontou alguns para mim uma noite.

— Nós não nos parecemos com eles também. O sangue de vampiro nos torna mais humanoides, com menos pelos.

Ela estendeu a mão e acariciou sua bochecha. — Mostre-me, Red. Eu não vou surtar. Confio em você. Faça o mesmo.

Ele assentiu, esperando que não se arrependesse. — Solte-me.

Ela se afastou e ele se sentou, depois ficou nos joelhos e mãos.

— Pronta?

— Sim.

Ele fechou os olhos e mudou completamente. Seus ossos realinharam, estalando e rachando. Estremeceu internamente com os sons que seu corpo fez. Não ousou olhá-la para ver sua reação até que tudo acabasse.

Ela não se afastou. Ele podia ouvir sua respiração.

Red abriu os olhos, olhando para Emma.

Mais uma vez ela o chocou, dando-lhe um sorriso incrível.

— Isso é incrível! — Ela rastejou até ele, ficou de joelhos e suavemente segurou sua cabeça. — Seus olhos ficam completamente negros e isso faz você parecer totalmente fodão. Isto é tão legal. E orelhas pontudas! Pode movê-las?

Ele contraiu as orelhas. Ela riu, em seguida, foi para o lado dele. Emma passou as mãos por seu pelo, explorando seus ombros e costas.

— Você ainda tem muito músculo, Red. É muito mais musculoso e maior que um Lobisomem. Sinto muito. Lycan. — Ela riu novamente.

Ele virou a cabeça, observando-a. Teria sorrido se pudesse.

Em vez disso, voltou para a pele e ficou sobre ela, levando-a para baixo e rolando ao mesmo tempo para ter certeza que caísse por cima.

— Eu amo você, Emma. Obrigado por me aceitar.

Ela riu. — Eu também te amo. — Sua expressão ficou séria. — Sério, Red. Eu aceito você por quem é. Todos vocês. Mas de jeito nenhum irá mudar completamente e me foder.

Suas sobrancelhas se ergueram. — Eu não pediria.

— Isso é um alívio. — Ela sorriu novamente. — Um pouco de pelo é excitante, mas o focinho acaba com qualquer libido. Além disso, as quatro patas. Eu gosto de suas mãos em mim. Não patas com garras.

— Apenas perdi um pouco da minha pele por causa dos instintos. Quero muito acasalar. O desejo está ficando mais forte.

— Meu avô esperançosamente virá em breve.

Ele viu preocupação em seus olhos e tristeza.

— Sim. — Assegurou.

Emma se aconchegou nele. — Apenas me preocupo.

— Eu sei. — Ele passou as mãos pelas costas dela, acariciando-a. — Ele virá e tudo ficará bem. — Apenas esperava que não estivesse mentindo.

Capítulo Dez

Red acordou num salto, seus sentidos gritando que algo não estava certo. Um leve baque veio de algum lugar. Seu aperto em Emma ficou mais forte e ele rolou, prendendo-a sob ele. Levantou a mão, cobrindo sua boca enquanto seu corpo ficava rígido.

— Shh. — Ele ordenou. — Tem alguém lá em cima.

Ela se agarrou nele, mas assentiu.

— Não faça nenhum som. — Avisou. — Não se mova. — Ele rolou para longe dela, ficou de pé e soltou suas garras. Pelo brotou ao longo de seu corpo, mas manteve sua forma humana.

Um leve bater soou no metal. Sua audição aguçada conseguiu ouvir. Saiu do quarto, através da sala até a porta que levava à escada. Sua toca não seria violada, mas mataria qualquer coisa que tentasse chegar a sua Emma.

Toque. Pausa. Toque. Toque. Toque. Pausa. Toque. Pausa. Toque. Toque. Toque. Então seis rápidos.

Ele relaxou e permitiu que seu corpo se mudasse completamente para a pele. Suas garras retraíram.

— Acenderei as luzes e nos vestiremos, Emma. É Kraven. Ele está na escotilha. Algo está errado.

— O que foi?

Ele girou, acendendo as luzes para ajudá-la a ver. — Eu não sei, mas ele está no portal superior por um motivo. Apenas viria aqui em caso de emergência.

— Merda. — Ela empurrou os cobertores, expondo sua nudez e correu para suas roupas. — Não tem como ter trazido Vampiros aqui. Fui muito cuidadosa.

Red vestiu um jeans e uma camiseta. Certificou-se de que Emma estivesse quase toda vestida antes de abrir a escotilha, destrancá-la e começar a subir. Destrancou a superior.

Kraven abriu-a e encontrou seu olhar. — Sinto muito. Papai me enviou.

— O que aconteceu?

— Um telefonema veio do posto de gasolina. Era uma voz feminina desconhecida, mas ela deixou uma mensagem para Emma de seu irmão Mal.

— Porra. Qual foi a mensagem?

Kraven encolheu os ombros. — Papai não me disse, Red. Acabei de receber uma ligação. Ele me disse isso e depois pediu que imediatamente escoltasse vocês dois para a casa dele.

Red assentiu. — Nós estaremos lá.

— Você não vai me convidar para entrar? — Kraven sorriu. — Já faz um tempo desde que mostrou o lugar.

— Quer sentir o cheiro de sexo?

—Esperarei lá fora. — Kraven desapareceu.

Red desceu novamente e entrou na toca. Emma terminou de se vestir.

— Calce seus sapatos.

— O que está acontecendo?

— Não tenho certeza. Uma mulher deixou uma mensagem no posto de gasolina para você, do seu *irmão Mal*. Eu não sei que palavras foram ditas. Tio Velder nos quer em sua casa agora.

Levou apenas um minuto para calçar os sapatos. Ele saiu primeiro e trancou a escotilha no topo da escada. Saiu da colina que cobria a toca, momentaneamente cego pela luz do sol. Virou-se para ela, sabendo que teria o mesmo problema. Emma apertou o braço dele. Kraven esperava a três metros de distância.

Red a segurou enquanto começavam a andar. Ela os atrasava, mas sabia que não gostava de viajar por cima do ombro. O terreno também seria muito áspero para segurá-la em seus braços, já que precisavam escalar algumas ravinas. Ele a pegou quando cruzaram um riacho, não querendo que se molhasse. Colocou-a no outro lado.

— Meu irmão Mal. — Ela murmurou. — Isso significa que quem ligou deve ser humano.

— Por que você acha isso? — Kraven olhou para ela.

— Os humanos são os únicos que pensam que ele é meu irmão. Parece jovem demais para ser meu pai.

— Ficará bem. — Assegurou Red.

Ela apertou a mão dele com mais força. — Acho que ficarei doente. O que isso pode significar?

— Eu não sei. Ouviremos a mensagem e espero descobrir algo. Estamos quase na casa de tio Velder.

Red estava preocupado com Emma. Kraven alcançou a porta da frente primeiro e abriu-a, entrando. Ele seguiu, mantendo Emma perto. Tio Velder estava sentado no sofá com Drantos em uma cadeira à sua direita. Tia Crayla veio da cozinha com uma bandeja de refrescos.

Ele relaxou. Ela apenas se incomodaria com bebidas se a situação não estivesse tão tensa quanto temia.

— Emma, gostaria de apresentar a você meu tio Velder e tia Crayla. Ele é nosso líder de clã. — Ele a colocou na frente dele, mas envolveu um braço ao redor de sua cintura, puxando-a contra seu peito. Queria que sua família soubesse o quanto significava para ele. Não que os aromas vindo dos dois não fossem uma dica. Não tiveram tempo para tomar banho. Todo mundo saberia que o relacionamento deles estava ficando sério.

— Olá. — Emma parecia nervosa. — Prazer em conhecê-lo.

Ele esfregou o estômago através de sua camisa e inclinou a cabeça para baixo para colocar os lábios perto de sua orelha. — Eles são da família. Relaxe.

Tia Crayla bufou enquanto colocava a bandeja na mesa, em seguida se endireitou, avaliando Emma antes de encontrar o olhar dele. — Eu vejo que os homens da nossa família têm uma preferência.

Sabia o que ela implicava. Seus filhos escolheram meio humanas para acasalar. Agora ele também. Ficou tenso. Tia Crayla sorriu e sentou-se ao lado de seu companheiro, curvando-se para o lado. Red soltou um longo suspiro de alívio, levando Emma em direção ao sofá.

Tio Velder foi direto aos negócios ao se dirigir a Emma. — Uma mulher ligou do posto de gasolina para deixar uma mensagem para você. — Ele fez uma pausa. — Ela se recusou a dar o nome, mas disse para dizer a Emma que seu irmão Mal está procurando por ela e por favor entrar em contato. Desligou depois disso. Meu povo sabe de você, então quem recebeu a ligação me ligou imediatamente. Nós rastreamos a uma biblioteca na Califórnia. Isso significa alguma coisa para você?

— Nós moramos na Califórnia por um tempo. Uma de nossas vizinhas, uma mulher, trabalhava em uma biblioteca. — Ela disse o nome dela.

Tio Velder assentiu. — Essa é ela.

Red virou a cabeça, observando Emma. Parecia pálida e mordia o lábio inferior. Ela encontrou seu olhar. — Lembra-se da mulher que acabou com

o carteiro? É ela. Não sei como Linda saberia ligar aqui. Nós não falamos com ela desde que saímos da Califórnia.

— Existe alguma maneira dos vampiros soubessem que ela foi uma das doadoras de seu avô? — Ele ficou orgulhoso por usar esse termo em vez de vítimas, não querendo deixá-la irritada.

Ela balançou a cabeça. — Eu não vejo como. E saímos de lá por causa de uma matilha de Lobisomem. — Olhou ao redor. — Sinto muito. Matilha Lycan. Alguns deles foram ao meu trabalho e se interessaram por mim. Então, dois deles tentaram me seguir até em casa, mas consegui despistá-los indo a um shopping e abandonando meu carro para pegar um táxi. Vovô disse que provavelmente sentiram o cheiro dele em minhas roupas de me abraçar e talvez achassem que estava sendo alimentada. Era a hora de ir.

Kraven franziu a testa. — Como você sabia que eles eram Lycan?

— O jeito como estavam me observando e como se moviam. Ficou claro que não eram humanos e os vampiros não entram em lojas durante a luz do dia. Isso deixou Lycan. Além disso, um homem ficou farejando quando chegou perto. Grande dica. Cheguei ao shopping, liguei para vovô e ele saiu de casa. Aluguei um quarto de motel para passar a noite e depois saímos de lá em voos separados.

— Concentre-se na mensagem que esta mulher deixou no posto de gasolina. — Aconselhou tio Velder.

Emma assentiu. — Ok. Não faz sentido, contudo. Vovô sabe exatamente onde estou. Não está procurando por mim. — Ela fez uma pausa. — Espere

um minuto... nós sempre tivemos um plano de emergência se estivéssemos separados. Preciso usar seu telefone.

Tio Velder franziu a testa. — Qual era o plano?

— Sempre tivemos uma casa na qual nunca moramos. Vovô comprou quando eu era criança. Tinha um telefone e uma secretária eletrônica instalada. Era em algum lugar que ninguém poderia nos rastrear, mas poderíamos deixar mensagens na máquina um para o outro. Ele mudou o número ao longo dos anos, mas sempre me fez memorizar e o código. Essa é a única coisa que posso pensar em tentar, porque mais uma vez, ele sabe onde estou. É ainda mais confuso se o interlocutor fosse Linda. Já faz vinte e dois anos desde que a vimos.

Red desejou ter uma resposta. Ele olhou para seu tio. — O que você acha?

Tio Velder se levantou, saiu da sala em direção ao escritório e retornou momentos depois. — Mantemos alguns telefones celulares não rastreáveis. Ligue. — Ele ofereceu a Emma. — No viva-voz, por favor.

Ela aceitou. Red notou que suas mãos tremiam quando descobriu como operar o telefone e discou. Acionou o viva-voz. Eles ouviram tocar, depois uma mensagem informatizada e Emma digitou números. Ele apitou e deu-lhe opções. Uma mensagem foi deixada.

Ele viu pavor e medo atravessarem suas feições quando começou a tocar.

— *Emma.* — Disse uma voz claramente masculina. — *O Conselho foi embora e matei Eduardo. Ele nunca será um problema novamente. Assim*

que receber esta mensagem, precisa voltar para casa. Está tudo bem. Sinto sua falta, princesa. Venha para casa assim que puder. Eu te amo.

A mensagem terminou.

Red viu Emma desligar o telefone, lágrimas caindo sobre suas bochechas.

— Bem, parece que a situação acabou. — Tio Velder cruzou os braços. — Isso é bom.

Emma moveu violentamente a cabeça e mais lágrimas deslizaram pelo rosto. — Não, não é. Merda! — Ela olhou para Red. — Ele está em apuros.

— O que está errado?

— Por onde começo? — Ela colocou o telefone na mesa de café. — Ele me chamou de Emma.

— Esse é o seu nome, não é? — Perguntou Drantos.

— Sim. Nós temos palavras de código, no entanto. Usar meu nome significa que foi uma ligação forçada. Ele teria usado um de seus apelidos para mim se não estivesse sob coação.

— Ele a chamou de princesa. — Kraven apontou.

— Princesa é um código para *prisioneiro*. Ele também chamou Eduardo pelo nome dele. Se tivesse dito: *eu matei aquele idiota chato*, bem... você entendeu. — Ela enxugou as lágrimas, concentrando-se em Red. — Eles o têm em casa. Estão mantendo-o contra sua vontade e forçaram-no a fazer essa ligação. Tudo nessa mensagem significa exatamente o oposto. Está

dizendo que eles me querem e para ficar longe. E o Conselho também está lá. Caso contrário, teria se referido a eles como: *aqueles intrometidos restos de excrementos* ou algo nesse sentido. Odeia o Conselho. E disse adeus... Ele acha que vão matá-lo. Preciso fazer alguma coisa! — O pânico soou em sua voz e podia vê-lo em seus olhos.

— Estou curiosa sobre alguma coisa. — Murmurou tia Crayla. — Acredito em você... mas por que princesa significa prisioneiro?

Emma se virou para sua tia e fungou. — Vovô costumava me ler contos de fadas. Nós brincávamos que todas as princesas eram sempre prisioneiras. Parecia um tema em execução. Nunca quis ser uma princesa enquanto crescia. Isso significava estar trancada.

— Ah. Eu não sabia disso. Apenas tive meninos. Eles não estavam em contos de fadas.

Emma fungou novamente e virou-se para Red. — Preciso ir para Oregon. Não posso deixá-los o matarem!

Terror instantaneamente o atingiu. — De jeito nenhum. É isso que eles querem.

— Eles vão matá-lo! — Ela apertou a mão dele. — Vovô faria qualquer coisa para me salvar. Preciso fazer o mesmo. Poderia entrar por volta do meio dia. A maioria deles não é forte o suficiente para acordar enquanto o sol está alto. Eduardo não é, pelo menos não quando estava no ninho de vovô. Antes de fugir, ele disse que os enviados pelo Conselho eram jovens. Posso ter que lidar com quaisquer humanos que forçaram a defendê-los durante o dia, mas

sou mais rápida do que eles. Mais forte. Minhas habilidades de luta são boas o suficiente e temos armas escondidas na propriedade. Vou armada. Poderia tirar meu avô embrulhando-o em cobertores e levá-lo para garagem. Caberá no porta-malas do carro que deixei e saímos de lá. Estaríamos fora antes que acordassem e tentassem vir atrás de nós.

Red balançou a cabeça. — Não. Ele queria que você ficasse longe.

— Eu sei. — Ela implorou. — Mas como posso simplesmente deixá-lo? Ninguém vai ajudá-lo além de mim. Sou tudo o que ele tem.

— Seria suicídio se você fosse sozinha. — Tio Velder olhou para seus filhos antes de sorrir para Red. — Devemos a Malachi. Eu tenho um plano. Está pensando o que mesmo que eu Glacier? Mandy?

Um casal saiu do corredor que levava ao escritório. Red franziu a testa para o GarLycan e sua companheira. — O que eles estão fazendo aqui?

— Ouvindo a meu pedido, caso fossem necessários, uma vez que essa confusão envolve o Conselho Vampiro. — Tio Velder limpou a garganta. — Mandy, diga a ela porque está errada sobre os vampiros que o Conselho enviou, por favor.

Mandy assentiu. — Aqueles vampiros que apareceram em sua casa podem ser jovens, mas eles têm a capacidade de se mover durante o dia sob a cobertura de um prédio. Você andaria por dentro e levaria o maior choque da sua vida quando estivesse cara a cara com eles. O Conselho apenas envia assassinos... e são alimentados com sangue dos mestres para lhes dar essa habilidade.

Emma apertou-se contra Red. —Você tem certeza?

— Você poderia dizer que sou uma especialista no Conselho e como eles funcionam.

Mandy olhou para seu companheiro. Ele fez um leve movimento de cabeça. Red sabia o porquê. Glacier não queria que sua companheira admitisse que era um daqueles assassinos.

Mandy enfrentou Emma novamente. — Eu já lidei com eles antes. A verdadeira questão é, por que eles querem você, Emma? É parte humana e VampLycan, certo? Tem alguma habilidade especial?

— Não. Minha mãe era VampLycan, meu pai humano. Eu me curo mais rápido que um humano, não envelheço do jeito que eles envelhecem, tenho sentidos intensificados. Audição e olfato. Nenhuma habilidade de mudança ou traços de vampiro. Sou mais forte e mais rápida que um ser humano, mas teria minha bunda chutada em uma briga com um Vampiro ou um Lycan. — Emma moveu a mão. — Eu não tenho garras.

— Dê-me seu melhor palpite, Mandy. — Tio Velder ficou de pé, distribuindo bebidas. — Vamos ouvi-lo.

Mandy não pegou um copo. — Ela não pertence a um dos seus clãs.

— Ela pertence. — Corrigiu tio Velder. — Mas o Conselho não saberia disso. Ela também não, até que eu disse a Red que sua mãe era uma das nossas antes de deixar o Alasca com seus pais. Isso faz dela uma das minhas, já que está aqui. Eu a aceito.

Mandy assentiu. — Ok. Eles acham que ela não tem clã, então acreditam que não tem proteção e é fraca o suficiente para controlarem. — Mandy franziu o cenho para Emma, parecendo observá-la. — Ela é atraente. Duas coisas vêm à mente. Um, alguém está pensando em colocá-la para procriar para ver qual seria o resultado ou dois, planejam usá-la como isca depois daquela pequena reunião no telhado que tiveram com meu companheiro. Podem oferecê-la como uma oferta de paz se foderem tudo novamente para evitar trazer a ira dos GarLycan sobre suas bundas.

Red rosnou, enfurecido. — Eles não a tocarão.

Mandy se apertou contra seu companheiro. — Acalme-se, Red. Não fique irritado comigo por dizer isso em voz alta. Estou com você todo o caminho. Apenas são ideias sobre o por que eles se incomodaram em ajudar este idiota do Eduardo a ir atrás dela e do seu mestre. Então novamente, o Conselho pode querer que ela controle Malachi. Não sei porque. Ele tem o quê? Quatrocentos anos? Poderia ver vantagem se ele tivesse alguns milhares de anos. Sujariam as calças para conseguir o controle de um antigo e definitivamente usariam Emma para fazê-lo fazer o que querem.

Emma a olhou. — Seu mestre tinha milhares de anos de idade.

Mandy inclinou a cabeça, olhando para Emma com uma careta. — Qual era a posição dele no ninho com seu mestre?

— Ele era o segundo no comando. — Emma abaixou o olhar.

Red sentiu seu coração acelerado e o leve cheiro de medo saiu dela. Segurou-a com mais força, olhando ao redor. Todos na sala também pareceram sentir. Todos sabiam que ela estava escondendo alguma coisa.

— Emma, você precisa me dizer tudo. — Disse Mandy. — Não posso ajudá-la a descobrir algo se não o fizer. Qual era sua posição real no ninho? Ele era o historiador deles? Talvez tenha informações que querem.

Red rosnou. — Esqueça.

Tio Velder rosnou. — Cale a boca, Red. O Conselho quer algo de Malachi e precisamos descobrir o que é. Esses bastardos não fazem nada sem um motivo que geralmente significa problemas para os outros.

Ele assentiu e respirou fundo. — Confie em nós, Emma. Diga a eles.

Ela virou a cabeça e o olhou. — Eu não quero colocá-lo em apuros.

— Seu avô?

Ela acenou com a cabeça.

— Confie em nosso clã. — Implorou Red. — Por favor?

— É importante. — Insistiu Mandy. — Isso está relacionado com a guerra original de Vampiros e Lycan? Recentemente recebemos a notícia de que estavam indo atrás de um vampiro associado a ele. Sabe algo que poderia prejudicar os VampLycan?

Emma piscou as lágrimas e rompeu o contato visual com Red, voltando sua atenção para Mandy. — Vovô se tornou o segundo em comando. Fez

tudo o que pode para ganhar a confiança de seu mestre, para conseguir que Palao lhe desse muito sangue. Era a única maneira de ficar forte o suficiente para sobreviver a ele em uma briga por mais de um minuto ou dois. Meu avô o drenou quando teve a chance... e então cortou a cabeça de Palao.

— É contra a lei matar seu criador. Não era naquela época, mas é uma sentença de morte agora. — Emma respirou fundo. — Palao era um filho da puta cruel e desprezível que se deleitava ao matar e atormentar as pessoas. Seus próprios e humanos. Talvez tivesse amigos ou alguém que agora está no Conselho. Talvez simplesmente não gostem que meu avô se recuse a lidar com eles. Ele é anti-Conselho.

Mandy fez uma careta. — Posso vê-los sendo mesquinhos o suficiente para fazer isso apenas por vingança por Malachi estar no lado VampLycan da guerra. O que não entendo é como chegaram até Malachi se drenou seu mestre. Ele seria muito forte e rápido se bebesse tanto de um mestre de milhares de anos. Uma equipe de assassinos não deveria ser problema.

— Eu não sei.

A tristeza que ouviu na voz de Emma feriu Red. Estendeu a mão e pegou-a, colocando-a em seu colo. — Vamos atrás de Malachi, então?

Tio Velder assentiu. — Nós lhe devemos. Ele ajudou o bando original a escapar dos vampiros que atacaram nossas famílias Lycan. Minha mãe sobreviveu por causa dele, junto com todos os primogênitos.

— Nós avisamos o Conselho para ser mais seletivo sobre atrás de quem eles enviam seus assassinos. — Glacier encolheu os ombros. — Deveriam ter ouvido.

Mandy olhou para seu companheiro. — Essa não foi a ameaça exata.

— Você os está defendendo? — Glacier fez uma careta para ela.

— De jeito nenhum. Não sou fã deles.

Kraven limpou a garganta. — É possível que eles saibam que Malachi é o único Vampiro que permitimos entrar em nosso território? Talvez queiram transformá-lo em um assassino e usar sua neta para forçá-lo a matar.

Mandy o encarou. — Eles ficaram irritados quando os GarLycan lhes deram um aviso. Não gostam de ser lembrados que não estão no topo da cadeia alimentar. Mas a associação de Malachi é com VampLycan. Não o clã de Lorde Aveoth. — Ela franziu a testa. — Então novamente, os dois clãs trabalham juntos e estão alinhados. Talvez achem que enviará uma mensagem para Lorde Aveoth se afastar. O Conselho é tão idiota às vezes.

— Não importa quais são os motivos deles. Não podem usar Malachi se nós o tirarmos deles. — Tio Velder olhou ao redor. — VampLycan nunca esquecem uma dívida. Ele estava lá quando precisamos. Nós estaremos lá para ele agora.

Emma virou o rosto contra o peito de Red e ele sentiu suas lágrimas quentes penetrando em sua camisa. Esfregou suas costas e deu um beijo em sua cabeça.

— Eu preciso ir com eles, Red.

— Sim, você irá. — Concordou tio Velder.

Red rosnou, olhando para seu tio. — Não! Emma fica aqui, onde está segura.

— Sinto muito, mas eles a estão esperando, Red. Podem matar Malachi se nos virem em vez de Emma. Ela precisa distraí-los para nos dar tempo de cercar onde quer que Malachi esteja preso. Tenho um plano, mas ela precisa fazer parte disso.

— De jeito nenhum. — Red não permitiria que ela ficasse em perigo.

Tio Velder rosnou. — Eles a querem viva. Isso significa que deve ficar segura até que possamos controlar a situação. Vamos mandá-la e enquanto estiverem se concentrando nela, entraremos para atacar.

— Eu não estou disposto a arriscá-la. — E ele não estava. Acabou de encontrar sua companheira. De jeito nenhum a perderia.

— Porra, Red! Pense com sua cabeça em vez do seu coração. Eu não estou falando como seu tio, mas como seu líder de clã. Daremos a estes bastardos o que eles querem, e muito mais. Emma pertence ao clã. Você acha que eu a deixaria entrar em uma armadilha a menos que tivesse certeza de que poderíamos tirá-la?

A raiva de Red transbordou. Ele recusou. De jeito nenhum deixaria Emma ir nessa missão. Emma fungou e afastou o rosto do peito de Red. Seus olhos

ficaram negros e a pelos apareceram em seu rosto. Ele parecia totalmente fora de controle.

— Eu irei, Red.

— Não.

— É o meu avô. Nós temos algumas passagens secretas na casa. Eles podem se infiltrar antes que alguém saiba que não fui sozinha. Irei. — Não deixaria que ele dissesse não para ela.

— Eu não permitirei que você seja isca!

Ela se encolheu com este termo. — Não isca. Uma distração. Ouça seu tio. Ele tem razão. Eles podem matar meu avô se eu não aparecer. Precisam de mim para usar contra ele.

Red pegou-a e sentou-a no sofá ao lado dele. Levantou-se, rosnando alto, virando-se para encará-la. — Você não pode lutar contra vampiros! O que garante que eles não a matarão quando souberem que não está sozinha? Acabou de dizer que matarão Malachi se não aparecer.

Ela se recusava a se esconder e ficou de pé. — Pare de tentar me intimidar. Eu sei que você está irritado, mas ele é meu avô!

— Você é minha companheira!

— Ainda não. Eu não concordei. E não serei se me fizer escolher entre você e meu avô. Por favor, não faça isso, Red. Eu te amo... mas devo tudo a ele. Estou viva porque me salvou. Minha mãe morreu pelo mesmo motivo.

— Então deveria saber que também está disposto a morrer por você. Ele não quer que chegue perto daquela casa. Você mesma disse.

Estava certo. Ela não negou isso. — Eu sempre fui ruim em fazer tudo o que ele esperava de mim. Preciso tentar salvá-lo. Mesmo se isso virar merda e eu morrer. Não poderia viver comigo mesma se não tentasse. Por favor, entenda isso, Red. — Olhou em seus olhos e suavizou sua voz. — Eu não poderia viver com isso. — Repetiu.

Red fechou os olhos e seus ombros caíram. Então ele girou, indo em direção à porta da frente. Ela viu quando abriu a porta e saiu, batendo forte atrás dele.

— Ele vai se acalmar. — Velder suspirou. — Dê-lhe tempo.

Ela se virou para ele, recusando-se a deixar as lágrimas caírem. — Qual é o plano?

— Enviar você, deixá-los pensar que venceram e depois atacar os filhos da puta. Planos simples são sempre os melhores, na minha experiência.

Ela assentiu. — Você tem papel? Preciso desenhar a casa, o layout e onde estão as passagens secretas. Uma corre atrás da parede do porão para o telhado. Há também um túnel da propriedade ao lado que leva à adega no porão. Foi uma merda para cavar e você terá que rastejar por ele, mas vovô sempre gostou de manter nossas opções em aberto quando decidimos nos estabelecer em uma casa a longo prazo.

— Isso tornará mais fácil.

Ela olhou para Glacier. —Você é da família para Red também?

— Eu sou um GarLycan. — Ele tocou a mulher ao lado dele. — Esta é minha companheira, Mandy. Nós vivemos com os VampLycan.

— Eles fazem parte do nosso clã agora. — Informou Velder. — Parte do seu clã.

Emma tentou não olhar para o GarLycan, mas falhou.

— O quê? — Glacier sorriu levemente, levantando uma sobrancelha.

— Metade Gárgula, certo? Eu não sabia que seu tipo existia. Você me lembra um Lycan com seu tamanho e a forma como se move.

— Você deveria vê-lo mudado. Ele tem asas. — Mandy piscou para ela. — É muito legal ver, mas é assustador. Seu corpo também endurece até que sua pele se torna uma armadura. Balas saltam para longe.

Emma deixou essa informação fazer sentido. — O que você é? Quer dizer, se não se importa que pergunte. Cheira como seu companheiro.

— Você poderia dizer que tenho muito GarLycan em mim. — Mandy sorriu. — Deixe por isso mesmo.

— Ok. — Emma sabia quando parar de forçar. Seu olhar foi para a porta. — Devo ir atrás de Red?

— Não. Dê-lhe tempo para se acalmar. Ele voltará em breve. — Velder se aproximou dela. — Vamos ao meu escritório. Você pode nos informar sobre a propriedade para nos dar todas as vantagens que pudermos obter.

Estou feliz por Vampiros serem paranoicos agora, se Malachi tem um túnel de escape. Isso soa melhor do que atacá-lo do alto.

Emma o seguiu. O mesmo fez o alto GarLycan e os dois filhos de Velder. As outras mulheres ficaram na sala de estar.

Velder se sentou atrás de sua mesa e acenou a Emma para sentar em uma cadeira. Ele abriu uma gaveta e retirou o papel, passando-o para ela. Então um lápis. — Desenhe o layout da casa primeiro.

Emma ficou ocupada.

Glacier falou em seguida. — Você pode entrar do porão. Eu planejo vir do ar.

Velder se virou para Glacier, franzindo a testa. — Será de dia. Não podemos arriscar que seres humanos o vejam.

— Nós descobriremos como. Achou que eu ficaria fora dessa? Eu disse ao Conselho para ser mais exigente sobre atrás de quem eles enviavam seu pessoal. Acho que é hora de lhes dar um lembrete. VampLycan e GarLycan são aliados. Eles querem Emma. — Ele pegou seu telefone. — Aposto que alguns dos meus irmãos têm algum tempo livre. Podemos também fazer disso uma festa. Momentos divertidos.

Emoção sufocou Emma. — Obrigada. — Ela teve tempo para encontrar cada par de olhos na sala. — De verdade. Obrigada. Sempre fui eu e meu avô. Aprecio vocês me ajudando a salvá-lo. Aconteça o que acontecer quero saibam disso.

Velder assentiu. — Você é companheira de Red, mesmo que não o deixe reivindicá-la. Isso a faz família e clã.

Lágrimas encheram seus olhos, mas ela piscou, assentindo.

Capítulo Onze

Emma ficou nervosa. Red não estava ajudando, sentando-se duas fileiras acima e do outro lado do corredor na van comercial de passageiros que um Lycan chamado Graves dirigia. Seu grupo voou em alguns pequenos aviões que os deixaram em um maior aeroporto, onde embarcaram em um jato particular que os levara a Oregon. Ela estava com ossos cansados e apenas queria ficar no colo dele.

Ele manteve distância, ainda com raiva por ela ter se recusado a ficar. Nove VampLycan, além dela e o motorista Lycan, estavam viajando na van. Glacier os deixou quando o jato pousou para se encontrar com um de seus irmãos. Todos ficariam em um hotel, passariam a noite lá e atacariam ao meio-dia de amanhã.

Ela queria ir imediatamente para casa, mas o sol se pôs. Velder ordenou que fosse paciente e lembrou que seria vantajoso atacar ao meio-dia. Eduardo cairia durante o dia e os assassinos do Conselho não poderiam deixar o abrigo da casa.

— Ficará tudo bem. — Assegurou Velder, sentando-se ao lado dela.

— Red ainda está irritado. — Ela sussurrou. — Ele nem sequer olha para mim.

— Sua raiva é direcionada para mim. Você não. Ele veio, não foi? É porque é sua companheira.

Ela olhou para ele. — Obrigada novamente por fazer isso.

— Eu preferiria deixá-la para trás, exceto que temo que os Vampiros matem Malachi em retaliação se não estiver lá. Precisa se aproximar o suficiente de seu avô para que ele saiba que um ataque está prestes a acontecer. Odeio mandá-la entrar, mas nós precisamos deles focados em você. Faça um inferno de uma cena ou algo assim. Apenas os distraia. Teremos o elemento surpresa do nosso lado.

— Posso fazer isso. Espero que capture Eduardo. Tenho muito a lhe dizer e nada disso será bom. Estou com gritos guardados para ele. É a razão pela qual minha mãe está morta.

— Apenas não o encoraje a atacá-la. Nós analisamos o plano. Apenas os enrole o máximo que puder para mantê-los distraídos. — Sua voz se aprofundou. — Não corra para dentro, independentemente de suas táticas. Compreende? Aproxime-se devagar para nos dar tempo para atravessar esse túnel.

Ela assentiu. — Eu sei. Acredite em mim, eu sei.

— Quanto menos tempo você tiver com eles, menos danos podem causar.

Um grunhido soou de Red.

Emma olhou para ele. Não olhou para trás, mas era óbvio que podia ouvir a conversa deles. Ela suspirou, olhando para Velder novamente. Ele piscou.

Estava feliz por ele *parecer* se divertir. Ela não estava. Tudo o que queria era ficar perto de Red. Claro, ele veio na viagem, mas não a tocou uma vez desde que saiu da casa de seu tio. Os preparativos para a viagem foram apressados, depois foram embora uma hora depois de ter desenhado os mapas, dirigindo-se ao território VampLycan para se encontrar com pilotos humanos.

Red pairara por perto, sempre. Isso tinha que significar alguma coisa. Ele insistiu em voar no mesmo avião que ela. Sentado na frente em vez de nos fundos. Isso a irritou mais que tudo. Por que não apenas gritou com ela e resolveu?

A van parou no hotel. Velder segurou seu braço quando o motorista saia, mantendo-a em seu assento. — Deixe Graves entrar primeiro. Não queremos alertar nenhum Vampiro que estamos aqui. Ele terá certeza de que apenas os humanos estão dentro e depois vamos para nossos quartos.

— Quem é esse Graves? Ele é parte do nosso clã?

— Não. Ele é da família de alguns membros do clã e trabalha para nós às vezes. Seu alfa é meio irmão de Trayis. Ele é outro líder de clã.

— Pagarei o que quer que ele esteja pedindo para nos ajudar.

— Não precisa. — Velder a soltou e sorriu. — Graves se ofereceu para o trabalho. Nós estendemos a mão para seu irmão primeiro, para ser nosso batedor. Eles estavam juntos e não muito longe daqui de férias. Micah provavelmente já está dentro do hotel.

— Agradecerei a ambos então.

Ele riu. — Eles podem agradecer em seu lugar. Ambos adoram uma boa luta e é raro eu sair do Alasca. Não queriam perder isso.

Ela sequer pensou a respeito. — Eu sinto muito! Você está longe de sua companheira.

— Crayla sabe que isso é importante. Glacier deixou clara a posição dos GarLycan durante uma conversa com o Conselho Vampiro. Agora quero enviar pessoalmente uma mensagem minha. Você faz parte do meu clã e está sob minha proteção. Os bastardos aprenderão a não foder com um dos meus.

Um leve arrepio percorreu sua espinha com seu tom frio. Ela não tinha medo dele, mas quase sentiu pena do Conselho.

Preocupação veio a seguir. Todas as coisas que poderiam dar errado começaram a surgir em sua mente. Embora VampLycan serem muito difíceis de matar. Na maior parte, era a vida dela e do avô em risco. Não se sentiria mal se Eduardo e os vampiros com ele fossem abatidos.

— Os Lycan são duros? — Ela não queria que eles se machucassem.

— Graves é um juiz para seu alfa e outras matilhas. Ele ensinou Micah a lutar. Não me preocupo.

— O que é um juiz?

Velder abaixou a voz. — Esse é um apelido que Graves ganhou.

Ela deixou isso penetrar. Ele matou pessoas por sua matilha. Ela engoliu em seco e assentiu. — Ok.

A porta da van lateral se abriu e Graves sorriu. — Apenas humanos no hotel. Vamos. Micah já conseguiu quartos e distribuirá as chaves nos elevadores. Eles têm serviço de quarto até a meia-noite se estiverem com fome. Devem evitar o bar e o restaurante, apenas para o caso de um vampiro vagar em busca de uma refeição.

Emma permitiu que Graves a ajudasse. Ele piscou e ela abaixou a cabeça. Era um homem bonito, mas intimidante. Não estava acostumada a ficar perto de Lycan. Então, novamente, não estava acostumada a ficar de VampLycan também.

Ela se virou, vendo Red sair. Ele encontrou seu olhar brevemente, mas depois passou por ela, entrando no hotel à sua frente.

Ela suspirou, seguindo-o. Foi fácil identificar Micah. Havia uma semelhança familiar com Graves. Permitiu que os homens o cumprimentassem antes de caminhar até ele. Tinha lindos olhos e um belo sorriso. Não lhe entregou um envelope com um cartão-chave, mas apontou para Red, que já estava nos elevadores.

— Ele tem o seu.

— Obrigada. — Ela fez uma pausa. — Por ajudar e tudo mais.

Ele piscou também. Talvez fosse uma coisa Lycan. — Sem problemas. Eu a vejo amanhã. Meu irmão e eu iremos no bar para ficar de olho nas coisas. — Abaixou a voz. — Para garantir que não apareça quem não deveria estar aqui.

Ela assentiu e se virou, caminhando para Red. Ele ainda parecia irritado, mas não evitou o olhar dela. — Micah disse que você tem a minha chave.

— Nossa chave. — Ele se virou e apertou o botão do elevador.

Os outros homens estavam ao redor deles, também esperando por elevadores. Ela apertou os lábios, mas ficou surpresa ao descobrir que estavam dividindo um quarto. *Isso dever ser interessante. Ele não está conversando comigo*. Soltou um suspiro e entrou no elevador quando se abriu. Velder e um VampLycan chamado Lake foram para o quinto andar com eles. Todos saíram e ela notou que os quartos estavam na mesma área.

Seguiu Red até uma porta e ele a abriu, acenando para ela.

Entrou e acendeu as luzes. O quarto tinha duas camas Queen-Size. — Acho que não vamos dormir juntos.

Ele fechou a porta e colocou a trava interior. — Micah conseguiu quartos iguais para todos. Alguns estão compartilhando.

Ela se virou para olhar para ele. — Podemos conversar sobre o que está errado agora?

Ele estendeu a mão e passou os dedos pelo cabelo bagunçado. — Estou muito irritado.

— Não brinca. Estar de mal humor e me evitar não é a maneira de lidar com isso, no entanto.

Ele rosnou e seus olhos se estreitaram.

— O quê? Isso é o que você tem feito.

— Eu não vou brigar com você. — Ele passou por ela e caminhou até a mesa. — Aqui está o menu do serviço de quarto. Precisa comer. — Ele girou, empurrando-o para ela. — Encontre o que quer e pedirei o jantar.

Ela pegou, olhou para as opções e escolheu uma. — Precisamos resolver isso, Red.

— Eu disse que não vou brigar com você. — Ele pegou o cardápio e foi até o telefone na mesa, levantando-o. Ela usou o banheiro enquanto ele falava com alguém para fazer o pedido. Olhou para seu reflexo enquanto lavava as mãos e jogava um pouco de água no rosto. Um banho seria bom. Tirou as roupas, sem se incomodar em dizer a Red o que estava fazendo. Ele descobriria logo.

Não foi até que se secou que percebeu que não pegou sua bolsa da van. Nem sabia o que havia dentro. Não houve tempo para ir até a toca. Mandy, a companheira de Glacier, trouxe antes que fosse para os pequenos aviões. Elas eram do mesmo tamanho.

Apenas enrolou uma toalha ao redor do corpo e saiu do banheiro. Red estava sentado em uma cadeira à mesa, de braços cruzados e olhos fechados. Parecia cansado. Ela se aproximou dele.

Ele ficou tenso. Ela parou.

— Eu não vou brigar com você. — Ele murmurou.

— Certo. Eu esqueci minha bolsa.

Ele abriu os olhos e apontou para a porta. — Graves as deixou. Entrar em nossos quartos o mais rápido possível era a prioridade. Não queremos que nossos aromas permaneçam no lobby.

Ela se virou e foi até a porta. Duas malas pequenas estavam ali, do lado de dentro. Pegou a emprestada por Mandy e parou na porta do banheiro. — Este é o plano? Nenhuma conversa?

Ele rosnou baixo.

Seu temperamento explodiu e ela deixou a bolsa. — Porra, Red! Não sou especialista em relacionamentos, mas não devemos brigar quando discordamos? Casais fazem isso.

Ele lentamente se levantou. — Eu não. Vista alguma coisa. O serviço de quarto deve estar aqui a qualquer momento.

Ele a enfureceu. — Você quer que eu me vista?

— Sim.

Ela tirou a toalha, enrolando-a nas mãos e jogou-a para ele. A toalha úmida atingiu-o no peito.

Ele pareceu atordoado por uma fração de segundo antes de olhar para o corpo nu dela. Seu olhar subiu para o dela. — Que porra está fazendo?

— Eu não sei. — Ela admitiu. — Mas grite comigo. Alguma coisa. Qualquer coisa! Esse tratamento silencioso está me deixando louca.

— Vista-se, Emma. Eles tendem a trazer comida em um carrinho e empurrá-lo para o quarto. Serei amaldiçoado se deixarei algum humano olhar tanto para você. — Ele se curvou, pegou a toalha e a jogou de volta.

Ela pegou. — Nós vamos conversar quando eu o fizer. — Ela pegou a bolsa e fechou a porta do banheiro para ver o que Mandy enviou. Não havia pijamas, mas as camisetas e calças funcionavam. Alguém bateu na porta e ela perdeu um pouco mais de tempo para evitar o funcionário do hotel. O som da porta se fechando foi sua deixa.

Red estava à mesa, transferindo sua comida e bebidas do carrinho. Ela se sentou. — Quer que eu ajude?

Ele sentou-se na outra cadeira. — Coma. Então vamos dormir.

— Em camas separadas ou vai dormir comigo?

Ele flexionou a mandíbula.

Ela também. Ele era tão irritante. — Este é o nosso futuro? Farei algo que o deixará louco e será frio comigo? É uma merda, Red. Não posso fazer isso. Fale comigo. Grite comigo. Alguma coisa. Precisamos resolver isso.

Ele começou a comer.

Ela queria esfaqueá-lo com o garfo que desenrolou do guardanapo de pano, mas em vez disso comeu. Foi a refeição mais desconfortável que já teve em sua vida. Red terminou primeiro e depois fugiu para o banheiro. O chuveiro foi ligado. Parte dela ficou tentada a ir atrás dele. Deixe-o tentar ignorá-la se ela se despisse e entrasse no pequeno espaço com ele.

Razão venceu. Terminou de comer e colocou tudo no carrinho, empurrou-o para fora do quarto e trancou a porta novamente. Pegou a cama que achava que Red gostaria mais e puxou os cobertores. Ela e seu avô ficaram em muitos hotéis. Ele sempre gostou da cama mais próxima da porta em caso de ataque. VampLycan eram provavelmente da mesma forma. Tirou a calça e ficou sob os lençóis. O chuveiro desligou e pareceu uma eternidade antes de Red sair. O quarto ficou escuro quando ele apagou as luzes perto da porta, então o ouviu se movendo e a outra cama rangeu.

— Porra! — Ela se irritou. — Você não vai dormir comigo?

Red não disse nada.

— É sério?

— Durma, Emma.

— Vovô sempre me dizia para pensar antes de dizer alguma coisa quando estava chateada ou com raiva, mas sabe de uma coisa? Duvido que ele precisou lidar com alguém tão teimoso e cabeça-dura quanto você. Traga sua bunda aqui ou juro por Deus, quando isso acabar, não voltarei ao Alasca. Nunca. Eu me recuso a me tornar companheira de um homem que me evita toda vez que faço algo que ele não gosta.

Red a assustou quando seu grande corpo empurrou o dela na cama. Ele a tinha presa antes que pudesse ofegar. Sua respiração quente e mentolada tocou seu rosto, dizendo que ele escovou os dentes enquanto estava no banheiro. Ela mal conseguia distingui-lo. As cortinas sobre a janela deveriam ser blackout, já que nenhuma luz vinha da rua. Ela lutou para soltar os braços

dos lençóis e estendeu a mão, encontrando seus ombros. Seu cabelo estava molhado, sua pele um pouco fria e ainda úmida do chuveiro e ele não usava uma camisa.

— Você me queria. Aqui estou eu. — Ele disse. — Feliz?

Ela moveu as mãos para as costas dele e se agarrou, cravando os dedos, mas tomando cuidado com as unhas. — Não. Estou tudo menos isso. Sinto muito, Red. Sei que você não me quer em perigo, mas preciso tentar salvar meu avô. — As lágrimas encheram seus olhos. — Não suporto você me tratando assim.

Seu corpo rígido se soltou um pouco e ele suspirou, ajustando seu corpo sobre o dela. — Estou muito irritado.

— Eu sei.

— Você me colocou no inferno.

— O que você quer dizer? — Ela estava feliz por eles conversarem. Mesmo se rosnasse as palavras.

— Eu vou me odiar para sempre se alguma coisa acontecer com você. Espera que apenas fique para trás enquanto entra na porra da casa com um monte de sanguessugas. Meus instintos estão gritando para protege-la. Mas se me recusar a deixá-la ir, a perco mesmo assim, porque vai me deixar mesmo se sobreviver amanhã. Quem porra sabe o que eles farão? Um desses bastardos pode levá-la e transformá-la. Continuo pensando que é melhor ficar viva, mesmo que me odeie, do que se arriscar a morrer. Então penso na vida sem você para sempre. Estou no inferno, Emma.

— Sinto muito. — Ela acariciou sua pele. — Mas preciso fazer isso, Red.

Ele rosnou e enterrou o rosto em sua garganta. Seu cabelo molhado estava frio, mas ela não se importou. Ajustou seu corpo novamente, prendendo-a com mais força contra ele usando os braços e o peso. Desejou que os cobertores não estivessem entre eles.

— Eu não planejo morrer.

Ele abriu a boca e seus dentes agarraram sua garganta em advertência. Ela sentiu as presas e parou. Não a mataria, mas sabia que uma mordida doeria. Ele aliviou o aperto e colocou a boca contra a pele dela.

— Você não pode prometer isso. — Ele finalmente disse. — Meu pai nunca quis morrer também. Era um excelente lutador. Poderia lhe dar uma lista de pessoas que perdi na minha vida. Bastardos durões, todos eles mortos. Você é tão humana. Frágil.

Ela acariciou suas costas novamente. — Eles me querem viva, Red.

— Você não sabe disso com certeza. Nós presumimos. Por tudo que sabemos, o Conselho já matou Malachi e agora querem que apareça lá para acabar com qualquer ponta solta. Isso significa você.

Ela odiava admitir que ele poderia estar certo e silenciosamente deixou aquela situação horrível passar por sua cabeça. — Velder quer enviar uma mensagem ao Conselho. Ele não planeja matar esses vampiros, a menos que seja necessário. Apenas Eduardo é uma morte garantida.

— Eles são assassinos do Conselho. Morrer faz parte do trabalho deles se isso significa eliminar um alvo.

Mais uma vez, ela não podia discutir com ele. Isso fazia sentido. — Eu te amo, Red. Muito. Faria qualquer coisa por você... mas preciso tentar salvar meu avô.

— Eu sei disso, porra. — Ele se levantou e rolou para longe dela, deitando ao seu lado na cama. Não podia ir longe no colchão Queen-Size.

Ela tirou os cobertores do caminho e se virou, aconchegando-se a ele. Red levantou o braço para deixá-la se sentir confortável. Descansou a cabeça em seu peito, ouvindo seu coração batendo rapidamente. — Vamos nos concentrar no que pode dar certo em vez disso. Eu vou lá, vovô é resgatado e nós dois ficamos bem. Vou apresentá-lo a ele e dizer que planejamos ficar juntos pelo resto de nossas vidas.

Ele apertou o braço ao redor dela e puxou-a para mais perto. — Certo. Então ele vai para a minha garganta e tenta me matar.

— Ele não fará isso.

— Você é o ninho dele, Emma. Eu mataria para mantê-la. Ele também irá.

— Ele me quer feliz.

— Então não deveria ter deixado essa maldita mensagem.

Ela estremeceu ao ouvi-lo rosnar e pelas vibrações que percorreram seu corpo quando fez isso. Acariciou seu estômago e moveu os dedos para baixo. — Nenhuma roupa? Estou chocada.

Ele agarrou seu pulso com a mão livre e afastou a mão de seu pau. — Sem sexo. Você me toca assim e vou fodê-la. Então você estará fodida amanhã.

Ela franziu a testa. — Por quê?

Ele rosnou novamente. — Deveria saber o porquê. De jeito nenhum está preparada para ir contra os vampiros.

Emma pensou sobre isso. — Aromas. Esqueça. Posso chupá-lo se nós apenas nos tocarmos, mas o cheiro do sexo tende a ficar mais tempo, especialmente se não usarmos um preservativo. Entendi. Mataria a surpresa se eles descobrissem que eu estive com um VampLycan.

Ele pareceu se acalmar um pouco. — Sim. Mandy conseguiu que suas roupas fossem lavadas e usou luvas para evitar que seu cheiro as atingisse. A bolsa é uma que ela acabou de comprar. Ainda não usou. Cheira a plástico e à empresa de fabricação de onde veio. Lembre-se de esfregar seus sapatos na grama.

— Ficarei bem, Red. Sou forte e inteligente.

— Você também está com medo.

— Claro que estou. Quem não estaria? Não sou uma idiota. O medo é uma grande coisa. Isso mantém você afiado e um pouco paranoico. Precisarei dos dois quando for para dentro da casa.

Ele a abraçou um pouco mais apertado. — Morrerei se você fizer isso, Emma. É minha companheira, mesmo que não me deixe reivindicá-la ainda. Como porra devo deixá-la ir quando chegar a hora? Como não deveria perder minha cabeça e ir atrás de você? É por isso que estou frio e o que chama de mal-humorado. Estou tentando esconder essa merda. Mesmo agora, meus instintos estão gritando para acasalá-la. Isso a faria mais forte, ter meu sangue dentro de você. Mas isso também trairia o plano, já que eles saberiam que está acasalada. Estão na casa em que você morou por um tempo agora. Conhecem seu cheiro bem, já que não sabem como você é.

— Na verdade, eles sabem. — Ela passou por cima de todos os detalhes de quando os vampiros chegaram e descreveu os que viu. — Paula parecia estar no comando.

— Que porra! Apenas quero fugir com você e trancá-la na minha toca.

— Ficarei bem, Red. Tenho fé. No pior dos casos, eu luto. Não entrarei sem armas. Apenas preciso segurá-los até que você e os outros cheguem atrás de mim. Não mate meu avô acidentalmente, ok? Provavelmente, ele será o Vampiro mais próximo se tiver uma opção. Ele ficará entre mim e os outros.

— Não vou matá-lo. — Ele virou a cabeça e deu um beijo no topo de sua. — Não morra amanhã.

— Não irei. Prometo. — Ela esperava poder manter sua palavra.

Capítulo Doze

Graves chegou ao quarto de hotel no dia seguinte. Ficou no quarto, dando-lhes conselhos e continuou farejando perto dela para se certificar de que nenhum traço de VampLycan permanecesse uma vez que tomou banho. Também trouxe uma sacola de roupa recém comprada na loja de presentes no saguão. Foi um pouco embaraçoso descobrir que incluiu um sutiã e roupa íntima. Não perguntou como ele sabia seus tamanhos.

Red ficou sentado na cadeira do outro lado da sala sem dizer uma palavra. Ela encontrou seu olhar sombrio com frequência, mas não tentou provocá-lo a conversar. Era mais fácil lidar com o tratamento silencioso depois que ele explicou que era a única maneira de manter o controle de seus instintos e emoções.

No final, quando estava pronta para sair do quarto e ele se levantou, o desejo de abraçá-lo quase a dominou.

— Você não pode. — Graves declarou suavemente. — Sinto muito.

Ela olhou para ele.

— Eu não tenho uma companheira, mas sei que gostaria de abraçá-la se ela estivesse saindo pela porta para a incerteza. Você teria que tomar outro banho, eu precisaria comprar mais roupas para você e nós ficaríamos atrasados. Precisamos ir. O carro alugado está esperando. — Ele mostrou o

celular. — Meu irmão pegou as chaves, mas não entrou. Duvido que os Vamp saiam para farejar o carro, já que se queimariam, a menos que você estacionasse na garagem, o que não está no plano. Mas por precaução, cheira a humanos agora. É melhor prevenir do que remediar. Pelo que sabemos, podem ter contratado um ladino para esse trabalho. Ele poderia farejar o carro por eles.

Seu olhar voltou para Red. — Eu consigo. Sei que você virá por mim uma vez que estiver dentro. Eu te amo. Vamos contar ao vovô sobre nós e hoje à noite, poderá me morder.

Ele parecia positivamente torturado quando deu um aceno de cabeça.

Ela respirou fundo e abriu a porta, saindo para o corredor. Graves teve o cuidado de não a tocar. Pegaram o mesmo elevador até o saguão. Ele a levou até o estacionamento e ela avistou Micah. Ninguém mais do grupo estava à vista.

— Você dirige a rota discutida. Nenhuma variação. — Graves olhou para o celular novamente. — Não vá acima do limite de velocidade também. Nós chegaremos lá logo depois de você, mas observe a porra do tempo. Diminua a velocidade se for muito cedo. Chega na entrada da garagem bem ao meio do dia. Não antes.

Micah riu. — Eu chequei o relógio do painel. São vinte e um segundos mais rápidos que o meu telefone. — Ele jogou-lhe um chaveiro.

Ela pegou, notando que ele usava luvas. — Obrigada.

— Coloquei uma surpresa no porta-malas. Foi por isso que meu irmão comprou um moletom folgado. — Ele bateu no antebraço. — Correias bem aqui. Você agarra os lados dela perto do cotovelo com o dedo e o polegar, aperta os botões ao mesmo tempo e uma lâmina de trinta desliza para baixo. Certifique-se de enrolar a mão para trás. A mola é rápida e afiada o suficiente para causar danos. Procure por suas gargantas e órbitas oculares, se necessário usá-la. — Ele olhou para ela, para cima e para baixo. — Você parece totalmente humana. — Ele cheirou. — Cheira como um também. Espero que tenha algumas surpresas próprias.

— Eu sou mais rápida que um humano e mais forte. Eu o derrubaria para mostrar, mas nós estamos sendo cuidadosos com meu cheiro. Você ganharia a briga uma vez que esticasse suas garras, mas eu o derrubaria primeiro.

Ele sorriu. — Fico feliz em ouvir isso. — Afastou-se depressa. — Vá devagar. Aja sem medo de entrar em casa.

— Sem problema. — Ela estava com medo, mas os vampiros não seriam capazes de cheirar a menos que estivessem perto.

— Seja barulhenta uma vez que estiver dentro. Faça um show, mas não dê a eles a razão para machucá-la. — Graves avisou. — Tente evitar que a toque. Velder quer alguns deles vivos e seu companheiro está seriamente no limite. Ele provavelmente destruirá qualquer um que tiver o seu cheiro.

Micah deu um passo de lado. — Entre no carro, ajuste o assento e leve o seu tempo. Todos estão se reunindo na van. Chegaremos ao imóvel poucos

minutos depois que você. Coloquei um rastreador no carro apenas para ter certeza de sua localização em todos os momentos.

Ela segurou a chave. — Entendido. — Olhou para ele por um momento. — Você parece cansado.

— Eu não dormi. Mudei e fiz algumas explorações. Teria estragado tudo se não pudéssemos encontrar a entrada do túnel. Não foi perturbada. Os vampiros não descobriram ou eu notaria que foi aberta recentemente. Levarei todos para lá. Estava bem escondido. Bom trabalho.

— Vovô fez isso. Apenas o ajudei a desenterrar.

— Espero que não seja muito apertado.

— Não é. Vovô não é um vampiro pequeno. Ele tem músculos e é alto. Encaixa bem.

Graves chamou sua atenção. — Preste atenção a qualquer um que vier até você quanto mais perto você estiver da casa. Estaremos a poucos quilômetros atrás. Como eu disse, podem ter contratado Lycan desonestos. É primordial que alcance aquela casa e não seja levada para outro lugar. Micah não pode se arriscar a ficar muito perto de casa enquanto explorava, mas viu luzes. Seria um pesadelo eles trocarem de casa e tentarem pegá-la no caminho.

— Em outras palavras. — Acrescentou Micah. — Transforme este veículo em uma arma se for necessário. Não seja sequestrada. — Ele assentiu e saiu, indo para a van.

— Como você disse, tudo ficará bem. — Graves hesitou. — Eu lido com muitas situações instáveis, considerando o que faço. Apenas tente ficar calma e use sua cabeça. Não entre em pânico, mesmo que pareça que tudo está indo para o inferno. Você tem a vantagem, não importa o motivo, porque sabe que vamos aparecer. Eles não.

— Obrigada.

Ele também foi embora e ela se aproximou do veículo alugado. Era algo que não teria escolhido. Um sedan de quatro portas bege. Parecia algo que uma família conservadora escolheria. Ela entrou, ajustou o assento e os espelhos, colocou o cinto. O motor veio à vida sem problemas quando inseriu e torceu a chave.

Ela conhecia bem a área, já que ficaram na cidade perto de onde a casa estava localizada. Dirigiu em direção a suas luzes na noite. Seria uma viagem de vinte minutos e o tanque estava cheio.

— Eu posso fazer isso. — Ela sussurrou, colocando o carro em marcha ré para sair do estacionamento. — Estou indo, vovô. — Ele ficaria irritado com ela, mas pelo menos estaria vivo. Seu aperto no volante aumentou.

O trânsito não estava tão ruim quando saiu da cidade. Era parte da razão pelo qual se afastaram e subiram a montanha. As estradas eram cheias de curvas enquanto ela subia pelo caminho que escolheu. Não era o caminho normal. Seu olhar continuava indo para as árvores e áreas densamente arborizadas enquanto as casas se diluíam. Seria o lugar perfeito para um ladino Lycan correr para a estrada.

— Irei atropelá-lo. Não pararei. Não serei sequestrada. — Ela murmurou. — Sua bunda será atropelada, apenas duvido que você morra. Mas iria desejar.

Ela olhou para o relógio e diminuiu um pouco. Nenhum tráfego estava atrás dela, mas em uma curva, rapidamente olhou para baixo da montanha e viu o topo da van comercial. Red e os outros a estavam seguindo. Finalmente chegou a estrada que a levaria para casa e sabia que iriam direto. Ela pisou no freio e fez uma pequena prece.

— Ei, mamãe. Não fique com raiva de mim, por favor. Eu sei que você perdeu a sua vida salvando a minha. Não pode me culpar por arriscá-la hoje. Fique atenta por mim e vovô. Poderíamos precisar da ajuda de um anjo da guarda agora.

Ela tirou o pé do freio e olhou para o relógio. Virou à direita e na mesma rua, desacelerou novamente, observando a entrada da garagem. Vovô pensou em instalar um portão, mas não o fez. Considerava os intrusos surpreendentes lanches se alguém aparecesse para roubá-los. Até agora, ninguém jamais tentou entrar.

Isso a fez sorrir. O senso de humor de seu avô sempre a fazia rir. Ela olhou para o relógio novamente quando viu o espaço entre as árvores e a estrada asfaltada. — Aqui vamos nós. Estou no horário. Bem, um minuto adiantada, mas dirijo devagar.

Ela se virou e se foi pela estrada estreita. A casa apareceu e pisou no freio novamente. Era um dia lindo, o sol brilhando e nem um pouco nublado.

Aquilo era uma coisa boa. Nada correu para ela em quatro ou duas patas. Era uma coisa ainda melhor. Talvez o Conselho Vampiro não gostasse de trabalhar com Lycan desonestos. Estava bem com isso. O que a esperava dentro da casa seria ruim o suficiente.

O relógio no painel deu meio-dia e ela foi lentamente para frente e estacionou na calçada circular. Cerca de nove metros separavam o carro da porta da frente.

Ela respirou fundo algumas vezes, mascarou seus traços no caso deles terem descoberto como acessar as câmeras de segurança do lado de fora da casa e saiu do carro. Esticou-se, olhando para a floresta ao redor. Eles mantiveram a maior parte limpa na frente. Nenhum movimento. Por enquanto, tudo bem. Fechou a porta e caminhou até o porta-malas, como se não tivesse preocupação nenhuma.

O carro tinha um botão abrir. Ela bateu e o porta-malas abriu, revelando uma mochila e ao lado uma arma presa com velcro. Ela instintivamente foi mais perto de onde as câmaras estavam, bloqueando a vista. Levou apenas alguns segundos para ver que a arma era uma fina lâmina em um coldre, um lado revelando o corte da ponta e o outro lado sólido. Tinha dois botões ao longo dos lados perto do cabo. Empurrou para dentro da manga quando se inclinou, rapidamente colocando-a. O moletom largo a escondeu quando ela abaixou as mangas no pulso. Pegou a mochila e fechou a tampa.

A Van deve ter chegado onde deveria ficar como planejado. A única coisa desconhecida era o tempo que levariam para rastrejar através do túnel um de cada vez. Não era como se pudessem testá-lo com antecedência. Caminhou

ao redor do carro para a porta do passageiro à frente e se curvou, como se para examinar a roda dianteira. Depois, pediria desculpas a Red pelo que estava prestes a fazer. Deixou implícita que iria armada. Os Vampiros sentiriam o cheiro das armas.

Ela se levantou e se espreguiçou novamente, tentando aparentar como se apenas tivesse dirigido por um longo caminho. Até parou algumas vezes em seu caminho para a porta da frente, agachou e esfregou o meio de suas costas. Estaria dolorida se ela tivesse passado muito tempo atrás do volante.

Para tomar mais tempo fez uma caminhada até a grama, esfregou seus sapatos da forma como lhe foi dito e pegou um galho, lançando-o para os arbustos. Era hora de entrar.

Deixou a área do gramado e voltou para a passagem da varanda a frente.

Ela focou sua mente em seu vovô. — *Vovô? Pode me ouvir?*

Não houve resposta em sua cabeça.

— *Vovô, por favor, me responda.*

Ficou aterrorizada quando ele não respondeu. Teria feito se pudesse. Estava dormindo ou ferido? Ela precisava entrar.

Parou no alarme e desligou antes do sistema desbloquear as portas. Não apenas a frente, mas todas elas. Também levou um momento para reiniciar o código para um novo. Dessa forma os vampiros não poderiam ligá-lo novamente. Forçou um bocejo enquanto trabalhava rapidamente. Tinha uma câmera sobre ela, mas a lente não podia ver nada muito perto.

Ninguém empurrou a porta, embora metade esperasse. Ela virou a mão e entrou.

Seu olhar foi para a sala de estar e a escada. Ninguém esperava para pegá-la. Fechou a porta, fingiu trancar. A mochila caiu aos seus pés, então se virou para olhar para a escada e entrada na cozinha.

— Querido, cheguei! — Ela gritou. — Dirigi toda a noite. O melhor que você pode fazer é trazer a sua velha bunda até aqui e me cumprimentar!

O movimento de cima veio do canto dos olhos. Ela levantou a cabeça bem quando Paula caiu de uma das vigas que corriam pela sala de estar. Estava esperando.

— Porra! — Emma não quis, mas tropeçou para trás em surpresa e bateu a cabeça contra a porta. Não doeu, mas ficou parada.

Outro Vamp veio da cozinha. Mais dois saíram do escritório de seu avô para a esquerda. Ela olhou para cima, vendo mais três no topo da escada.

Seu olhar voltou para Paula. Não foi difícil fingir medo. Ela sentia a coisa real.

— Olá, Emma.

— Porra. — Ela repetiu. — Onde está Malachi? — Ela propositalmente usou o nome dele.

— Ele está amarrado no momento. — O vampiro chegou mais perto, a cor dos olhos ficando mais clara.

Emma abaixou o olhar para os lábios para evitar se controlada pela mente. — O que está acontecendo? Ele disse que foram embora. — Ela esperava que sua atuação fosse perfeita quando cruzou os braços protetoramente sobre o estômago, na esperança de esconder a arma presa ao braço, mais do que se preocupar com o assassinato que a estriparia. — Oh merda...você me enganou.

— Foi fácil fazê-lo. — Paula chegou mais perto e cheirou-a. — Humano... — Ela rapidamente recuou. — Eu não entendo. Eduardo!

Emma se encolheu quando a mulher gritou.

Paula a puxou para longe da porta. — Você corre e eu mato Malachi. Entende? Não tente fugir. — A vampira empurrou Emma para a sala de estar, mas a soltou.

Seu pior pesadelo saiu do escritório de seu avô. — Como você está acordado durante o dia?

Os anos não fizeram justiça à lembrança de Eduardo. Ela esqueceu mais do que achava que tinha. Ele poderia ter passado por ela na rua e não teria dado a ele mais do que um olhar cauteloso. Parecia mais jovem do que se lembrava, talvez dezenove anos, quase infantil. Não era alto ou solidamente construído também. Ele tinha talvez um metro e cinquenta e seis, talvez pesasse cerca de sessenta e três quilos. Seu cabelo era cortado baixo. Sua memória de quatro anos o fazia parecer mais malvado e maior do que a realidade.

Então seus olhares se encontraram e ela o reconheceu pelo puro ódio.

Ele zombou dela. — Eu bebi sangue de amigos. — Eduardo voltou sua atenção para Paula. — Por que você está irritada? Nós a temos. Eu disse que ela viria.

— Você também disse que ela era VampLycan. Não cheira como um. — Paula se lançou, movendo-se rapidamente e agarrando-o. Levantou-o alguns centímetros e mostrou as presas sibilando. — Ela é a humana que aquece sua cama. Eu a conheci quando viemos pela primeira vez.

Eduardo lutou até que a mulher o soltou depois encarou Emma. — Ela parece exatamente com aquela cadela malvada. É parente. Eu não me importo como ela cheira.

Paula se virou para Emma, observando-a atentamente. — Você é VampLycan?

Red e o grupo deveria ter alcançado os túneis. Ela esperava que sim, de qualquer maneira. Era hora de manter atenção da vampira. — Eu não respondo a nada até ver Malachi. — Então ela olhou para Eduardo e começou a gritar. — Você o matou? É um imbecil. Faça um favor ao mundo e morra seu bebê chorão! Oh, pobre de você, seu mestre o deixou. Quem porra não o faria? Eu sei tudo. Você o traiu depois que ele salvou sua vida. Não é nada além de uma buceta!

Ele rugiu de raiva e voou para ela. Os outros vampiros se adiantaram, dois deles agarrando-o. Não permitiram que chegasse até ela. Isso encorajou Emma.

— Você chama Kallie de cadela malvada? Há! Você é um traidor. E contou ao Conselho como arriscou expor os vampiros matando pelo menos vinte humanos naquela comunidade? Aposto que não. Porque matariam sua bunda estúpida ao invés de ajudá-lo a rastrear um mestre que não o quer! Você é tão patético.

Uma mão aberta bateu contra o peito dela e fez Emma voar para trás, caindo no sofá. Doeu. Ela rolou com a dor e pulou sobre o sofá, agarrando a primeira coisa que sua mão pode alcançar. Era uma estátua de cavalo que comprou na Espanha.

Podia ser substituída.

Ela jogou na cabeça de Paula, já que foi ela quem bateu nela.

— O quê? — Ela continuou gritando, pegando outra estátua. — Você não quer que todo mundo ouça o que Eduardo fez no passado? Existem regras que Vampiros devem seguir. Esse babaca as rompeu. Por que está aqui mesmo em vez de transforma-lo em cinzas? — Ela jogou a estátua em um vampiro macho que deu um passo em direção a ela, então correu para a lareira. Nenhuma das estátuas atingiu os alvos, mas faziam muito barulho quando caiam no chão, quebrando enquanto os vampiros se esquivavam delas.

Ela pegou o atiçador e pá, balançando-os. Não foi um acidente quando bateu algumas coisas no suporte da lareira e elas desabaram ao lado. Olhou para Paula. — Você quer saber o que sou? Onde porra está Malachi? Responda-me e eu lhe direi.

Os olhos de Paula se iluminaram e Emma jogou o atiçador nela. A Vamp se moveu alguns centímetros e bateu na mesa de vidro atrás dela, quebrando-a.

Emma gritou novamente. — Malachi? Onde você está?

— Chega! — Paula se aproximou.

Emma jogou a pá, batendo no espelho sobre a lareira. Ele se despedaçou. Ela usou toda a velocidade que tinha para evitar a Vamp enfurecido e tirou seu corpo do caminho. Bateu com força no chão, rolou sob a mesa lateral que usavam para separar parte da sala de estar da passarela para a cozinha e subiu do outro lado. Não pararia um Vamp, mais a cadela teria que saltar sobre ela.

Emma chegou ao corredor da cozinha e pegou o armário de vidro que guardava a porcelana. Moeu os dedos atrás da pesada peça de mobília empurrou com toda sua força. Caiu, quase sobre Paula. Ela correu para a cozinha até a despensa, abriu a porta e pegou umas das espadas de seu avô. Ninguém a tirou do lugar. Os vampiros provavelmente não procuraram onde a comida humana estava armazenada.

Ela virou para à direita quando três vampiros entraram, Paula liderando. Emma saltou para cima, pousando no balcão e se agachou um pouco, a espada na frente. — Onde está Malachi? Se você o matou arrancarei suas malditas cabeças.

Paula pareceu chocada. — Você não é humana.

— Nada de merda, vadia. O que fez com meu mestre?

— Você também não é um Vampiro.

— Dois por dois. — Emma gritou. — Ele está vivo? — Ela se levantou quando mais vampiros entraram na cozinha depois de arrastarem o armário quebrado para fora do corredor. Sete deles a encararam no balcão. — Responda-me porra. Onde está? O que você fez com ele?

Eduardo entrou na cozinha, pisando no vidro quebrado. — Eu disse que ela era VampLycan. Não menti.

— Você mente sobre tudo, idiota. — Emma apertou as duas mãos no punho da espada. — Por que não vem para mim agora, seu covarde? Direi onde está a outra espada para ter uma luta justa. Quero tanto matá-lo. Você matou minha mãe! Arrancarei a porra da sua cabeça! Eu a enfiarei em seu próprio rabo, mas iria gostar.

Mais dois vampiros entraram. Emma silenciosamente pensou quantos mais havia e se seu vovô ainda estava vivo. Se não estivesse, todos morreriam. Ela não se importava com o que Velder queria. Eles pagariam por matá-lo.

Por agora, tinha sua atenção. Isso é tudo o que importava no momento.

Saltou do balcão para longe deles e balançou sua lâmina, jogando tudo no chão. Mais vidro quebrado e a máquina de café caiu. — Você o matou?

— Abaixa a espada. Não vamos matá-lo. — Paula sibilou. — Eu sou do Conselho e isso é uma porra de uma ordem, Emma.

— Eles não são do Conselho. — Ela balançou a espada novamente, desta vez derrubando as canecas que pendiam dos ganchos fofos que comprou na

internet. Era uma coisa boa que soubesse que nunca ficariam na casa novamente. A bagunça que estava fazendo levaria uma eternidade para limpar. — Onde. Está. Mal?

— Ele está bem. Apenas contido. — Paula deu um passo mais perto. — Solte a espada. — Seus olhos se iluminaram.

Emma olhou para os lábios dela. — Acha o quê? A sua voz não faz merda comigo e não sou estúpida o suficiente para permitir que olhe para meus olhos. Foda-se você. Eu quero vê-lo. Onde está? Não direi merda nenhuma ou farei qualquer coisa que quiser a menos que possa provar que ele está vivo.

— Ele está em seu escritório.

— No cofre, para ser mais preciso. — Eduardo riu.

Horror percorreu Emma. — O pequeno na parede? Você fechou-o?

Ela gritou e se lançou para Eduardo.

Ele tentou se esquivar, mas não pareceu entender que ela poderia se mover mais rápido do que esperava. Parte da lâmina cortou seu braço e ele rugiu. Três vampiros saltaram em sua direção e a espada foi arrancada de suas mãos. Ela bateu na parede com força suficiente para que parte dela cedesse. A parede de gesso cravou em sua pele. Ela gritou e lutou.

Eles não esperavam isso e tentaram segurá-la melhor. Soltou as pernas e acabou de bunda. Isso afrouxou suas pegadas e se contorceu, movendo as pernas e foi para lâmina que Micah entregou a ela. Lembrou-se de girar o pulso para trás a tempo de evitar que a lâmina cortasse as palmas das mãos.

Ela empurrou para cima, prendendo um dos bastardos na virilha. Seu grito foi penetrante.

A cozinha não era grande. Ela ficou abaixo no chão, cortando-os quando tentavam agarra-la e mais aparecia para ajudar. Eles tropeçavam um sobre o outro e caíam. Ela se apoiou contra o chão saltou para cima, pousando no balcão, logo foi puxada de lado.

— Não a matem! — Paula gritou.

Emma não teve tempo prestar atenção, bateu forte no chão com alguns bundões sobre ela. Seu braço com a arma ao lado de sua cabeça.

Ela evitou os olhos e usou a mão livre para acertar a virilha. Atingiu forte.

Ele gritou de dor e soltou o braço dela com a lâmina para tentar tirar a mão de suas bolas. Foi um erro e ela enfiou a lâmina na garganta dele. Ele jogou seu corpo nela. Ela se arrastou para o canto e se abaixou.

Mais Vamp apareceram, até ficou presa como um inseto na parede. Eles seguraram os braços para os lados. Seu corpo estava esmagado, havia tantas mãos.

Paula aproximou-se o suficiente para segurar seu queixo.

— Olha para mim.

Emma fechou os fechados. — Foda-se você!

Um rugido ecoou na cozinha... em seguida, todo o inferno realmente se rompeu.

Algo quebrou a janela mais próxima dela e Emma conseguiu virar a cabeça quando Paula soltou sua mandíbula. Abriu os olhos, vendo a sombra e um buraco do tamanho de um corpo agora aberto onde o vidro costumava estar. Alguém gritou. Provavelmente o Vamp que foi jogado pelo buraco e agora estava queimando ao sol.

Havia uma queda de vinte e poucos metros naquele lado para a área do porão e não havia sombra.

A cavalaria chegou. Vampiros a deixaram ir quando se viraram para lutar, mas foram agarrados e imobilizados por VampLycan enfurecidos.

Red chegou a ela primeiro. Ele a ergueu, abraçando-a com tanta força que teve certeza que ele quebrou algumas costelas, se já não estivessem quebradas. Ela explodiu em soluços.

— Eu tenho você, baby. Onde está ferida? O que aqueles bastardos fizeram com você?

Ela se lembrou da lâmina e se esforçou para não o esfaquear enquanto se agarrava a ele. — Eles mataram o vovô!

— Deus. Ficará tudo bem, baby. Eu tenho você.

Seus soluços pioraram. Ela estava segura... mas não foi capaz de resgatar seu avô.

Capítulo Treze

Os vampiros foram subjugados. Havia quatorze ao todo. Parece que Graves tinha algemas industriais e algumas correntes pontiagudas. Eles foram amarrados e empurrados de joelhos. A equipe de resgate arrastou todos para a sala e empurrou os móveis para mantê-los todos juntos.

Emma tomou a água que Red lhe entregou. Ela chorou enquanto limparam a casa e capturavam todos os Vampiros lá dentro. Não era como se os vampiros pudessem correr para o sol. Graves e Micah protegeram o túnel assim que entraram na casa. Ninguém passou por eles.

Ela olhou para Eduardo.

— Ele é meu. — Ela fixou o olhar em Velder. — Quero sua cabeça. Ele matou minha mãe. Mas todos morrem desde que mataram meu avô. Nenhum deles viverá. Faça o que precisa, então é meu direito transformar em cinzas esses bastardos.

— Mestre Malachi não está morto. — Afirmou Paula claramente. Ela tentou se levantar.

Lake a empurrou de volta. — Fique abaixada. — Ele disse.

Emma saiu do aperto de Red. — Onde você o levou então? A casa foi revirada e esse idiota. — Ela apontou para Eduardo. — Disse que você colocou

meu avô em seu escritório na caixa de segurança. São trinta centímetros por vinte e cinco.

— Encontramos a caixa no andar de cima em um closet, trouxemos para baixo e o colocamos dentro. — Paula suspirou. — O mestre ficará bem quando receber sangue. Estava sendo muito difícil controlá-lo. Tivemos que colocá-lo para dormir.

— Oh meu Deus! — Emma estava feliz por Red estar perto enquanto seus joelhos quase se dobraram. Ele a pegou e segurou-a contra sua frente. — Seus idiotas o sufocaram? Quando? Há quanto tempo está lá? — Ela tentou sair do aperto de Red e se apressar para encontrar seu avô, mas ele colocou os braços ao redor dela.

— Ainda não. — Ele sussurrou. — Nós vamos pegá-lo.

Paula voltou sua atenção para Velder. — Você parece ser o único responsável. Estou aqui em nome do Conselho dos Vampiros. Mestre Malachi e sua neta foram acusados de crimes. Estamos aqui para capturar e levar os dois para serem julgados.

— Isso é uma mentira. Quem disse que nós rompemos as leis? O idiota? — Emma queria torcer o pescoço de Eduardo e arrancá-lo de seu corpo. — Ele é um mentiroso.

Velder rosnou baixo e balançou a cabeça para ela. — Silêncio, Emma. Vamos ouvir o que eles têm a dizer. Estou mais do que curioso. — Ele a olhou e sorriu. Logo, em um instante ele se virou para olhar os vampiros. — Seu nome?

— Paula. Esses são os membros do meu ninho que você mantém em cativeiro.

— Incluindo Eduardo? Ele se juntou ao seu pequeno time de assassinos?

Surpresa apareceu no rosto de Paula, mas ela se recuperou rapidamente. — Não.

— Estou ciente do que você faz pelo seu Conselho e suas equipes não fazem parte de nenhum ninho. — Velder sentou-se em uma cadeira e ficou confortável. — Qual é a verdadeira razão pela qual você veio atrás deles, Paula? Não brinque comigo. Suas vidas estão em minhas mãos.

Paula abaixou a cabeça e tentou parecer submissa. Emma não acreditou, a julgar pelo corpo tenso. Apostaria que a Vampiro fervia e escondia seus olhos para ninguém ver suas verdadeiras emoções.

— Mestre Malachi abandonou seu ninho e os deixou no caos. Isso é contra nossas leis. Ele escolheu Emma sobre o seu ninho também. O sangue vem em primeiro lugar. Ela não é filha dele.

— Entendo. Emma é sangue dele, verdade? Ela vem primeiro. Qual é o crime dela, de acordo com o seu Conselho?

— Ele abandonou seu ninho e abrigou uma criança que não deveria ter nascido. — Sua cabeça se levantou, seu rosto uma máscara sem emoção. — É contra suas próprias leis VampLycan se reproduzirem sem permissão. — Um sorriso frio se formou em seus lábios. — Estávamos tentando conter a situação e honrá-lo, prendendo-a. O Conselho teria o contatado para informá-lo de sua existência.

Velder inclinou a cabeça para trás e riu. — Aposto que sim.

O sorriso de Paula desapareceu e seus olhos se estreitaram.

Velder parou de rir e se inclinou para frente, colocando as mãos nas coxas. Quando ele falou, sua voz estava cheia de irritação. — Essa é boa.

— Não entendo.

— Adorei sua explicação. Você quer dizer que eles a usariam para se armarem de alguma forma contra nós se você fosse capaz de levar Emma para eles. Kallie, a mãe de Emma, fazia parte do meu clã. — Ele se levantou. — Acho que preciso me apresentar. Sou Velder, líder do clã. — Ele deu um passo ameaçador em direção a Paula. — Meu clã não precisa de permissão para se reproduzir. Vocês Vampiros que não podem tocar em um Lycan sem aprovação, já que não pode confiar que é consensual. Emma é uma das minhas... e você admitiu vir atrás dela. O Conselho está declarando guerra aos VampLycan?

Glacier se adiantou. — Isso também significaria os GarLycan. — Glacier assentiu para outro homem que se parecia com ele. Deveria ser o irmão dele, já que era a primeira vez que o via. — Nós apoiamos os VampLycan em tudo. Vai contra um clã e receberá os dois.

Sua pele começou a mudar de cor e Emma apertou com força sua boca. Ambos os irmãos transformaram sua pele em uma espécie de armadura cinza. Era interessante, mas assustador também. Sua atenção foi para Paula para ver sua reação.

O rosto já pálido de Paula ficou ainda mais branco. Ela balançou a cabeça. — O Conselho não quer uma guerra. Era apenas um trabalho. Os clãs ficam juntos. Emma parecia desonesta para nós. Estávamos certos que os VampLycan não sabiam de sua existência.

— Você e eles estavam errados. — Velder fez sinal para os irmãos GarLycan. — Guerra é o que eles quase começaram enviando você para cá. Diga ao seu Conselho que Emma pertence a nós. Quanto a Malachi, ele pode ser um vampiro, mas também é considerado meu.

— Você não tem direito!

Velder rosnou. — Eu não tenho direito? Sou metade vampiro. Você está me dizendo que não podemos reivindicar laços de família com nossos mestres? — Ele deixou suas garras saírem pelas pontas dos dedos. — Nós existimos porque os vampiros se reproduziram. Bem, dê uma boa olhada.

Um dos VampLycan tirou as roupas e mudou de posição até ficar de quatro. Ele rosnou para os vampiros e permitiu que olhassem de perto seu corpo. Emma olhou para os vampiros, eles pareciam aterrorizados.

— Aposto que se pudessem molhar a calça, o fariam agora. — Ela sussurrou.

Velder a olhou firme. Ela decidiu não fazer mais comentários. Red beijou o alto de sua cabeça.

— Acho que eles entenderam o ponto. — Velder acenou para o homem. — Obrigado, Jarred. Você pode vestir suas roupas. — Ele caminhou até Paula e se agachou, deixando apenas alguns metros entre eles. — Você quer escolher

um membro da equipe para enfrentar um dos meus VampLycan para descobrir se lutam melhor que nós? Verá um dos seus ficarem esgotados. Nós não brincamos. Malachi é um dos meus. Ele foi pai de VampLycan e ao contrário da maioria de sua espécie, não forçou a Lycan que deu à luz seus filhos. Ele pertence ao clã. VampLycan não precisa de permissão para se reproduzir. Emma é filha de um. Você não tem o direito de tentar capturar qualquer um de nossa espécie. Diga isso ao seu maldito Conselho.

Paula abaixou a cabeça. — Nós estávamos apenas tentando oferecer justiça ao passado. Não sabia da disposição de seu criador. Mas o Mestre Malachi ainda abandonou seu ninho. Não deveria ter formado um se não planejava governá-los. Meu Conselho quer que ele seja julgado por isso.

Emma se sentiu frustrada. Era besteira. Queria dizer isso, mas Red a apertou. Olhou para ele e lhe deu um breve aceno de cabeça. — Confie em nós. — Ele murmurou. Ela confiava. Mas não disse nada.

Velder abaixou a mão para o chão, com as garras para fora e apoiou-as a centímetros de onde Paula estava sentada. — Você quer dizer o ninho que desobedeceu às ordens de Malachi e matou quatro dos meus VampLycan? Quatro do meu clã? Aquele ninho? — As palavras foram ditas com calma mortal e num tom arrepiante. — O mesmo ninho que tentou matar uma criança do meu clã, forçando Malachi a fugir para evitar que ela fosse massacrada? Aquela merda de ninho?

Paula moveu seu corpo e abaixou mais a cabeça. — Isso não foi o que nos disseram.

O irmão de Glacier bufou. — Novamente? É como sua desculpa número um. Alguns sanguessugas mentem e você não se incomoda em checar antes de enviar assassinos atrás da pessoa errada? Malditos idiotas.

Velder virou a cabeça para o homem. — Tempest, eu cuido disso.

O GarLycan levantou as mãos. — Sinto muito. Minha culpa. É apenas frustrante. No entanto, estou me voluntariando se quiser que demonstre o movimento de liquidificador GarLycan. Minhas asas podem rasgar os Vampiros como uma lâmina através de um papel. Fico muito irritado quando eles fazem essa merda. Aprendam, idiotas.

Velder riu. — Eu entendo, mas nenhuma demonstração será necessária.

— Vê por que o chamamos de Pest? — Glacier murmurou.

Velder levantou-se. — Paula, você e seus companheiros assassinos tem ordens para ficarem parados. Eu obedeceria se fosse você. Não é como se tivesse para onde ir. Espero por seu bem que Malachi esteja inteiro e possa ser revivido. Suas vidas dependem disso. — Ele recuou. — Exceto Eduardo.

O idiota gemeu.

— Ele é nosso. — Paula levantou a cabeça.

— Emma, venha para frente.

Red soltou-a. Ela caminhou até o lado de Velder. Ele estendeu a mão para colocá-la em seu ombro e impediu que chegasse mais perto dos Vampiros. — Você consegue identificar quem a atacou quando criança? Aquele que assassinou sua mãe e nossos outros vampiros?

Ela ficou mais do que feliz em apontar Eduardo. — Este imbecil.

— Sua puta. — Eduardo disse. — Sua mãe chorou enquanto nós a sangramos! Ela tinha gosto de merda!

Emma ficou irritada e tentou ir atrás dele. Velder passou o braço por sua cintura e a empurrou para trás. Os braços de Red a abraçaram por trás e ele a levantou. Velder segurou o rosto dela com as duas mãos. Ela se acalmou quando ele se inclinou, mantendo o olhar fixo.

— A vida dele é sua para tirar. Vamos buscar Malachi primeiro e ver o quão doloroso você consegue fazer isso. A justiça é sua.

Lágrimas a cegaram e ela assentiu.

Velder se afastou e olhou para os homens com ele. — GarLycan, se vocês puderem fazer companhia à equipe de assassinos, eu agradeceria. Tempest, se eles tentarem atacar, mostre o seu liquidificador. Apenas espere eu voltar antes. Admito que estou morbidamente curioso.

Red colocou Emma de pé e soltou-a, ela correu em direção ao escritório de seu avô. Foi destruído. Todos os livros nas prateleiras estavam no chão como se os Vampiros estivessem procurando por algo. Alguns dos móveis foram quebrados e esmagados. Sangue manchava o tapete em alguns lugares. Parecia que uma briga aconteceu e sabia que seu avô estava envolvido.

O grande cofre estava em um canto, manchado de sangue seco. Ela correu para frente e ficou de joelhos, tentando acalmar sua mente o suficiente para lembrar a combinação.

— Você sabe abri-lo? — Red se agachou ao lado dela.

— Sim. Vovô mantém nossos papéis e alguns dos meus projetos artísticos de infância. — As lágrimas a cegavam e ela as enxugou. Precisou usar a unha para tirar um pouco do sangue com crosta para ler os números. Foi um erro inalar pelo nariz.

— É o sangue de vovô. — Sentia-se mal por saber que ele sofreu. Não era um grande cofre. Era apertado ali dentro. Teria sufocado rapidamente preso e perdido a consciência, seu corpo faminto de ar.

A fechadura clicou e ela abriu a pesada porta. Um gemido saiu dela à vista. Ele estava lá, com a roupa coberta de sangue seco e a pele que ela podia ver tinha uma cor escura, um tom medonho de azul acinzentado. O cheiro de sangue em decomposição a fez vomitar.

Red segurou-a pela cintura e puxou os dois para ficar de pé. Ele recuou e ela viu como Velder e dois outros VampLycan se aproximavam e puxavam seu avô.

— Porra. — Lake murmurou. — Seu corpo não está mostrando sinais de rigor mortis, mas todo o sangue em seu jeans e suéter está duro.

— Tenha cuidado com o pescoço. — Sussurrou Velder. — Eles realmente o embalaram. Jarred, tente movê-lo um pouco para baixo para deixar sua cabeça livre.

Emma mordeu o lábio, grata por eles tirarem seu avô daquele lugar. — Ele precisa de sangue.

— Não o seu.

Ela olhou para Red. — Eu sou sua neta.

— E você é pequena. Posso oferecer uma veia.

Ela não se importava com quem alimentasse seu avô, contanto que acordasse bem. Os homens recuaram e o colocaram no chão em frente ao cofre. Sua roupa fazia sons doentios enquanto tentavam endireitar seu corpo para colocá-lo de costas. Ela tentou se aproximar, mas Red não permitiu.

Ele a abraçou com mais força. — Fique aqui comigo. Eles vão ajudá-lo.

Emma lutou, mas Red era forte demais. — Eu preciso fazer isso! Vovô está fora. O cheiro de sangue fresco deveria fazê-lo mostrar as presas. Preciso colocar um saco na boca dele.

Velder virou a cabeça e segurou seu olhar. — Quanto sangue ele precisará para se recuperar completamente?

— Eu não sei. Isso nunca aconteceu. Nós apenas conversamos a respeito. Ele disse que um litro de sangue iria despertá-lo e deveria ser suficiente para limpar sua cabeça e se certificar que não faça nada estúpido. Sempre poderia ir atrás de um doador depois disso.

— O que ele normalmente consome? Quantos?

— Alguns litros por semana ao todo. Ele não precisa se alimentar todas as noites. Mas apenas quando não está tão ferido. — O olhar dela foi para o rosto do seu avô e instantaneamente se arrependeu. Seu avô parecia morto e horrível. Nada como seu eu normal. Seu cabelo loiro parecia ainda mais branco comparado a sua pele agora escura.

Velder suspirou, inclinando-se sobre seu avô e bloqueando sua visão. — Ficará tudo bem. Todos os Vampiros oferecerão sangue. Exceto você, Emma. Já está ferida.

Graves avançou. — Um litro de cada um de vocês três deve ser suficiente. Se não, ofereço meu sangue também.

Emma assentiu. — Três litros o curaram depois que ele recebeu sete tiros.

Todos se viraram para olhá-la.

— O quê?

— Quem atirou nele sete vezes? E porque?

Ela olhou para Red. — Eu disse que meu avô gosta de ser herói. Houve um tiroteio enquanto estava caminhando. Ele cobriu os humanos em perigo e recebeu as balas.

— Ele é um maldito santo. — Red suspirou e revirou os olhos.

Emma deu um soco leve nele. — Pela última vez, ele não é ruim.

— Entendi. Espero que não queira me matar quando dissermos que você é minha companheira.

— Emma? — Velder se virou. — Suas presas não saíram.

— Corte um dedo e esfregue um pouco de sangue sob seu nariz. Deve funcionar.

Velder se inclinou sobre seu avô mais uma vez. — Certo. Elas saíram. E agora? Apenas empurro meu braço em suas presas?

— E tente acertar uma veia.

— Entendi. — Velder fez uma pausa e depois assobiou. — Isso dói. Presas estão dentro. Ele não está se movendo.

Emma foi educada bem por seu avô. — Dê um minuto. Suas presas vão tirar sangue automaticamente e uma vez que atingir seu sistema, tenha cuidado. Ele pode lutar.

Mais VampLycan se aproximaram e se agacharam, prontos para atacar, se necessário.

Emma tentou se aproximar, mas Red continuou segurando-a. — Eles não vão machucá-lo. Sabemos como são os Vampiros famintos ou gravemente feridos. Confie em nós, Emma.

Eles eram do clã. Ela precisava se acostumar com esse conceito. Era difícil e demorava um pouco.

— Eu sei que tem sido apenas vocês dois, mas não mais. — Red disse em seu ouvido.

A perna de seu avô tremeu e um rosnado baixo veio dele.

— Segure-o. — Exigiu Velder. — Malachi, olhe para mim. — Ele aprofundou sua voz. — É Velder. Pare de lutar. Esse é o meu braço na sua boca. Beba, velho amigo. VampLycan estão o segurando. É seguro. Nós cuidaremos de você.

Emma não podia ver seu avô com tantos corpos grandes no caminho. A perna dele parou de se mover e ele ficou imóvel.

— É isso. — O tom de Velder suavizou. — Os Vampiros que fizeram isso com você estão presos e contidos. Emma está aqui e segura. Apenas beba. Não, pode pegar mais. Não estou me sentindo tonto.

— Não quero enfraquecê-lo.

Emma sentiu lágrimas escorrendo pelo rosto ao ouvir a voz de seu avô, mesmo que parecesse fraca e rouca.

— Tome o quanto precisar de nós. Este é Lake. Morda o braço dele. Você parece uma merda, Malachi. Temos muitos doadores dispostos a tê-lo de volta ao seu antigo eu. — Velder virou a cabeça e sorriu para Emma, assentindo. — Ele está intacto. Tem todos os dedos das mãos e dos pés.

Jarred riu. — Ele parece uma Gárgula com casca, apenas com um pouco de azul.

— Suas presas funcionam bem, Emma. — Lake se moveu um pouco para sorrir para ela. — Ele está bebendo como um campeão.

Velder ficou de pé. — Red, por que você não leva Emma para fora daqui. Talvez para uma caminhada lá fora. Eu não iria querer que minha neta me visse nessa condição. Nós vamos dar-lhe um banho depois que ele se alimentar o suficiente para curar completamente.

— Eu quero ficar. — Protestou Emma.

Velder encontrou seu olhar. — Não é um pedido.

Red a puxou para fora do escritório. Ela não lutou, indo com ele de bom grado. Levou-a pela porta da frente e para o sol. — Malachi ficará bem. Os homens têm orgulho, Emma. Deixe Malachi se limpar e então você pode falar com ele.

Ela se virou e colocou os braços ao redor de sua cintura. — Apenas me segure.

— Para sempre. — Ele a abraçou com força. — Você está ferida. Não pense que esqueci disso. Posso sentir o seu sangue. Quão ruim é? Eu fui muito paciente desde que você não desmaiou ou queixou-se de estar com dor.

— Eu não tenho certeza. — Ela admitiu. — Nada muito sério. Alguns hematomas, cortes e talvez algumas costelas quebradas. Posso me curar rápido.

Ele rosnou, a acariciando. — Você deveria tomar um pouco do meu sangue.

— Vou esperar até nos casarmos oficialmente. Estou bem.

— Você precisa de um banho. Aqueles vampiros a tocaram.

— Meu quarto fica no andar de cima. Eu tenho um banheiro lá.

— Vamos.

— Velder disse para ficar do lado de fora.

— Meu tio pode superar isso quando eu disser a ele porque entramos. Quero verificar você por mim mesmo e ver se algum desses filhos da puta precisam morrer. Tem certeza de que não está seriamente ferida?

— Passei por coisas piores em um treinamento. Os vampiros estavam tentando me capturar. Não me machuquei.

Ele rosnou.

Ela apenas sorriu e disse. — Estou bem, Red.

— É melhor estar.

Ele se virou, olhando para casa. — Tem outra forma de entrar? Não a quero perto desses bastardos.

— Nós poderíamos ir pelo lado da casa e usar a escada dos fundos perto do vestíbulo.

— Mostre-me.

Ela abaixou os braços. Red segurou a mão dela, entrelaçando os dedos. Ela sorriu, caminhando para a casa. Seu olhar se ergueu para o céu azul claro. *Obrigada por cuidar de nós, mamãe.*

Capítulo Catorze

Red odiava tudo sobre a casa. Emma disse que era grande. Cabia ali toda sua cabana e ainda sobrariam quatro mil metros quadrados. Era uma mansão enorme. O quarto dela era maior que sua sala de estar e cozinha juntos, o banheiro era do tamanho de seu quarto. Não apenas tinha uma enorme banheira de hidromassagem, mas um chuveiro no qual poderiam dar uma festa.

Tudo o deprimia. Como ela poderia desistir de tudo isso para ser feliz com ele no Alasca?

Ele a observava através do vidro claro, verificando cada contusão, corte e arranhão em sua pele. Queria bater em alguns vampiros lá embaixo por fazerem isso. Ela fechou os três chuveiros e abriu a porta de vidro. Ele pegou uma toalha, abriu e começou a secá-la.

Ela sorriu. — Estou bem, Red. Você está me tratando como um bebê.

— Você é o meu bebê.

Ela riu. — Isso é excitante e perturbador ao mesmo tempo. Não vou chamá-lo de *papai*.

Ele bufou. — Espero que não. Isso é algo que não gosto. — Ele recuou quando ela envolveu a toalha em seu corpo e passou para ela outra. — Para o seu cabelo.

— Obrigada.

— Você tem dois lavatórios e um armário enorme.

Ela olhou ao redor. — É horrível, verdade?

Ele franziu o cenho. — É o banheiro mais bonito que eu já vi.

— Cante. Aposto que ecoa aqui. Quem construiu esta casa gostava de espaço ou pensava em ser um cantor de ópera. Nunca usei o armário. Sequer uso maquiagem. Vovô reclamava do cheiro e me dizia que apenas as mulheres que trabalhavam a usavam, era sua forma gentil de dizer: *prostituta*. Então, novamente, um tempo atrás isso provavelmente era verdade. Quando era criança, certa vez perguntei se ele andou de dinossauro quando tinha a minha idade.

Red se divertia. — Aposto que você deu muito trabalho.

— O tempo todo.

Ele a seguiu para fora do banheiro até o closet. Estava quase vazio. — Você não tem muitas roupas.

Ela riu. — Você quer dizer por que apenas uso essa pequena seção? Vinte pessoas poderiam compartilhar este armário. — Ela pegou uma calça legging de um cabide e depois uma camiseta preta enorme. — Faz-me um favor?

— Qualquer coisa.

— Pode colocar algumas roupas nas duas malas naquele canto? Acho que posso levar tudo quando formos embora.

Ele não se moveu.

Ela se virou para ele, olhando. — O quê? Você não quer fazer as malas para mim? Sem problemas. Não demorará muito para fazê-las.

— Você ainda virá para o Alasca comigo?

Ela se aproximou. — Você mudou de ideia sobre nós sermos companheiros?

— Porra, não, mas como posso comparar com isso? — Ele acenou com os braços.

— Odeio essa monstruosidade em uma casa, Red. — Ela soltou as roupas e se aproximou dele, colocando as mãos em seu peito. — Não são apenas palavras para fazer você se sentir melhor. Vovô adquiriu este lugar barato. Ninguém mais queria comprá-lo. E faça o que fizer, não abra nenhuma das outras portas aqui em cima. Está tudo cheio de poeira. De jeito nenhum limpava os lugares que não usamos. Amo sua cabana. É aconchegante e confortável. Já pensou em alguma dessas descrições desde que esteve nesta casa?

— Não. — Ele segurou seus quadris. — Você não mencionou amar minha casa. — Ele sorriu.

— Precisará de alguns ajustes. Até a grande caixa de metal enterrada no chão. Por você, porém, farei um esforço para gostar. — Ela acariciou-o. — Arrumará minhas coisas ou não? Encare isso... eu sou sua.

Ele adorava ouvir isso dela. — E se Malachi a proibir de ficar comigo? — Era o seu pior medo.

— Ele não irá, Red.

— E se o fizer?

Ela lambeu os lábios. — Eu amo meu avô. Devo a ele minha vida. — Ela se levantou na ponta dos pés, mantendo o olhar fixo. — Você é meu futuro, Red. E também te amo. Não posso vê-lo chateado, mas se ficar, terá que superar. Vou com você para nossa casa no Alasca.

Ele sorriu. — Certo. É onde você pertence.

— Qualquer lugar com você é.

Ele abaixou a cabeça e a beijou. Mas manteve leve. Eles precisavam voltar ao andar de baixo para conversar com Malachi e estava curioso para saber o que seu tio Velder faria com os Vampiros assassinos. Então, se lembrou de Eduardo quando se afastou de seus lábios suaves e tentadores.

— Matarei Eduardo por você.

Ela se afastou um pouco, firmando os calcanhares. — Ele é meu.

Ele estendeu a mão e segurou seu rosto. — Você não deve viver com a morte, Emma. Acredita no *Coelho da Páscoa*. Você é suave... e não há nada de errado com isso. Eu te amo do jeito que você é. Diga-me como quer que ele morra e cuidarei de tudo. Deve ser minha mão a acabar com sua vida. Não terei problemas em dormir à noite. Você sim. Eu sou seu companheiro. Deixe-me pegar esse fardo.

Ela pareceu considerar. — Passei a maior parte da minha vida tendo pesadelos com ele. Era meu bicho-papão, Red. Minha infância foi feliz e tive uma mãe maravilhosa até que naquela noite ele traiu meu avô e foi atrás dos VampLycan. Matou os humanos que viviam conosco. Eram nossos amigos, que não tinham ideia de que não éramos como eles. Era uma espécie de comunidade hippie. Todos tinham jardins em seus quintais e todos eram muito gentis. Não mereciam ser caçados e mortos. — Ela fez uma pausa. — Aprecio sua oferta, mas isso é algo que preciso fazer. Ficarei bem com isso. Se por alguma razão eu desistir, você pode matá-lo por mim. Não vejo isso acontecendo. Quis aquele idiota morto desde que percebi que minha mãe nunca voltaria.

Ele assentiu. — Ficarei com você. Sempre. Você hesita, eu o faço.

— Obrigada.

Ele ouviu alguém gritar seu nome. Emma também e ela virou a cabeça na direção de seu quarto.

— Vista-se. — Ele a soltou e saiu do armário, atravessou o quarto e abriu a porta do corredor.

Graves estava perto da escada. — Aí está você. Este lugar é mais como um hotel do que uma casa. Eu não tinha ideia de para onde ir. Velder quer vê-lo.

— Como está Malachi?

— Limpo, cheira muito melhor e parece normal. — Ele sorriu. — Para um vampiro. Preciso dizer, ele é maior do que a maioria dos que conheci. Eu gosto dele. Tem senso de humor.

— Já vamos descer.

— Depressa. Velder não está de bom humor. Um dos vampiros tentou fugir.

— Eles ainda estão vivos?

— Sim. Pest não liquidificou sua bunda, mas fez carinho e esmagou sua mão. — Graves sorriu. — Quero ver esse movimento do liquidificador. Dedos cruzados. Parece grosseiro, mas sinto falta de qualquer simpatia pelas sanguessugas que começaram essa tempestade de merda.

Red voltou para o armário. Emma estava vestida e calçava um tênis. Ele estendeu a mão. — Está na hora.

— Espero que tenhamos tempo para fazer as malas. — Ela olhou para suas roupas. — Gostaria de levá-las ao Alasca comigo. Não tenho muitas roupas ali.

— Nós teremos tempo.

— Velder vai ficar chateado comigo levando as malas?

— Não. Há espaço no jato.

Ficaram em silêncio enquanto desciam a escada principal. Os Vampiros ainda estavam em um círculo na sala de estar. Os Lycan, GarLycan e seus membros do clã os cercavam. Eduardo estava próximo de Paula, sussurrando palavras para ela. Red inclinou a cabeça, ouvindo. O bastardo estava implorando para ela salvar sua vida. Ele observou rosto, vendo uma expressão sem emoção. Duvidava que a assassina pudesse fazer qualquer coisa, independente do que quisesse. Eduardo morreria.

— Vovô! — Emma saiu de seu aperto e correu para o loiro alto que saiu do escritório com seu tio Velder ao lado.

Red observou quando o homem abriu os braços, pegou sua companheira e abraçou-a com força. Ficou tenso, as pontas dos dedos formigando, suas garras querendo rasgar sua pele quando o Vampiro enterrou seu rosto na curva de seu pescoço. Mas não conseguiu impedir o rosnado. Ele o mataria se a mordesse.

Mas Malachi levantou a cabeça rapidamente, sem sangue em seus lábios e seus olhares se encontraram. Red tentou acalmar sua raiva. O Vampiro era o avô de Emma. Não o inimigo. Apenas não gostava dela sendo abraçada por qualquer um que não fosse ele.

Os olhos de Malachi se estreitaram, suas narinas se alargaram e ele olhou para Emma. O Vampiro olhou para ele novamente... e seus lábios se apertaram em uma linha fina.

Emma lutou contra as lágrimas. Odiava chorar, mas foi um dia difícil. — Você está bem?

Seu avô abraçou-a com força novamente e a colocou de pé. Segurou seu queixo, observando seu rosto. — Está ferida. Que parte de a chamar de *princesa* a deixou confusa? Eu a treinei melhor, Em.

Isso ajudou a secar seus olhos. Sentindo a raiva percorrê-la, segurou a mão dele e a tirou de seu queixo. — Não comece, vovô. Pensou que não viria? Por favor.

Ele sorriu. — Pensei que enviaria os VampLycan. Não colocar sua bunda bem na linha de fogo. — Ele olhou para Velder. — Obrigado. Tinha fé que

alguém do clã aparecesse. Sinto muito envolvê-lo, mas me mantiveram envenenado e drogado. Também disseram que todo o Conselho estava procurando minha neta. Em algum momento, ela poderia deixar seu território e ser capturada.

Emma franziu a testa. — Como você conseguiu que Linda ligasse para os VampLycan?

Vovô riu, olhando para ela. — Eu usei os humanos facilmente controlados com ordens de ligar para Howl, no Alasca e dizer que estava procurando por você, se ligasse para eles. Linda era a única humana que fui capaz de alcançar. Ela ainda não tinha se aposentado do emprego. Aqueles idiotas do Conselho queriam você. Eu sabia que se deixasse essa mensagem na secretária eletrônica, você diria aos VampLycan que estava com problemas e eles viriam. — Sua expressão ficou séria. — Esses idiotas acreditavam que fiz um acordo com eles para atraí-la. Juraram que você não se machucaria se a trouxesse. — Ele bufou, lançando um olhar em sua direção. — Como se eu permitisse que idiotas entregassem minha Emma aos bandidos que chamam de Conselho. — Ele olhou para Emma. — Deveria ficar com o clã deles e em segurança.

Emma não se desculparia. — Você teria vindo por mim.

— Eu a ensinei a se salvar, Emma. — Ele olhou para Velder. — Você já tem netos? Eles adoram frustrá-lo e enlouquecer. Esquecem que é mais velho é mais sábio.

Velder riu. — Apenas filhos. Nenhum neto ainda. Mal posso esperar.

Seu avô estendeu a mão, puxando seu cabelo molhado. — Quem é aquele que está me encarando?

Emma recuou e estendeu a mão para Red. — Vovô, eu gostaria que você conhecesse Redson Redwolf.

Red se aproximou e segurou a mão dela, mas parecia tenso. — Senhor.

Seu avô olhou ao redor e depois franziu a testa para Red. — Você parece com seu pai. Klackan não veio?

Emma abriu a boca, mas Red falou primeiro.

— Ele morreu, senhor.

A dor de seu avô apareceu em seu rosto. Ele estendeu a mão para Red, colocando-a em seu ombro. — Seu pai sempre ocupou um lugar especial no meu coração. Estou profundamente ferido por ouvir esta notícia. Tem minhas mais sinceras condolências. — Ele rapidamente olhou para as mãos unidas. — Emma é sua companheira?

Red não hesitou. — Sim.

Seu avô soltou o ombro dele. — Por que você não completou o vínculo?

— Queríamos sua permissão primeiro, senhor.

Emma olhou entre os homens que amava. Red e seu avô pareciam estar em algum tipo de competição sombria. Seu avô finalmente olhou para Velder. — É permitido? Seu pai era humano e não há como esconder isso. Não tenho certeza de quais são suas leis.

Velder se aproximou. — É permitido. Meus filhos se acasalaram com humanas parciais. Minha companheira acredita que é um traço familiar que nossa geração mais jovem compartilha. — Ele sorriu.

Vovô limpou a garganta. — Emma, podemos conversar sozinhos?

Ela não se moveu. — Não.

Vovô fez uma careta e estreitou os olhos.

— Não. — Ela repetiu. — Você sempre disse que queria que encontrasse alguém para amar, confiar e me fazer feliz. Este é Red. Eu quero sua bênção.

— Você a tem.

Ela soltou a respiração que estava segurando.

— Apenas queria ter certeza de que você está ciente da cultura VampLycan. — Ele olhou ao redor. — Sem ofensa. Ela foi criada o mais humana possível. Queria que ela tivesse uma vida normal.

Foi sua vez de bufar. Ela se concentrou, limpando sua mente e empurrou seus pensamentos em direção ao seu avô. — *Não aborreça as pessoas que acabaram de salvá-lo, velho. Eu amo Red e ele teme que possa atacá-lo. Por favor, sorria e seja legal. Eu realmente o amo.*

Seu avô inclinou a cabeça, olhando em seus olhos. — *Eu disse que você tem a minha benção.*

— *Você quase morreu. Não irá me perder. Está ganhando um neto fodão. E nós dois estamos vivos. O VampLycan e Red são responsáveis por isso. Sorria, merda. Aja como se estivesse feliz por isso.*

Vovô balançou a cabeça e sorriu. — *Melhor?*

Emma revirou os olhos. — *Você pode ser tão idiota. Diga a Red que é bem-vindo à família ou algo assim.*

— Que porra está acontecendo? — Velder perguntou.

— Estamos tendo uma conversa privada. — Admitiu Emma. — Vovô precisava de um chute mental.

O sorriso de seu vovô se ampliou. — Bem-vindo à família, Red. Estou muito feliz por você e minha neta serem companheiros. — Ele enfrentou Velder. — Emma tinha quatro anos quando veio para meus cuidados. Ela tem uma capacidade única de receber meus pensamentos e enviar os seus. Sua mãe podia sentir seu humor no útero e às vezes perceber o que estava pensando quando criança.

— Eu não sabia disso. — Emma ficou surpresa.

— Apenas funciona com a família. Sua mãe, depois eu. — Seu avô encolheu os ombros. — Pode ser uma característica humana rara que seu pai tinha ou talvez alguma coisa casual que acontece com VampLycan e crianças humanas. Não havia outros como você por perto para perguntar.

— Qual é a distância?

— Não muito longe. — Seu avô respondeu a Velder. — Dentro da casa até o jardim da frente. É preciso concentração para nós dois. Trabalhamos nisso depois que ouvi alguns de seus pensamentos mais fortes sobre mim. — Ele riu. — *Ele é tão malvado,* foram as primeiras palavras dela que ouvi na minha cabeça. Gritei com ela depois que pulou de uma árvore. Viu-me fazer isso, mas não entendeu que poderia quebrar as pernas ou algo pior de tal altura, se não a tivesse pego. Demorou um pouco para descobrir que não pode fazer o que posso. Precisava lembrá-la continuamente o quão frágil ela é e aceitar suas limitações.

— Aqui vamos nós. — Emma balançou a cabeça.

Seu avô franziu a testa. — O quê?

— Você a fez se sentir inferior. — Red tinha um tom irritado. — Ela não é. Apenas diferente. O sol não pode ferir Emma. Você fritaria, Malachi.

— Sinto muito. — Seu avô parecia horrorizado. — Não foi assim que eu quis que você se sentisse.

— Vamos lidar com problemas familiares mais tarde. — Velder balançou a cabeça em direção à sala de estar e os Vampiros à espera. — Conversarei com Paula, cuidaremos de Eduardo e depois estamos fora daqui.

— O que você fará com os Vampiros do Conselho? — Emma perguntou.

— Farei uma ligação para o Conselho deles, dizer a eles onde podem pegar seus assassinos vivos e avisá-los para ficarem longe dos membros do meu clã. — Ele apontou para Malachi. — Você incluído. Como se sente ao retornar ao Alasca? Pertence ao clã. Tenho certeza de que irá querer ficar perto de Emma.

Emma observou seu rosto, mas ele era muito bom em esconder suas emoções. Sua voz, quando falou, nem sequer dava uma dica. — O sangue se tornaria um problema.

Velder balançou a cabeça. — Às vezes os VampLycan nascem mais Vampiros. Eles são alimentados. Isso não é um problema. Os mais jovens tomam a veia de um membro da família. Os mais velhos de sacos. O clã ajuda um ao outro.

Emma se aproximou. — Pelo menos venha por um tempo, até que as coisas se acalmem. Você sabe que se preocuparia comigo do contrário. — Ela apontou o polegar em direção aos Vampiros. — Dê-lhes um período de reflexão.

Ele se dirigiu a Velder. — Ficaria honrado.

— Ótimo. — Velder fez uma pausa. — Eu dei a Emma minha palavra de que ela poderia matar Eduardo. Você está bem com isso? Ele era um membro do seu ninho.

Raiva cobriu o rosto de seu avô. — Eu mesmo matarei este idiota.

Emma não considerou que ele poderia querer acabar com Eduardo. Podia sentir Red ficar tenso ao seu lado. — A morte dele é sua, vovô. Ele matou minha mãe, mas ela também era sua filha. Além disso, passou todo esse tempo tendo que lidar com ele desde que invadiu a casa. — Ela não podia imaginar como era para seu avô ser colocado em seu próprio cofre. — A vingança é sua.

Seu avô estendeu a mão e apertou o ombro dela. — Obrigado. Você não precisa assistir. Pretendo fazê-lo sofrer primeiro. — Ele olhou para Red. — Talvez você devesse levá-la para outro lugar.

Ela queria gemer de frustração, sabendo que Red faria isso. Ele a surpreendeu, contudo.

— Emma é forte e merece testemunhar a morte do assassino de sua mãe. Eu ficarei com ela.

Lágrimas quentes encheram seus olhos e ela piscou de volta, sorrindo para ele.

Red não parecia feliz, mas ele apertou sua mão. — Eu sei o quanto é importante para você.

— Sim

— Vamos acabar com isso. O sol vai descer em poucas horas e nós precisamos preparar o jato. — Velder se aproximou de Malachi. — Como você se sente sobre voar com um GarLycan? Isso economizaria tempo assim que nos instalássemos no Alasca, para que se abrigasse antes que o sol nascesse.

Seu avô riu. — Eu amo novas experiências.

— Ele é um viciado em adrenalina. — Emma compartilhou com todos. — Você pode se arrepender de ter oferecido. Ele perseguirá Glacier para levá-lo voando por aí se gostar.

— Shush, neta. Não estrague minha diversão.

Emma revirou os olhos. — Não leve horas para matar Eduardo, mas torne isso doloroso, por favor. Preciso arrumar as malas de irmos. Não deixarei minhas roupas.

Eles caminharam em grupo na direção dos Vampiros. Eduardo tentou se esconder atrás dos Vampiros mais próximos, como se alguém esquecesse que ele estava lá. Seu avô passou por eles, agarrou-o pelos cabelos e arrastando-o para a lareira. Nenhum dos membros do Conselho Vamp protestou ou disse uma palavra. Provavelmente temiam serem os próximos.

— Mal. — Eduardo gemeu. — Eu sou seu filho!

Malachi bateu-o contra a pedra, soltou seu cabelo e um arrepio percorreu a espinha de Emma enquanto seu avô soltava o controle sobre sua raiva em uma onda de ameaça e poder vampírico. Depois de olhar, ela estava certa de que todo mundo também sentia. Alguns VampLycan ergueram as sobrancelhas, mas não se afastaram. Os Vampiros no chão tremeram.

Red a puxou para perto, colocando o braço ao redor dela. Aconchegou-se contra seu lado, mas não desviou o olhar.

— Você matou minha filha. Ordenei que não fosse atrás de Kallie e dos outros. Eles estavam sob nossa proteção. Você me traiu, foi para outro ninho e tirou meu bebê de mim.

Emma abaixou o olhar quando o sangramento começou. Seu avô sempre foi gentil e doce com ela. A menos que estivessem treinando. A maneira como usou suas garras para cortar Eduardo a fez se sentir mal. Red não tentou afastá-la. Ele segurou-a com força, permanecendo ao seu lado. Os gritos e pedidos de misericórdia de Eduardo não acabaram com seu sofrimento.

— Eu o sentencio à morte da qual uma vez o salvei! — Seu avô gritou.

Emma ergueu o olhar quando Velder ofereceu uma espada para Malachi. Ele a usou, cortando a cabeça de Eduardo. Atingiu o chão, rolou e ambas as partes dele se dissiparam.

Estava feito. O homem de seus pesadelos nunca teria a chance de feri-la ou caçá-la novamente. Vovô encontrou seu olhar, mantendo-o.

Ela o conhecia bem. Temia que ela o visse diferente. — Eu te amo.

Seu avô colocou a espada no suporte da lareira.

Red aliviou seu aperto sobre ela. — Vamos arrumar suas coisas. Nós não precisamos ver meu tio ameaçando esses bastardos novamente.

Ela concordou. Seu olhar para o avô.

Ele deve tê-los ouvido do outro lado da sala. — Vá. Arrumarei as minhas coisas em poucos minutos. Nós nunca voltaremos aqui. Queimarei a casa até o chão.

Havia muito sangue na casa para uma medida tão extrema. Quem sabia o que os Vampiros fizeram enquanto estavam lá? Por tudo o que sabia, havia corpos escondidos. Era um pensamento sombrio. A evidência precisava ser destruída.



Velder viu Red e Emma desaparecerem no andar de cima e fez sinal para que Malachi caminhasse com ele. O Vampiro seguiu-o até um canto da sala.

— Obrigado por ter vindo.

Velder sorriu. — Você sabia que viríamos.

— Esperava. Vocês VampLycan são honrados e tratam bem seus amigos.

— Aprendemos com você. — Velder sentia falta do velho amigo. — Está realmente aceitando Red e Emma como companheiros?

— Sim. Contanto que ela seja aceita no clã.

— Vocês dois são considerados do clã. Foi o único a ir embora. Não pedimos isso.

— Não tive escolha.

Velder lembrou-se. — O que aconteceu com seus filhos com traços de vampiro?

A tristeza encheu os olhos de Malachi. — Eles não gostaram das minhas regras ou do jeito como continuava tentando convencê-los de que os humanos importavam. Os jovens são muitas vezes obstinados e arrogantes. Eles fugiram juntos da cidade uma noite. Eu não os vi desde então.

— Sinto muito, meu velho amigo. — Velder não podia imaginar seus filhos desaparecendo de sua vida.

— Foi o melhor.

— Eu não sei como você pode dizer isso.

A expressão de Malachi endureceu, seus olhos ficaram frios. — Eu provavelmente teria que transformá-los em cinza com o tempo. Nenhum pai deve matar seus próprios filhos. Eles mostraram pouca empatia ou compaixão com sua mãe e irmã. — Ele abaixou a voz. — Senti alívio quando foram embora. Eles caçavam à noite sem mim porque eu não me sentia seguro deixando minha amada companheira e minha filha desprotegidas contra meus próprios filhos.

Velder estendeu a mão e segurou os ombros de Malachi, dando-lhes um aperto firme. — Sinto muito.

— Estou bem.

— Estou feliz que esteja voltando para o Alasca.

Malachi sorriu, mas a tristeza voltou a seus olhos. — Apenas queria que minha amada ainda estivesse viva.

Velder deu-lhe outro aperto e soltou-o. — Eu não posso imaginar perder minha companheira. Sinto muito, amigo.

— Eu tenho Emma. Isso é mais família do que a maioria dos outros Vampiros tem.

— Você também tem a nós, Malachi.

Capítulo Quinze

Red carregou ambas as malas e depois voltou para a varanda de sua cabana para pegar suas malas de viagem. Emma se despediu de Lake, que os levou de carro do pequeno aeroporto de Howl até a cabana. Ela estava feliz por voltar ao Alasca.

Red e ela entraram e ele trancou a porta. — Você quer ver Malachi?

— O sol está no céu. Ele precisa de um sono ininterrupto depois de ser ferido. — Ela não queria pensar no que seu avô passou. — Ele concordou em ficar aqui por alguns meses. Teremos muito tempo para conversar.

— Estou feliz por ele aceitar sermos companheiros.

— Eu disse. — Ela estendeu a mão e as em seu peito. — Ele não é um vampiro do mal.

— Ele não ficou emocionado.

— Nós conversamos um pouco no jato enquanto você estava no banheiro. Apenas tem medo de que não me adapte a viver com VampLycan.

Red bufou. — Diz o Vampiro.

Ela riu. — Apontei isso e disse que a parte mais difícil de se me adaptar era ao seu bronzeado.

Red sorriu. — O que ele temia? Todos no clã a aceitaram.

— Ele viu Jarred mudando na sala de estar. Vovô não tinha certeza se eu o vi com quatro patas. Disse a ele que sim. Perguntou se fiquei com medo e disse que não, porque ainda era você. Nunca me machucaria.

— É isso?

— Sim. Ele está realmente aliviado por sermos companheiros. Disse que você vai me tratar melhor que um humano. Claro, então apontou que não podia controlar sua mente para lembrar aniversários. Eu disse para usar sua boca e lembrá-lo desse jeito.

— Você e seu avô têm um senso de humor distorcido.

— Eu sei e agora somos seus. O que isso diz sobre você?

— Eu realmente te amo. Está com fome? Cansada?

— Eu dormi no seu colo durante o voo e comi no avião. Estou bem. Voltaremos para a toca?

— Não há razão para isso. Tio Velder cuidou dos assassinos, eles têm medo de se aproximar de nós ou dos GarLycan. Eu a levei lá para mantê-la segura. Ninguém virá por você aqui.

Ela pensou em Velder deixando os Vampiros irem antes que a casa fosse incendiada. Ela sorriu. — Foi tão engraçado quando Glacier e Tempest desceram do céu enquanto corriam por suas vidas.

Ele riu. — Adorei quando Pest pegou o mais lento e voou com o pé dele sobre o restante, então o deixou cair na frente.

Ela riu muito. Isso foi divertido. — Eu nunca ousaria encurtar o nome dele assim.

— Eu também. Glacier é seu irmão embora.

Ela sorriu para ele. — Acasale comigo, Red.

Ele não hesitou em pegá-la em seus braços e levá-la até a escada.

Colocou os braços ao redor do pescoço dele. — Nenhum argumento, hein?

— Foda-se não. Esperei tempo suficiente. — Ele não parou até chegarem ao seu quarto. Chutou a porta atrás deles e suavemente a colocou na cama. — Tire as roupas.

Ela tirou os sapatos, a blusa em seguida. Red apenas rasgou suas roupas, jogando-as na direção da parede mais próxima.

— O que eu preciso fazer?

— Virá naturalmente. Confie nos seus instintos.

Ela assentiu, levantando-se da cama para se livrar da legging. Red terminou de se despir primeiro e puxou os lenços da cama, junto com os cobertores.

Ela se virou, encontrando seu olhar. — Por um tempo, nunca pensei que ficaríamos sozinhos.

Ele deu a volta na cama e a levantou, beijando-a. Ela gemeu contra sua boca e envolveu suas pernas ao redor de sua cintura. Levantou-a mais e foi para cama, prendendo-a sob seu corpo. Amava a sensação de sua pele quente pressionada contra a dela. Suas mãos percorreriam seu corpo, fazendo-a queimar com necessidade.

Ele cheirava incrível e se lembrou daquela coisa de feromônios, imaginando se entraria no cio novamente. Abraçaria tudo. Esta era uma parte de sua vida que ansiava com Red como seu companheiro.

Ele afastou sua boca e começou a deixar beijos ao longo de sua garganta, descendo por seu corpo. Agarrou o cabelo dele, puxando-o de volta. — Estou tão molhada. Entre em mim. Não preciso de preliminares.

Seus olhos estavam dourados com aquele brilho incrível neles. Ela não desviou o olhar.

— Eu quero provar você. Cheira bem para caralho.

Seus mamilos ficaram mais duros. — É tão sexy quando você rosna para mim.

— É sexy para caralho quando suas coxas estão ao meu redor.

— Em mim, Red. Agora.

— Tão exigente. — Ele abaixou a cabeça, tocando a ponta de um seio e apertando. Ela estremeceu. Foi quase doloroso, mas parecia bom ao mesmo tempo. — Paciência, Emma.

— Foda-se isso. Quero você desde a noite anterior, quando tive que dormir perto naquela cama e não podermos fazer mais do que abraçar. Não havia privacidade no jato, exceto o banheiro e eu não queria incomodar ninguém, bloqueando-nos o lugar por um tempo, já que havia apenas um banheiro.

Red levantou-se, segurando seu olhar. — Você não tem presas. Terei que cortar minha pele quando chegar a hora. Beba de mim quando a morder.

Ela sentiu um momento de incerteza, mas então olhou em seus olhos, assentindo. — Entendi.

Ele alcançou entre eles, provocando seu clitóris com o dedo. Ela gemeu e ajustou as pernas ao redor de sua cintura, usando seu corpo para mover os quadris e provocá-lo.

— Porra, você está tão pronta.

— Sim, eu disse.

Ele parou de brincar com ela, agarrou-a e ajustou a cabeça de seu pau contra ela. Esfregou-o por sua fenda, provocando. Ela cravou as unhas em sua pele, não sendo cuidadosa.

— Agora. — Ela exigiu. — Por favor, Red. Preciso de você.

Ele pressionou contra sua abertura, soltou seu eixo e apoiou os braços quando empurrou para frente, entrando nela profundamente e rápido.

Emma inclinou a cabeça para trás e gritou seu nome. Red rosnou, então começou a se mover rápido e forte. Prazer aumentou rapidamente e Emma sabia que não duraria muito antes que gozasse. Estava muito excitada, Red não era humano, sexo com ele era mil vezes melhor do que qualquer coisa que experimentou com seus ex.

Ele enterrou o rosto na garganta dela, passou a língua pela pele, depois moveu o braço para o outro lado. Olhou para baixo, Emma observou suas garras saírem das pontas de seus dedos. Arrastou uma ponta afiada ao longo da pele abaixo do ombro. O sangue escorreu e ela sentiu suas presas no pescoço.

Queria mordê-lo enquanto a fodia mais forte, mais rápido. Levantou a cabeça, colocando a boca sobre o pequeno corte e seu sangue atingiu sua língua. Emma abriu a boca e mordeu, chupando e engolindo. Red a mordeu de volta, rosnando.

Era isso. O mundo explodiu em sua mente quando gozou forte.

Emma parou de tomar seu sangue quando sua ferida começou a se fechar, então Red afastou as presas de sua garganta. Ele lambeu a mordida. Ambos ofegaram com força e ela sorriu.

— Uau. Acho que vi estrelas.

— *Eu daria cada uma delas para você, baby.*

— Isso é tão doce.

— O quê? — Red olhou para ela. Seus olhos estavam totalmente negros agora e sua voz saiu muito rouca.

Ela franziu a testa. — Isso foi estranho.

— O quê? Você não gostou do sabor do meu sangue?

— Não. Como você mudou drasticamente sua voz.

— Sobre o que você está falando? — Ele franziu o cenho. — *Eu tomei muito sangue? Porra. Deveria ter sido mais cuidadoso.*

— Eu gosto de duro e forte.

Seus olhos se arregalaram e ele levantou a cabeça, olhando para ela. — Olhe para minha boca.

Ela abaixou o olhar. — Eu amo seus lábios. Quero mordê-los.

— *Eu te amo mais do que a vida.*

Sua boca não se moveu... mas ela o ouviu. Ficou surpresa quando o olhou.

— *Você me ouve, não é, baby?*

Ela assentiu e se concentrou. — *Você pode me ouvir?*

Ele sorriu. — Sim. Estamos fortemente conectados. Isso não deveria ter acontecido tão rápido. Geralmente não é possível com humanos, mas você deve ter muito sangue VampLycan. Eu a ouço claramente. Fale comigo novamente.

— *Eu também te amo. Por que você parece tão assustado?*

— Incrível. — Ele respirou. — E não estou assustado. Apenas surpreso. As palavras são claras! — Ele alcançou entre eles e beliscou seu mamilo.

Ela pulou. — Ai!

Ele franziu a testa. — Eu não senti isso.

— Eu senti! Que porra?

— Companheiros VampLycan bem conectados podem sentir o que o outro faz durante o sexo. É uma conexão física.

Isso soava divertido e ela ficou um pouco desapontada por não experimentar. — Talvez aconteça com o tempo.

— Talvez. Mas não importa. Eu não tenho queixas. Posso ouvi-la na minha cabeça. — Ele sorriu. — *Eu te amo, porra.*

— *Sou toda sua.*

— Apenas espero que eu não possa ouvir seu avô. — Ele saiu de seu corpo. — Bem, isso amoleceu meu pau. Vamos fazer uma regra, nunca falamos sobre ele enquanto estivermos na cama.

Ela riu quando ele rolou e o seguiu, apertando-se contra seu lado. — Combinado.

— Minha companheira.

Ela sorriu, colocando a cabeça no peito dele, ouvindo o coração. — Meu companheiro.

De repente ele riu.

— O que é tão engraçado?

— Apenas me ocorreu que isso é real e eu não tive que matar um Vampiro para mantê-la. Obrigado, Emma.

— Isso significa que você não ficará tão mal-humorado? Achei aquilo um pouco fofo.

Ele rolou novamente, prendendo-a sob ele mais uma vez. — Você me quer mal humorado?

— Eu quero tudo o que você tem para me dar, Red.

— Você vai me fazer esconder ovos e essas quando tivermos filhos, não é?

Ela ficou confusa.

— Aquele maldito *Coelho da Páscoa*.

— Você está pensando nisso agora?

— Isso me deixa mal-humorado. — Ele se inclinou e deu um beijo em seus lábios e sorriu. — Mas o faria. Você quer filhos, não é?

— Eu tenho quarenta anos. Estou pronta para ter bebês mini- Redson sempre que você estiver. Quantos anos você tem?

Ele apenas riu.

— Vamos, conte-me.

— Mais velho que você.

— Você é um chato.

— Eu sou *seu* chato. — Ele moveu a mão pelo seu lado e sob sua bunda, dando-lhe um aperto. — E esta é a minha bunda. É melhor que pegar o queixo, certo?

Ela riu. — Muito.

Sua expressão ficou pensativa.

— No que está pensando?

Seus olhos se iluminaram, o negro recuando. — Estou apenas imaginando nosso futuro. Ter filhos. Assistir desenhos animados nos feriados humanos que tenho certeza de que você

insistirá. Provavelmente até arrastar uma árvore morta para decorar. — Seus lábios tremeram e seus olhos se iluminaram ainda mais, ficando dourados. — Estou ansioso para tudo isso ao seu lado.

Ela piscou as lágrimas. — Você é a melhor coisa que já aconteceu comigo, Red.

— O mesmo para você. Vamos fortalecer mais nosso vínculo. — Ele soltou sua bunda e estendeu a mão, roçando o polegar sobre uma das contusões em seu braço de sua luta com os Vampiros já desaparecendo. — Você está se curando mais rápido. Odeio ver estes hematomas.

— Esqueça isso. — Ela colocou os dedos em seu cabelo. — Faça amor comigo.

— Felizmente, pelo resto de nossas vidas.

Fim